



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURAL REGIONAL**

RÔMULO JOSÉ FRANCISCO DE OLIVEIRA JÚNIOR

**ANTONIO SILVINO
“De Governador dos Sertões a Governador da Detenção”
(1875-1944)**

RECIFE / 2010



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURAL REGIONAL**

RÔMULO JOSÉ FRANCISCO DE OLIVEIRA JÚNIOR

ANTONIO SILVINO
“De Governador dos Sertões a Governador da Detenção”
(1875-1944)

Dissertação apresentada como requisito parcial a obtenção do grau de Mestre em História ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura Regional da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Ângela de Faria Grillo

RECIFE / 2010

Ficha catalográfica

O48a Oliveira Júnior, Rômulo José Francisco de
Antonio Silvino: de governador dos sertões a governador da
detenção (1875-1944) / Rômulo José Francisco de Oliveira
Júnior. – 2010.
152 f. : il.

Orientadora: Maria Ângela de Faria Grillo
Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura
Regional) - Universidade Federal Rural de Pernambuco.
Departamento de Letras e Ciências Humanas, Recife, 2010.
Inclui referências e anexo.

1. História 2. Antonio Silvino 3. Biografia 4. Cangaço
Representações I. Grillo, Maria Ângela de Faria, orientadora
II. Título

CDD 920



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA CULTURA
REGIONAL

ANTONIO SILVINO

“De Governador dos Sertões a Governador da Detenção”

(1875-1944)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO ELABORADA POR

RÔMULO JOSÉ FRANCISCO DE OLIVEIRA JÚNIOR

APROVADA EM 01 / 03 / 2010

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dra. Maria Ângela de Faria Grillo
Orientadora – Programa Pós-Graduação em História - UFRPE

Prof^º Dr^º Durval Muniz de Albuquerque Júnior
Programa Pós-Graduação em História – UFRN

Prof^ª Dra. Isabel Cristina de Martins Guillen
Programa Pós-Graduação em História– UFRPE/UFPE

Para Vovô Guilherme (*in memoriam*), ao ler este trabalho ele certamente relembriaria seus tempos de infância no sertão pernambucano.

AGRADECIMENTOS

A tarefa de agradecer é algo muito delicado, pois nos nossos sentimentos acabamos por lembrar alguns e esquecemos de outros, desabafamos problemas, louvamos conquistas e sempre temos a certeza de que, apenas uma etapa foi cumprida e que teremos pela frente uma longa caminhada. Algumas pessoas e órgãos institucionais precisam ser lembrados nestes agradecimentos, não por pieguismo, mas porque realmente fizeram parte dessa construção.

Em primeiro lugar agradeço a minha Orientadora Ângela Grillo, que têm estado comigo desde os tempos da Graduação em História. Ela sempre me oportunizou o crescimento acadêmico. Sei que construímos muito mais do que uma relação de orientação de mestrado, mas uma Verdadeira Amizade. A mim só resta dizer, muito obrigado!

Aos meus colegas do mestrado da UFRPE pelos debates e conversas, em especial preciso agradecer a Juliana Rodrigues por andar de mãos dadas da graduação até o mestrado, Juli é uma irmã que a vida me deu! A Bianca Nogueira e Jordana Leão pelo estudo em conjunto, pelo carinho, serenidade, horas de riso, conversas por msn, orkut e telefone.

A professora Isabel Guillen e ao professor Durval Muniz de Albuquerque, presentes no exame de qualificação, em que muito aprendi e me beneficiei com as sugestões e contribuições dadas ao meu trabalho, inclusive dando novos rumos na pesquisa acadêmica. Com a Prof^ª Isabel aprendi posturas acadêmicas e tive a possibilidade de conhecer uma variedade de produções no campo da História e da Cultura. Com o Prof^º Durval aprendi por meio de seus livros a usar da sensibilidade e o fazer a pesquisa com “tesão”.

Às professoras que tive no mestrado e muito contribuíram para que eu pudesse ampliar meus conhecimentos: Alcileide Cabral, Vicentina Ramires, Giselda Brito, Suely Almeida e Isabel Guillen. Um time de mulheres que me fez analisar a sensibilidade que se precisa ter ao estudar a vida de um homem do sertão.

À Noemia Luz, que carinhosamente me acolheu no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano e em sua casa, sempre lendo o texto e dando contribuições importantes. Sua orientação, suas críticas e elogios, além da torcida para que fosse possível concluir este trabalho foram de uma grande nobreza e amor a profissão do Historiador. Você foi bastante especial.

À FACEPE, cujo apoio essencial, com recursos materiais, acredito que teria sido muito difícil concluir essa etapa de aperfeiçoamento profissional sem o auxílio desse órgão de fomento a pesquisa do Estado de Pernambuco.

Aos meus colegas, funcionários e funcionárias, professores e professoras do Departamento de Educação, alunos e alunas da UFRPE, tenho que lembrar que durante o mestrado fui professor substituto nesta mesma instituição, e estes estavam sempre curiosos em saber como andava cada etapa da pesquisa, tirando dúvidas, promovendo debates, me recebendo com muito carinho, elogiando e criticando meu trabalho. Em especial no Departamento de Educação agradeço a Denise, Célia e Jane. E no Departamento de Letras e Ciências Humanas agradeço a Maria (Tia) e Marcos.

Ao Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura Regional - UFRPE, sob a coordenação do professor Wellington Barbosa e da professora Ana Nascimento, à funcionária Alessandra e ao estagiário Paulo, que muitas vezes foram de um companheirismo muito importante dando sempre resposta aos trâmites burocráticos do Mestrado.

Aos funcionários dos espaços de pesquisa por onde andei: APEJE, FUNDAJ, Biblioteca Pública Castelo Branco, Biblioteca da UFRPE e UFPE, sempre prestativos na busca de acervos e ainda contribuindo para o trabalho. Em especial a Ildo Leal, que me acolheu no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), auxiliando em muito na pesquisa aos documentos da Casa de Detenção do Recife.

Durante a visita realizada na Cidade de Afogados da Ingazeira-PE, preciso agradecer a várias pessoas. Fui recebido pelo carinho de Dona Luzinete Amorim que passou horas conversando sobre onde eu poderia encontrar informações sobre o cangaceiro Silvino. Ao padre Josenildo Oliveira, da Paróquia do Senhor do Bom Jesus dos Remédios e a secretária da Casa Paroquial Maria Socorro Cavalcanti, que abriram os arquivos religiosos datados desde 1836 para que eu pudesse pesquisar sobre o contexto da época de infância de Antonio Silvino. As funcionárias da Biblioteca Pública Municipal Monsenhor Arruda Câmara, Janaína Lima e Irene Nogueira que cederam manhãs para pesquisar comigo o histórico da cidade e fragmentos que versassem sobre Silvino.

A meus pais, Vera Guzella e Rômulo Oliveira, que me oportunizaram a formação familiar, escolar, moral e ética para lidar no dia-dia com as situações boas e ruins. Meus pais são um presente na minha vida. A atenção, o carinho, as broncas, a torcida em cada vitória que conquistei devo ao respeito e a dedicação que sempre tiveram comigo. Painho e Mainha Amo muito vocês!

A minhas irmãs Daisy e Kátia, ao meu irmão Roberto, pela torcida, mas especialmente a minha sobrinha, Maria Beatriz, uma menininha linda, que muitas vezes queria colo e atenção justamente nas horas que eu estava escrevendo ou estudando. Riscou livros, papéis, apagava, pintava, falava e mexia em tudo. Ela me fez brincar e rolar no chão, ela me faz rir e

emocionar desde o seu nascimento em 15 de abril de 2008 até os dias de hoje. Beatriz foi importante nas horas que as leituras e o cansaço me pedia para dar um tempinho e respirar.

Ao companheirismo de Euclides (Dinho), que soube compreender as horas de estudo nas madrugadas, os meus choros e as ausências emocionais. Ele transcreveu matérias de jornais, visitou arquivos comigo, leu diversas vezes este trabalho e esteve atento aos meus devaneios de historiador respondendo com risos, caras feias e com um carinho imenso. Nativo de Afogados da Ingazeira, terra de Antonio Silvino, Euclides opinou e criticou sobre o cenário sertanejo e a descrição da região do Pajeú, quando eu teimava em cair nas generalizações feitas por quem não viveu no sertão. Agradeço demais por estar comigo nas horas que mais precisei. Amo muito você!

A Vovó marinete, as minhas tias Denise e Demilze, que foram de grande carinho e apoio nos momentos familiares e aos amigos e amigas que estiveram comigo nas horas de descontração, Amanda, Elaine Santos, Elaine Patrícia, Rose, Thiago, Thiaguinho, Anderson, Wanderson, Gabi, Carla e Ingrid e Ingrid Pires.

As meninas da Xerox de Shirley: Elaine, Vivi, Renatinha e Shirley. Obrigado pela atenção e pelos “créditos” nas horas que foram necessárias.

A todos e todas que direta ou indiretamente contribuíram para essa pesquisa.

[...] só havia uma grandeza no mundo, era a grandeza do homem quem não temia o governo, do homem que enfrentava quatro estados, que dava dor de cabeça nos chefes de polícia, que matava soldados, que furava cercos, que tinha poder para adivinhar os perigos.

José Lins do Rego. **Fogo Morto**. Rio de Janeiro. José Olympio. 2004. p.145.

RESUMO

Antonio Silvino: “De Governador dos Sertões a Governador da Detenção” (1875-1944) é um trabalho que surgiu do desejo de compreender quem foi o cangaceiro Antonio Silvino segundo a visão dos jornais, que eram lidos por uma classe letrada e pelos Cordéis que atingiam uma população de pouca instrução. Este trabalho teve como objetivo construir uma biografia, em que procurei estar atento à nomenclatura dada pelos documentos que versaram sobre o cangaceiro, ao contexto histórico e às representações que lhe foram atribuídas pelos jornais recifenses, pelos documentos públicos e pelos cordéis de Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros, em cada fase que classifiquei da vida de Antonio Silvino. O exercício que ora apresento não abarca a totalidade do sujeito biografado, isso seria impossível de fazer, pois, assim como a escrita da história é uma resposta provisória sobre o passado, a escrita biográfica também é. Busquei realizar uma discussão teórico-metodológica pautado nos estudos da História Cultural e da construção de biografias, que já estão sendo debatidos desde a década de 1970. O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro apresento o contexto histórico em que nasceu Manuel Baptista de Moraes, verdadeiro nome de Antonio Silvino. No segundo, analiso as ações do cangaceiro desde o ano 1900, quando ele assume como chefe de bando, até sua prisão em 1914. No terceiro discorro sobre a espetacularização que se fez a respeito de sua prisão e sobre os sujeitos que atuaram nela. No quarto capítulo verso sobre o cotidiano de Silvino na Casa de Detenção do Recife, analisando as suas mudanças de comportamento e seus desejos na cadeia, concluindo com a sua liberdade e o findar de seus dias no ano de 1944, na cidade de Campina Grande – PB. A pesquisa mostrou a possibilidade de compreender o cangaceiro para além da imagem de herói e bandido, pois reconstituir a fragmentada vida deste cangaceiro permitiu visualizar um sujeito do ponto de vista humano e perceber que ele foi um homem de natureza política.

Palavras-Chave: Antonio Silvino, Biografia, Representações.

RIASSUNTO

Antonio Silvino: “Da Governatore dei retroterre a Governatore dell’Arresto” (1875-1944) è un lavoro che è venuto dal desiderio di capire chi fu il brigante Antonio Silvino secondo l’opinione dei giornali che venivano letti da una classe letterata e dai cordel, i quali raggiungevano una popolazione poco istruita. Questo lavoro ebbe come obiettivo costruire una biografia dove ho cercato di essere attento alla nomina data dai documenti che versarono a riguardo del brigante al contesto storico ed alle rappresentazioni che gli furono date dai giornali recifensi, dai documenti pubblici e dai cordel di Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros, in ogni fase che ho classificato della vita di Antonio Silvino. L’esercizio ora presentato non ci porta la totalità del soggetto biografato, ciò sarebbe impossibile da fare, già che, così come la scritta della storia è una risposta provvisoria sul passato, anche lo è la scritta biografica. Ho cercato di realizzare una discussione teoricomethodologica rigata sugli studi della Storia Culturale e della costruzione di biografie, i cui vengono discussi dalla decade del 1970. Il lavoro viene diviso in quattro puntate. Nella prima, presento il contesto storico in cui è nato Manuel Baptista de Moraes, il vero nome di Antonio Silvino. Nella seconda, faccio l’analisi delle azioni del brigante dal 1900, quando viene presentato come un capofila, al suo arresto nel 1914. Nella terza, discorro sulla spettacolarizzazione che c’è a riguardo del suo arresto e sui soggetti che ce ne hanno attuato. Nella quarta puntata verso a riguardo del quotidiano di Silvino dentro la “Casa de Detenção do Recife”, analizzando i suoi cambiamenti abitudini personali ed i suoi desideri dentro l’arresto, concludendo con la sua libertà e la fine dei suoi giorni nel 1944, nella città di Campina Grande – PB. La ricerca mostrò la possibilità di capire il brigante al di là dell’immagine di eroe eppure brigante, già che ricostruire la frammentata vita di questo brigante permise visualizzare un soggetto dal punto di vista umano e rendersi conto di che lui fu un uomo di natura politica.

Parole chiavi: Antonio Silvino, Biografia, Rappresentazioni.

ABSTRACT




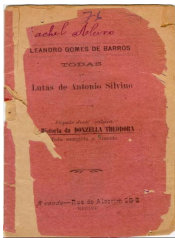


Antonio Silvino, "From Governor of backwoods to Governor of Detention" (1875-1944) is a work that came from the desire to understand who the "cangaceiro" Antonio Silvino was, from the vision of newspapers that were read by an educated class and the "cordéis" that had reached a population of little education. This study aimed to construct a biography, in which I tried to be aware of the nomination given in the documents related to the bandit, the historical context and the representations assigned to the newspapers from Recife, the public documents and the "cordéis" by Francisco das Chagas Batista and Leandro Gomes de Barros, in each stage that I described Antonio Silvino's life. The exercise now presented does not cover the whole subject of his biography, it would be an impossible thing to do, as well as the writing of history is an interim response about the past, and so is the biographical writing. I wanted to perform a theoretical and methodological discussion based on studies of cultural history and the construction of biographies, which are already being debated since the 1970s. This work is divided into four chapters. The first presents the historical context in which Manuel Baptista de Moraes was born, Antonio Silvino's real name. In the second, I analyze the actions of the bandit from 1900 on, when he takes on as the head of a gang, until his arrest in 1914. The third one is about the spectacle that was made about his arrest and on the individuals who acted on it. The fourth chapter focuses Silvino's routine in the Casa de Detenção in Recife, analyzing his behavior changes and his desires in jail, concluding with his freedom and the ending of his days in 1944, in the city of Campina Grande - PB. The research has shown the possibility of understanding the "cangaceiro" beyond the image of hero and villain, 'cause reconstruct the fragmented life of this cangaceiro" allowed a visualization of this man from a human's point of view and realize that he was a man with a political nature.


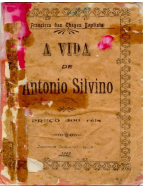




Keywords: Antonio Silvino, Biography, Representations







LISTA DE ABREVIATURAS

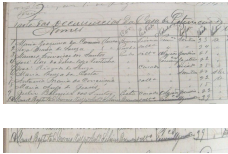
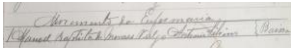





APEJE	–	Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano
CDR	–	Casa de Detenção do Recife
DP	–	Diário de Pernambuco
FACEPE	–	Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco
FUNDAJ	–	Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais
PB	–	Paraíba
PE	–	Pernambuco
RN	–	Rio Grande do Norte
RJ	–	Rio de Janeiro
SDS	–	Secretaria de Defesa Social
UFPE	-	Universidade Federal de Pernambuco
UFRPE	–	Universidade Federal Rural de Pernambuco



ÍNDICE DE IMAGENS

FIGURA	FONTE	PÁGINA
<p>Fig. 01</p> 	<p>Folhetos de Cordel pendurados para venda. Acervo fotográfico da FUNDAJ</p>	31
<p>Fig. 02</p> 	<p>Foto da Tipografia e Livraria Popular Editora, de Chagas Batista. livro- Francisco das Chagas Batista. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa. 1977.</p>	32
<p>Fig. 03</p> 	<p>Foto do busto de Leandro Gomes de Barros publicada nos seus folhetos. Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa – RJ.</p>	34
<p>Fig. 04</p> 	<p>Capa do folheto “Todas as lutas de Antonio Silvino”, contendo no alto, a assinatura de Rachel Aleixo, filha do poeta. Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa – RJ.</p>	34
<p>Fig. 05</p> 	<p>Foto da construção da Igreja matriz no ano de 1910. Acervo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Remédios. Livro de Tombo ano de 1911. p.25.</p>	43
<p>Fig. 06</p> 	<p>Foto da Igreja matriz após a conclusão da obra e já com o coreto central. Ano de 1920. Acervo da Biblioteca Pública da Prefeitura de Afogados da Ingazeira.</p>	43

<p>Fig. 07</p> 	<p>Mapa de Pernambuco contendo as cidades que Silvino circulou no período do Cangaco. Acervo do autor.</p>	<p>57</p>
<p>Fig. 08</p> 	<p>Capa do folheto A Vida de Antonio Silvino, datado do ano de 1905 Fundação Casa de Rui Barbosa - RJ</p>	<p>58</p>
<p>Fig. 09</p> 	<p>Xilogravura de Antonio Silvino na Capa do folheto A História de Antonio Silvino, de autoria de Chagas Batista, publicado em 1907. Fundação Casa de Rui Barbosa - RJ</p>	<p>71</p>
<p>Fig. 10</p> 	<p>Propaganda da Loja Casa Freitas publicada no Diário de Pernambuco em 30 de nov. de 1914. p. 02 Acervo FUNDAJ.</p>	<p>96</p>
<p>Fig. 11</p> 	<p>Antonio Silvino, ferido, na enfermaria da Casa de Detenção do Recife. 1914. Jornal Pequeno. Recife. 28 de nov.1914. Acervo FUNDAJ</p>	<p>97</p>
<p>Fig. 12</p> 	<p>Pontos de ferimentos de Antonio Silvino, na enfermaria da Casa de Detenção do Recife. 1914. Jornal Pequeno. Recife. 28 de nov. 1914. Acervo FUNDAJ</p>	<p>97</p>
<p>Fig. 13</p>		

	<p>Capa do Jornal do Recife. Recife. 02 de dez. 1914 Acervo FUNDAJ.</p>	<p>97</p>
<p>Fig. 14</p> 	<p>Subscrição publicada no jornal Diário de Pernambuco. Recife. 01 de dez. 1914. p.01. Acervo FUNDAJ</p>	<p>99</p>
<p>Fig. 15</p> 	<p>Fotografia do Delegado Teóphanes Ferraz Torres. 1914. Acervo fotográfico da FUNDAJ</p>	<p>101</p>
<p>Fig. 16</p> 	<p>Theóphanes Ferraz e sua esposa Amélia Torres no ano de 1916. Acervo fotográfico da FUNDAJ</p>	<p>101</p>
<p>Fig. 17</p> 	<p>Sargento Alvino. Policial que aprisionou Silvino junto com o Alferes Theophanes Torres Acervo fotográfico da FUNDAJ</p>	<p>102</p>
<p>Fig. 18</p> 	<p>Soldados integrantes da volante que prendeu Antonio Silvino. Acervo fotográfico da FUNDAJ</p>	<p>102</p>

<p>Fig. 19</p> 	<p>Registro da entrada de Silvino na Casa de Detenção do Recife. Livro das Partes das Ocorrências Diárias da Casa de Detenção do Recife dos anos de 1914-1915. nº 4.8/54. p. 184v. e 185. Ms. APEJE.</p>	<p>105</p>
<p>Fig. 20</p> 	<p>Nome de Silvino na lista de movimento da enfermaria da Detenção. Livro das Partes das Ocorrências Diárias da Casa de Detenção do Recife dos anos de 1914-1915. nº 4.8/54. p. 185v. Ms. APEJE.</p>	<p>106</p>
<p>Fig. 21</p> 	<p>Gravura da Casa de Detenção do Recife, de L. Shlappnz. Acervo da FUNDAJ.</p>	<p>108</p>
<p>Fig. 22</p> 	<p>Foto de Antonia F. de Arruda, amante de Antonio Silvino. Publicada no JORNAL PEQUENO. 05 de dez. 1914. p. 01. APEJE</p>	<p>110</p>
<p>Fig. 23</p> 	<p>Mapa demonstrativo de alunos da escola de detentos com respectivo adiantamento durante o ano de 1918. Livro de Relatório da Casa de Detenção 01 de jan a 31 de dez 1918. p. 23. Fundo CDR. APEJE.</p>	<p>124</p>
<p>Fig. 24</p> 	<p>Ficha catalográfica de Antonio Silvino, contendo número de registro e escrito que foi liberto pelo perdão de Vargas. FUNDO CDR. APEJE</p>	<p>127</p>
<p>Fig. 25</p> 	<p>Fotografia de Antonio Silvino, diretores da Casa de Detenção e de seu filho, publicadas pelo Diário de Pernambuco em 04 de fev. 1937. Acervo FUNDAJ</p>	<p>128</p>

<p>Fig. 26</p> 	<p>Fotografia de Antonio Silvino e diretores da Casa de Detenção publicadas pelo Diário de Pernambuco em 04 de fev. 1937. Acervo FUNDAJ</p>	<p>128</p>
<p>Fig. 27</p> 	<p>Foto publicada no Jornal Pequeno quando da morte de Antonio Silvino em 1944. Fonte: Acervo FUNDAJ</p>	<p>134</p>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. NOS PASSOS DE MANOEL BATISTA DE MORAES.	38
1.1 – A transição de séculos e a cidade de Afogados da Ingazeira	
1.2 – A gesta de um sertanejo	
2. ANTONIO SILVINO: O GOVERNADOR DOS SERTÕES	58
2.1 – Trilhando rumos desconhecidos	
2.2 - Anti-moderno, justo e mandingueiro	
3. ESPETACULARIZANDO UMA PRISÃO	89
3.1 – O trajeto de Taquaretinga - PE à Casa de Detenção do Recife	
3.2 – Espetáculos para o delegado Theóphanes Torres	
4. O GOVERNADOR DA DETENÇÃO	104
4.1 - Novos espaços, velhos comportamentos	
4.2 - Do julgamento à liberdade: novos comportamentos, novos desejos	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	139
ANEXOS	150

INTRODUÇÃO

Houve um tempo em que a escrita da História consistia no relatar da trajetória de pessoas importantes da sociedade. A vida dos reis, dos líderes políticos e as hagiografias eram as que mereciam ter suas histórias contadas, pois serviriam de exemplo para as futuras gerações. Essas narrativas feitas de forma “precisa” apresentavam uma cronologia do nascer ao morrer dos indivíduos, que comprovadas com a mais “pura verdade do documento”, sem deformá-lo e sem permitir os devaneios da ficção e da criatividade do narrador estariam comprometidas com o passado de cada um¹.

O século XX veio para mexer nas estruturas do fazer historiográfico. Em 1929, na França, a fundação da *Revue de Annales* trouxe para as pesquisas históricas a aproximação com métodos e concepções teóricas das outras ciências sociais, como a antropologia, a psicologia e a sociologia. Na década de 1970 Jacques Le Goff e outros historiadores popularizaram a expressão “Nova História” através do livro *La Nouvelle Histoire*², para se referir as várias perspectivas da escrita da História³.

As produções não retratavam apenas os grandes homens e heróis, tudo tinha a sua história. O que integrasse a participação dos homens constituía possibilidades de escrita. A historiadora Lynn Hunt foi uma das que denominou esse período como uma virada cultural. Para ela as análises de grandes heróis, fatos políticos e econômicos começaram a ser deixadas de lado, e conduziram os historiadores a perceberem estruturas individuais e coletivas que envolviam também as populações que não estavam dentro dos campos de prestígio social e econômico⁴. Assim, temas que eram pouco analisados, como vestuário, ritos, indivíduos desconhecidos, entre tantos outros, estiveram relegados pelos historiadores, e só a partir da

¹ Refiro-me as produções da vida dos santos, papas, reis e pessoas de grande destaque da sociedade Ocidental, feitas pelos historiadores da corrente positivista datada do final do século XIX, tida como daqueles que desejam mais segurança e menos ambição, aquele que visa o fato e não a idéia que faz dele, aqueles que olham para o documento e relatam defendendo a verdade única. Sobre essa discussão ver: REIS, José Carlos. **A História: entre a filosofia e a ciência**. Belo Horizonte: Autêntica. 2006. Em especial o capítulo: A escola metódica, dita positivista.

² Cf. LE GOFF, Jacques. **La Nouvelle Historie**. Paris: Retz, 1978.

³ Sobre a fundação da Escola dos Annales e suas gerações ver: BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: UNESP. 1997. E REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em história**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.

⁴ Sobre essa virada cultural Cf. em. HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo. Martins Fontes. 1992. Ver a apresentação do livro, em que a autora versa sobre as aproximações entre a História e as Ciências Sociais e as novas abordagens realizadas nas pesquisas históricas. Sobre essa discussão ver também: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. (org.). São Paulo: UNESP. 1992.; PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

primeira metade do século XX é que acamparam no cenário das pesquisas sociais, devido à influência da Escola dos Annales.

O fazer biográfico também passou por mudanças significativas e sofreu grandes críticas. Passou-se a desacreditar na construção da trajetória do sujeito como a única possibilidade de entender o caminho por ele traçado e na certeza de uma narrativa total sobre o sujeito. Segundo a historiadora Vavy Pacheco o percurso da biografia no mundo ocidental não é algo novo:

Ao longo de mais ou menos dois milênios, autores acharam que contar a história de vida de alguém era algo distinto de uma “História”(que narra fatos coletivos e contava a verdade): as histórias “das vidas”(termo usado então pelos autores) serviam, desde o mundo greco-romano, para dar exemplos morais, negativos ou positivos – muitas vezes constituindo os panegíricos. Essa chamada biografia clássica punha um acento muito maior no caráter político, moral ou religioso do biografado do que em sua pessoa, em sua singularidade. No mundo medieval, a idéia dos exempla prolongou-se, configurando-se nas hagiografias e crônicas⁵.

Ainda para Vavy Pacheco, a obra *Life of Samuel Johnson LL.D*, escrita por James Boswell, em 1971 é tida como o marco inicial dos trabalhos que hoje se preocupam em demonstrar um método investigativo da vida de sujeitos de destaque ou não para determinada sociedade, além de evitar o panegírico, e usando documentos, entrevistas e as escritas de si. Esta autora advoga que a maneira mais completa de biografar alguém é por meio da escrita de si e por meio do cruzamento de fontes entre informações dos familiares e documentos materiais: fotos, jornais, vídeos, literatura, objetos pessoais⁶.

O historiador François Dosse sugere três fases para elaborar um percurso de vida: a primeira que denomina: “Idade heróica”, pois são biografias que sugerem modelos e valores para outras gerações; a segunda chamada “biografia modal”, na qual o sujeito apresenta importância diante do contexto social; e uma última fase que acredita ser a atualmente usada, em que o biógrafo se permite experimentar, ensaiar e construir através das fontes e da influência de outras disciplinas a vida dos indivíduos⁷.

O sociólogo Pierre Bourdier apontou que a construção de narrativas de vida, é algo preso a uma ilusão biográfica, em que existe a tradição da cronologia dos homens, datada do nascimento até a morte, levando em consideração a função global dos acontecimentos,

⁵ BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla B. (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto. 2008. p.205.

⁶ Idem. p. 214.

⁷ DOSSE, François. **Le pari biographie: écrire une vie**, Paris: La Découverte, 2005.

elencados como causa e conseqüência na vida de cada um. Bourdier sugere que para sair da tradição biográfica é indispensável reconstituir o contexto, a superfície social em que agiu o indivíduo, respeitando a variedade de campos e momentos da vida, estando atento às nomeações dadas pelos documentos: registros civis, religiosos, presidiários, judiciais, entre outros e às redes de sociabilidade em que o indivíduo biografado esteve inserido⁸.

O historiador Giovanni Levi também apontou caminhos para o fazer biográfico em seu artigo Usos da biografia⁹. Para ele existem algumas tipologias nessa produção. A primeira é a *biografia modal*, aquela que desperta o “interesse quando ilustra os comportamentos ou aparências ligadas às condições sociais estatisticamente mais freqüentes¹⁰”, é possível ver o singular e o comum em determinado grupo. É o que alguns historiadores chamam de prosopografia¹¹. A segunda tipologia se refere a *biografia e contexto*, em que a época e o ambiente são bastante valorizados como fatores capazes de caracterizar a atmosfera que explicaria a singularidade do sujeito. Aqui, o contexto explicaria o que parece ser inexplicável. A terceira proposição de Levi alerta para a *biografia e os casos extremos*, na qual a vida do sujeito auxilia a compreender o contexto social de determinada área e época. O autor cita como exemplo o moleiro *Menocchio*, principal sujeito do livro de Carlo Ginzburg: *O queijo e os vermes*¹². A última proposição tipológica apresentada pelo autor é a *biografia e hermenêutica*, cuja ação consiste na interpretação dos diálogos, descrições e processo de comunicação entre sujeitos e entre culturas.

Sérgio Vilas Boas advoga que para elaborar trabalhos biográficos é preciso refletir sobre elementos inerentes a esta escrita. São eles: *A descendência*, cuja origem do indivíduo está construída pela suas influências familiares. O autor critica a idéia de muitos biógrafos que retratam as pessoas como necessariamente retrato do gene deixado pela família; *O fatalismo*, cuja crítica se concentra nas biografias em que o sujeito está predestinado a ser herói e famoso, aquele que desde o berço foi alguém que o destino colocaria no rumo da visibilidade social. Para Boas, a noção de *extraordinariedade*, também está presente nas escritas biográficas, ele não concebe que pessoas sejam extraordinárias por essência, mas que as

⁸ Cf. BOURDIER, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.183-191.

⁹ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.167-182. p.174.

¹⁰ Idem. p.174. A respeito deste debate biográfico ver também: LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. 1ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

¹¹ Uma obra que trabalha nessa perspectiva de produção histórica é HEINZ, Flávio M.(org.) *Por outra História das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

¹² Cf. GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. 12ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

escolhas, as realizações, os acontecimentos, a mentalidade cultural e regional e as condições socioeconômicas foram de sobremodo, influência em tornar a pessoa extraordinária. Por último o pesquisador dos biografismos lembra que três elementos precisam ficar nítidos no trabalho do biógrafo: *a noção de verdade, a transparência e o tempo*. O primeiro sendo indicado como a certeza de que não retratará a verdade única sobre alguém, o segundo alertando os escritores para a necessidade de informar quais as fontes foram consultadas no trabalho e o terceiro para a possibilidade de quebrar a cronologia: nascer-viver-morrer. A análise que Sérgio Vilas Boas realizou sobre o processo de produção das biografias quase não é citado nas pesquisas realizadas pelos historiadores que adentraram no campo da escrita de vida.

Sobre a perspectiva do tempo nas biografias, a historiadora Ângela de Castro Gomes defende que “o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser “decomposto” em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc.¹³ Ainda sobre a idéia de tempo, Jacques Le Goff ao biografar a vida de São Luis defende que é possível em certos limites ordenar o tempo e apresentar a idéia de “tempo plural”, em que o tempo de vida de determinado sujeito não é o mesmo de sua permanência na memória de determinada sociedade¹⁴. Por isso realizar uma biografia, seja de homens de destaque social ou de sujeitos comuns é preciso estar alerta para a fragmentação que o tempo pode sofrer conforme as fontes e conforme a fixação de sua imagem na sociedade, principalmente quando tal indivíduo é mitificado.

Utilizei algumas posturas metodológicas sugeridas por estes autores, para a elaboração desta biografia sobre Antonio Silvino, objetivo da dissertação, quando procurei estar atento à nominação dada pelos documentos que versam sobre o cangaceiro, ao contexto histórico e às representações que eram atribuídas para Silvino. Atento aos nomes atribuídos a Silvino procurei apontar a descendência dele não como fatalismo, a sua extraordinariedade não como curiosidade e a idéia de verdade sobre os fatos como uma perspectiva, um ponto de vista.

O relatar despretensioso, a informação exata, a não referência das fontes consultadas e o não apontar de possibilidades ou ao menos a reconstrução de contextos fica a margem do trabalho de muitos profissionais. O fazer biográfico é o ensaio de possibilidades que a análise documental proporciona, é construir uma metabiografia, pois as escolhas do biógrafo estão

¹³ GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 13.

¹⁴ Cf. LE GOFF, Jacques. **São Luis**: Biografia. Rio de Janeiro: Record, 2002.

para além da vida do sujeito biografado. A seleção das fontes, as interpretações e produção do texto é um trabalho metabiográfico¹⁵.

O exercício que ora apresento não abarca a totalidade do sujeito biografado, isso seria impossível de fazer, pois, assim como a escrita da história é uma resposta provisória sobre o passado, a escrita biográfica também é. Ambas carregaram suas verdades, impressões, amores, escolhas, angústias, conquistas e desafetos. Nunca poderemos conhecer um sujeito de forma completa e verdadeira. Segundo Viana Filho:

O biógrafo jamais conseguirá sair do seu trabalho com a satisfação dum matemático, que acaba de resolver uma equação e está seguro da exatidão dos resultados. Para ele, restará sempre margem de erro e de dúvida, consequência da nossa capacidade de discernir e destrinchar o que há de complexo em qualquer existência. (...) no estágio atual do conhecimento humano, poucas coisas poderiam ser tão jactanciosas, e por isso mesmo ridículas, quanto um biógrafo pretender haver escrito a “vida verdadeira” de alguém. Evidentemente, poderá fazê-lo, mas jamais poderá ter a certeza plena de o haver conseguido. Afirmar, portanto, que alcançará aquela meta seria apenas impostura¹⁶.

Algumas questões me inquietaram para realizar este trabalho. Como saber sobre um sujeito? Robert Darnton responderia que: “Só Deus sabe! O historiador sabe, mas imperfeitamente, por meio de documentos obscuros, e com a ajuda da insolência, brincando de ser Deus¹⁷”. Por que biografar Antonio Silvino é importante? O que ele tem de interessante a ponto de ser escrito este trabalho? É preciso defender esta biografia para ampliar os estudos sobre o Cangaço e sair do jogo duplo de que o cangaceiro ora é herói ora é bandido. Mas, acima de tudo, realizar este exercício é importante para perceber a trajetória de Silvino do ponto de vista de ser um sujeito de natureza política, de visualizar o lado humanístico deste sertanejo, de buscar perceber como os jornais da cidade do Recife e os folhetos de cordel o representaram, pois ele afrontou o poder político e policial e muitas vezes dizia assumir este poder, deixando irrequietas as autoridades que o perseguiram.

Alerto aos que se aventurarem na leitura das páginas seguintes que não encontrarão relatos das aventuras do cangaceiro ou respostas para perguntas do tipo: Antonio Silvino foi um herói ou um criminoso sanguinolento? Quais as artimanhas que ele usava para fugir das perseguições? Essas histórias de heroísmo, de violência e de perseguições aparecerão, porém

¹⁵ Sobre o conceito de metabiografia ver: BOAS, Sérgio Vilas. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: UNESP, 2006.

¹⁶ VIANA FILHO, Luiz. **A verdade na biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945. p. 53-54 e 57.

¹⁷ DARNTON, Robert. Os esqueletos no armário; como os historiadores brincam de ser Deus. In: **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para ao século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 2000.

é preciso advertir que este trabalho é fruto de uma vasta análise documental e que a vida de Antonio Silvino será reconstruída de modo fragmentado, a partir das representações que outros deixaram.

Criei uma narrativa elencando os episódios mais conhecidos e quando as histórias eram relatadas em dois ou mais documentos analisei as representações de Silvino. Assim, a narrativa foi composta de tempos diversos, principalmente quando foi preciso cruzar a documentação de cordel com os jornais recifenses, avancei em diferentes velocidades, apontei as representações partindo do tempo de cada pessoa que versou sobre Silvino, procurei unir o passado, o presente e o futuro, (re)direcionado o meu olhar.

Roger Chartier advoga que o objeto central da História Cultural é perceber como determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler de formas diferentes¹⁸. Para este historiador francês, representar é uma prática, é a ação de apresentar algo ou alguém, levando em consideração que “as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam¹⁹”, sejam elas de classes dominantes ou dominadas. Na produção desta pesquisa fiz a escolha de trabalhar apenas com documentos escritos e com imagens que apresentavam Antonio Silvino. Portanto além desta narrativa sobre a vida do sertanejo que se tornou cangaceiro, apresentarei, no texto ou nas notas de rodapé, quem falava e de onde falava a respeito deste sujeito²⁰.

A Sedução pelo Objeto e a Historiografia do Cangaço

Sou neto de sertanejos pernambucanos, e sempre ouvia de meus avós paternos as histórias sobre os feitos dos cangaceiros. Como criança curiosa que fui, fazia perguntas sobre essas histórias, que mais parecia ser uma investigação policial do que um mero ouvinte dos relatos sobre o Cangaço. Décadas mais tarde, o ofício do historiador por mim fora escolhido.

Em Fevereiro de 2007 eu realizava uma pesquisa institucional a convite da professora Dra. Maria Ângela de Faria Grillo. Estudava as representações do Cangaço na Imprensa de Pernambuco e por opção me detive ao período de atuação de Lampião (1920 a 1938). O que eu não esperava é que em 09 de fevereiro de 2007 receberia de um funcionário do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE), uma cópia do Jornal Pequeno, com a data de

¹⁸ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 2002. p.17.

¹⁹ Idem.

²⁰ Segundo Michel de Certeau, o trabalho do historiador é referendado através do local de fala, o que ele fala e para quem fala. Cf. CERTEAU, Michel. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Ed. F. Alves. 1976. p.17-48.

09 de fevereiro de 1907. Na verdade o objetivo desta reedição era comemorar o centenário do Frevo. Nas páginas a mim entregues, estava presente uma matéria que tratava de um cangaceiro chamado Antonio Silvino, que eu pouco conhecia. Indubitavelmente foi o primeiro indício para realizar este trabalho e para perceber qual a importância que este cangaceiro teve no cotidiano social, político e policial de Pernambuco.

Acabei assim, despertando o interesse por estudar Antonio Silvino. Foram meses de consultas aos jornais das quatro primeiras décadas do século XX e de busca dos fragmentos que me dessem possibilidades de compreender os feitos deste indivíduo. Quando já consultados boa parte dos jornais, Diário de Pernambuco e Jornal Pequeno, busquei outras pistas, com questionamentos que pareciam os meus de outrora: Por que ele tinha virado cangaceiro? Ele vingou o assassinato do pai? Como ele conseguia fugir da polícia? Entre outros. Para ter essas respostas, ou ao menos parte delas fragmentadas, comecei a ler a parca bibliografia sobre Antonio Silvino.

Após as leituras, percebi que as perguntas que antes eu fizera tinham tomado outra proporção e a investigação agora caminhara para questões do tipo: Quem legitimava ser Silvino importante? Qual o seu desejo de se ver e de ser representado? Como ele era representado nas fontes consultadas? As representações eram similares ou totalmente díspares?

Assim, adentrei nas pesquisas sobre o Cangaço e sobre este indivíduo, procurando perceber como ele foi construído pela historiografia. Identifiquei que a figura do homem cangaceiro passou a ser analisada nos estudos acadêmicos a partir dos livros, *Rebeldes e Primitivos* e *Bandidos* de Eric Hobsbawm²¹. O historiador inglês realizou no seu texto um estudo do banditismo social em vários lugares e defende que é um fenômeno universal. Ele apresenta a figura do bandido social como:

[...] proscritos rurais, encarados como criminosos pelo senhor e pelo Estado, mas que continuam a fazer parte da sociedade camponesa, e são considerados por sua gente como heróis, como campeões, vingadores, paladinos da Justiça, talvez até mesmo como líderes da libertação e, sempre como homens a serem admirados, ajudados e sustentados[...]²²

²¹ HOBBSAWM, Eric. J. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1975. e HOBBSAWM, E. J. **Rebeldes e Primitivos**: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1978. A primeira edição do livro *Rebeldes e Primitivos* é datada de 1959.

²² HOBBSAWM, Eric J. **Bandidos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária. 1975. p.11.

Hobsbawm elencou elementos que eram semelhantes em vários países analisados²³, ele acabou por generalizar o banditismo social, quando defendeu, que seus integrantes eram homens pré-políticos, rebeldes sem causa, sujeitos que defendiam apenas os interesses pessoais e que aderiam a este meio de vida quando algum incidente, não necessariamente grave, o colocavam fora da lei. Porém, o banditismo não ocorreu da mesma forma nas várias nações que ele estudou. Cada tipo de banditismo apresentou sua particularidade e dentro das ações praticadas por cada sujeito, elas chegaram a divergir ou se assemelhar.

As produções de Hobsbawm no campo do político, em que considera estes sujeitos pré-políticos, foram de grande repercussão para que outros trabalhos viessem a ser elaborados²⁴. Autor brasileiro, que junto com o trabalho de Hobsbawm abriu caminhos para edificar o cangaço como temática histórica foi o jornalista Rui Facó, no livro *Cangaceiros e fanáticos*. No seu texto Facó analisa as possíveis causas que conduziam os homens do sertão a tornarem-se cangaceiros utilizando-se dos estudos de intelectuais do período do Cangaço, como Euclides da Cunha, Lourenço Filho, Xavier de Oliveira, Gustavo Barroso e José Américo de Almeida. Os estudos indicavam como causa do cangaceirismo, a mestiçagem, o clima, a estrutura biológica, a má distribuição de terras, a falta de trabalho, a pouca atuação da Justiça, o fanatismo religioso oriundo do arraial de Canudos e o déficit de transportes e comunicação entre o sertão e as grandes cidades. Ele argumenta que, no sertão nordestino, cada sujeito assumia uma função, seja de cangaceiro, de coronel, de coiteiro ou de soldado da volante.²⁵

A socióloga Maria Izaura Pereira de Queiroz ainda defendeu no seu livro *Os Cangaceiros*, que o banditismo não foi um movimento social, pois argumenta que movimento social é aquele que altera o sistema social, político e econômico de determinada área. A autora apresenta o cangaço por meio dos aspectos sociais e justifica a existência dele, devido à falta de investimentos sociais e econômicos na zona seca do Brasil. Ela historia o ciclo econômico do gado e o espaço sertanejo associando-os à necessidade de sobrevivência da população e

²³ O estudo deste historiador analisou o banditismo social no México, na Inglaterra, na Itália, no Brasil e outros países.

²⁴ Segundo Susan Pedersen, desde as décadas de 1960 na Inglaterra a História Política tem sido o alvo preferencial dos historiadores. Para ela, grande parte destes trabalhos pertence ao gênero da chamada história da liderança política, podendo assumir a forma de biografia política ou de estudos de partidos políticos e do governo. Pedersen ainda defende, que a História Política tem sido enriquecida por novas investigações nas áreas da política popular e da cultura política, investigações essas realizadas por historiadores sociais já não convencidos do poder explicativo da “classe”. Cf. PEDERSEN, Susan. O que é a História Política Hoje? In: CANNADINE, David. (org) **Que é a História Hoje?** Lisboa: Gradiva. 2006. p.65.

²⁵ Cf. FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1963.

que as ações dos cangaceiros foram muitas vezes resposta às necessidades que se passava no sertão²⁶.

Na defesa de o cangaço se tornar forma de sobrevivência, no livro *Guerreiros do Sol*, o historiador Frederico Pernambucano de Mello avalia o cangaço como fenômeno social, que apresentou três tipos de origem: o *Cangaço-meio de vida*, no qual viver de saques, subornos e uso da violência era uma forma de sustento, *Cangaço vingança* - menos freqüente cujo objetivo era vingar desonras e mortes de parentes, e por fim *O Cangaço refúgio* - em que muitos sertanejos entravam para buscar subsistência e refúgio das perseguições das volantes, por terem cometido alguma infração²⁷. Estas obras permitiram conhecer o Cangaço num contexto amplo de ações dos cangaceiros e a significância deste fenômeno social que ocorreu no sertão do Nordeste brasileiro durante a primeira metade do século XX.

Após estas leituras creio ser importante estudar os trabalhos que biografaram Antonio Silvino, para então pensar meu exercício biográfico. O primeiro a apresentar relatos sobre o cangaceiro foi Gustavo Barroso²⁸, no livro *Heróis e Bandidos*, publicado em 1917. Barroso apresentou Silvino no tempo em que ele ainda estava vivo, caracterizou-o como o sertanejo que foi um bandido romântico, o protetor das crianças e mulheres, o rifle de ouro, um mito popularizado, o governador dos sertões. Para este autor, o tempo do cangaceiro durou até o momento em que não havia chegado o desenvolvimento tecnológico nas cidades interioranas. O trem da Great Western, o telégrafo e o aparato de armas propiciaram que o poder de Silvino tivesse findado.

Outro trabalho de importância foi *Antonio Silvino: o capitão de Trabuço*, escrito por Mário Souto Maior²⁹ e publicado em 1969. Este autor produziu a biografia de Silvino por

²⁶ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Os Cangaceiros**. São Paulo: Ed. Livraria Duas Cidades, 1977.

²⁷ Cf. MELO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: o banditismo no nordeste do Brasil**. Recife: Ed. Massangana, 1985.

²⁸ Sobre este autor vale lembrar que ele nasceu no dia 29/12/1888 no Ceará e faleceu em 03/12/1959 no Rio de Janeiro. Filho de Antônio Filinto Barroso e de Ana Dodt Barroso. Foi redator do Jornal do Ceará (1908-1909) e do Jornal do Comércio (1911-1913); professor da Escola de Menores, da Polícia do Distrito Federal (1910-1912); secretário da Superintendência da Defesa da Borracha, no Rio de Janeiro (1913); secretário do Interior e da Justiça do Ceará (1914); diretor da revista Fon-Fon (a partir de 1916); deputado federal pelo Ceará (1915 a 1918); diretor do Museu Histórico Nacional (a partir de 1922; representou o Brasil em várias missões diplomáticas, entre as quais a Comissão Internacional de Monumentos Históricos (criada pela Liga das Nações) e a Exposição Comemorativa dos Centenários de Portugal (1940-1941). Participou do movimento Integralista. Não concordou com o rumo dos acontecimentos a partir de 1937, porém, manteve-se fiel à filosofia do Integralismo. Barroso falava do cangaço em seus trabalhos com teor folclórico que mitificava os sujeitos. Cf. http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_gustavobarroso.htm. Acesso em 05 de dez. de 2009.

²⁹ Este autor é oriundo de Pernambuco, Filho do coronel da Guarda Nacional, comerciante e fazendeiro Manuel Gonçalves Souto Maior e Maria da Mota Souto Maior. Foi Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Em 1945, foi nomeado Prefeito do município de Orobó, Pernambuco. Exerceu também as funções de promotor público das comarcas de Surubim e João Alfredo, em Pernambuco, e professor da Escola Normal Santana, de Bom Jardim.

meio da análise de jornais, folhetos de cordel, e apresentou o cangaceiro pelos escritos do literato José Lins do Rego. Sua produção seguiu a cronologia: nascimento, predestinação ao cangaço, aventuras, sujeito extraordinário, fracasso e morte. Souto Maior também classificou Silvino como o “governador dos sertões”, o bandido romântico, o protetor das mulheres e crianças e não se percebe o texto análises políticas, apesar de lhes atribuir a alcunha de Governador dos Sertões. O sensacionalismo está presente no seu texto e o personagem é alocado como o antecessor de Lampião, o bandido que não fizera as mesmas ações sanguinárias que seu sucessor, mas que se regenerou e que foi integrado no círculo social após sua liberdade da cadeia, um ano antes da morte de Lampião

O jornalista Severino Barbosa em 1979 publicou o livro *Antonio Silvino: O Rifle de ouro*³⁰. Neste trabalho o autor apresentou o sertão como território sangrento e de disputas familiares, em que a vingança era algo predominante na população. Silvino estava envolvido neste meio e sua vida foi relatada através das proezas, aventuras, amores, e derrotas. Para Barbosa, Silvino é o bandido que em suas ações estabelecia acordos de proteção com coronéis e políticos, fazia uso do que roubava para seu benefício e procurava manter a boa convivência social, contanto que não fosse afrontado, mesmo quando esteve preso, pois relatou essa vivência no Cangaço quando esteve na cadeia. A morte deste sertanejo foi espetacularizada e seu nome ficou para a história como o cangaceiro cavalheiro. Barbosa consultou boa parte dos jornais ainda em bom estado de conservação, o que permitiu seguir a trilha dos documentos que versavam sobre o cangaceiro.

O trabalho do Juiz de Direito Sérgio Dantas foi outra produção biográfica sobre Silvino, que narrou a trajetória sem análises ou opiniões³¹. O Autor permaneceu durante todo o texto descrevendo as informações coletadas dos documentos e atribuindo juízos de valores ao sujeito categorizando-o como: cangaceiro destemido, herói, mito e bravo homem do sertão. O exercício realizado por Dantas foi descrito como: “a história que aqui se narra, progride segundo um enredo formal, cronológico e preciso”. O Juiz permaneceu no ilusionismo biográfico tão criticado por Pierre Bourdier. Entretanto a produção de Dantas serviu de orientação para consultar os documentos e referendar as fontes que se encontram deterioradas.

partir de 1967, torna-se assessor da diretoria executiva do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), hoje Fundação Joaquim Nabuco e Inspetor Federal de Ensino, do Ministério da Educação e Cultura. Cf. <http://www.fundaj.gov.br/docs/mario/msm.html>. Acesso em 03 de dez. De 2009. Sobre a obra Cf. SOUTO MAIOR, Mario. **Antonio Silvino o capitão de trabuco**. Recife: Edições Arquimedes, 1969

³⁰ BARBOSA, Severino. **Antonio Silvino: o rifle de ouro**. Vida, combates, prisão e morte o mais famoso cangaceiro do sertão. 2ª ed. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1979.

³¹ DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antonio Silvino: o cangaceiro, o homem, o mito**. Natal: Cartograf. 2006.

A pesquisa deste autor foi realizada desde os anos 90 do século XX e são de importância para meu trabalho.

Penso que esta historiografia contribuiu para edificar a figura do cangaceiro como um indivíduo de proporções anti-políticas, do rebelde sem causas para defender. Entretanto, busco construir este trabalho, pensado exatamente o contrário. Apresento Antonio Silvino enquanto sujeito político, uma vez que suas ações estão dentro do que era e de como se praticava a política do sertão e na cidade do Recife no final do século XIX e começo do século XX³². Uma política em que as ações públicas estavam em sintonia com as ações privadas e ambas eram feitas pelos laços de clientelismo, pela parentela, pelas relações de poder entre os líderes governantes das cidades interioranas.

Nesta dissertação o jogo entre representações, práticas sociais e apropriações das posturas políticas do cangaceiro Silvino se delineou conforme a documentação consultada e permitiu que fosse questionada a imagem de um sertão de pobreza, repleto de cangaceiros e homens fortes, astutos e sofrendores devido às intempéries locais e às injustiças praticadas pelos donos de terras e poderosos políticos.

O cordel como fonte para pesquisa histórica

Durante a pesquisa foram utilizadas diversas fontes, jornais, relatos policiais, telegramas, ofícios e folhetos de cordel. Entretanto, os cordéis pouco têm sido utilizados nas pesquisas históricas e acredito que merecem um cuidado e uma visibilidade maior do historiador, pois representam lugares de fala, sentimentos, formas e contaram histórias para públicos variados. Por isso, creio que seja significativo apresentar a importância dos folhetos de cordel no debate historiográfico.

A literatura de cordel tem sido usada como fonte após a abertura dada pela História Cultural. Essas folhas volantes eram vistas pelos historiadores como ficção, como relato literário de um período. Após a virada cultural dos anos 70, a literatura adentrou no campo dos trabalhos históricos, pois durante décadas não era bem aceita. Literatura e História não se cruzavam nas pesquisas sociais e havia a zona limítrofe das duas ciências e restrições quanto ao uso de trabalhos literários apenas como ficcional. A fronteira existia como argumenta

³² Percebo aqui, como a abertura dada pela História Cultural em analisar fontes variadas e pensar a multiplicidade dos sujeitos pode ser associada ao estudo da História Política e nos permite realizar análises para além do estudo das classes sociais.

Kramer³³, pois, era preciso separar os territórios devido a restrição que passou a história no século XIX, no que diz respeito ao evitar as metaforizações e o desenfaturar das semelhanças entre a historiografia e a atividade imaginativa dos romances. Mas, foi acima de tudo por defender que a História estaria preocupada com a verdade, enquanto a literatura com o fictício, uma narrativa fruto da imaginação de seus autores³⁴.

Autor relevante para esse debate é Hayden White, no qual defende que o historiador: “poderia então ser visto como alguém que, a exemplo do artista e do cientista modernos, procura explorar uma certa perspectiva do mundo que não pretende esgotar a descrição ou a análise³⁵”. Defesa esta, que tem tornado a fronteira entre a História e a Literatura cada vez mais tênue, principalmente por ser o objetivo da História Cultural, resgatar as representações do passado, dando a ver as diferentes formas em que realidades culturais eram construídas e transmitidas³⁶. Assim, produções historiográficas balizadas pela análise cultural, não estão mais limitadas ao mecanismo de utilizar fontes para provar uma verdade única, alocando-as em caixas ou formas prontas. A literatura de determinado período têm sido usadas como fonte e como meio de entender as relações pessoais, os jogos sentimentais e o imaginário de um grupo social. Sandra Pesavento, ao analisar as relações entre História e Literatura afirma que:

Ambas são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro. Valem-se de estratégias retóricas, estetizando em narrativas os fatos dos quais se propõem falar. São ambas formas de representar inquietudes e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor³⁷.

Pesavento, ainda defende que é preciso que os historiadores olhem para o passado também por meio da literatura, pois ela:

[...] permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário³⁸.

³³ KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2ª ed. São Paulo: Martins, 2006.

³⁴ A respeito deste debate entre história e literatura verificar ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história**. Bauru: EDUSC, 2007. Em especial o capítulo: A hora da estrela: história e literatura, uma questão de gênero?

³⁵ WHITE, Hayden. **Tropics of discourses: essays in cultural criticism**. Baltimore. 1978. p. 46-47.

³⁶ Cf. em CHARTIER, Roger. Op. Cit. 2002. p. 17.

³⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p.81.

³⁸ Idem. p. 82.

Diante deste debate entre história e literatura, voltei meu olhar neste trabalho, para algumas literaturas que versaram sobre o Sertão e sobre Silvino como um dos campos em que poucos historiadores têm se debruçado atualmente, não apenas como documentação, mas também para compreender as possibilidades de interpretação dos eventos históricos. A historiadora Isabel Guillen defende que o Nordeste brasileiro é considerado um local privilegiado em se tratando da produção dos cordéis e de como os seus produtores foram exímios narradores. São esses poetas, por excelência os grandes narradores das histórias do sertão³⁹. Acredito que o uso da literatura de cordel se tornou significativo, pois são produções que retrataram as linguagens de povos e culturas de modo mais humanístico e sensível, apresentavam os meios sociais dos autores, o que eles desejavam descrever, e quais os interesses que eles tinham na construção de determinadas obras.

No Brasil destaca-se o trabalho realizado pela historiadora Ângela Grillo que defende o cordel como fonte para a História. Sua tese intitulada: *A Arte do Povo: histórias na literatura de cordel (1900-1940)*, historiciza a existência dos folhetos no Brasil, em especial no Nordeste, e aponta os principais poetas e temas desses livretos⁴⁰. Segundo Grillo o cordel serve de instrumento para perceber outras representações sobre os fatos históricos, fatos esses narrados pela versão dos homens comuns e não dos grandes heróis e políticos. A tese da Ângela Grillo serviu de modelo para pensar o estudo das representações de determinada cultura por meio da linguagem simples dos cordéis e de como o cangaço é tema que ainda não se analisou pelo viés das representações. A partir do seu trabalho tive a idéia de elaborar a biografia de Silvino, pois grande parte da trajetória deste cangaceiro está narrada nos cordéis que ela analisou.

E o que são os folhetos de cordel? Segundo Irani Medeiros já é do senso comum que o cordel é oriundo da Europa. Em seu argumento ela escreve que:

[...] a literatura de cordel chegou através dos colonizadores lusos, em “folhas soltas” ou mesmo em manuscritos. Só muito mais tarde, com o aparecimento das pequenas tipografias – fim do século dezanove -, a literatura de cordel surgiu e fixou-se no Nordeste como uma das peculiaridades da cultura regional⁴¹.

Entretanto, Márcia Abreu discorda dessa origem européia e argumenta que:

³⁹ Cf. em GUILLEN, Isabel Cristina M. **Errantes da selva**: histórias da migração nordestina para a Amazônia. Recife: Ed. UFPE, 2006. a historiadora realiza, no 3º capítulo uma análise sobre a importância dos poetas de cordel na construção de narrativas sobre, nordeste e a migração para a Amazônia.

⁴⁰ GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo**: Histórias na literatura de cordel (1900-1940). Tese de doutorado em História social – UFF-RJ. Niterói. 2005.

⁴¹ MEDERIOS, Irani. **No reino da poesia sertaneja**: antologia de Leandro Gomes de Barros. João Pessoa: Idéia. 2002. p. 27.

[...] não havia, no Brasil, sequer um folheto português, tampouco bibliografia disponível sobre essa literatura de cordel portuguesa, exceto um trabalho de Câmara Cascudo – Cinco livros do povo – e um punhado de parágrafos introdutórios sempre insistindo nas origens lusitanas da literatura de folhetos nordestinas⁴².

Destarte as influências e origens dos folhetos, vale salientar que eles não eram simplesmente espalhados pelo sertão como papéis avulsos, pois, os brasileiros eram comercializados em feiras livres e acabavam atingindo boa parte da população. Muitos passaram pelo processo de apropriação cultural⁴³, pois receberam grande influência da produção de folhetos europeus. O nome cordel provém de cordão, pois eram vendidos pendurados em cordões ganhando difusão e popularidade entre seus consumidores.

Fig.01



Folhetos de Cordel pendurados para venda.
Fonte: Acervo fotográfico da FUNDAJ

Segundo Ronald Daus, esse tipo de poesia só atingiu sua posição dominante dentro da literatura popular do Nordeste, quando os textos clássicos e épicos da cultura dominante foram transformados em folhetos de formato 12X16 cm, contendo 8, 16, 24 ou 32 páginas impressas em papel pardo⁴⁴. Entretanto, acredito que os folhetos ganharam maior repercussão não apenas por terem sido produzidos em tamanhos menores, mas também, graças ao

⁴² ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado da Letras. 1999. p. 10

⁴³ Sobre a idéia de apropriação cultural verificar CHARTIER. Roger. Op. Cit. 2002. Para este autor a apropriação se dá quando pessoas de uma cultura se apropriam de informações de outras culturas e repassam aos seus, com adaptações e traduções.

⁴⁴ Cf. em DAUS, Ronald. **O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do Nordeste**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa. 1982. Na pesquisa bibliográfica sobre a grafia e difusão dos cordéis essa informação é recorrente. A historiadora Ângela Grillo também defende essa grafia na sua tese. Cf. em GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo: histórias na literatura de cordel (1900-1940)**. Doutorado em História. Niterói. UFF/ EHESS. 2005.

surgimento das tipografias, como a *Livraria Coqueiro e a Livraria Popular Editora*⁴⁵, no século XX. Esta última pode ser vista na imagem a seguir:

Fig. 02



Foto da Tipografia e Livraria Popular Editora. Ver nota 45.

Essas tipografias divulgaram os folhetos e seus escritores, que antes de articularem com as tipografias e jornais de grande circulação a confecção dos folhetos e divulgação dos livretos, praticamente tinham a autoria desconhecida. Mas, a partir do século XX, grandes nomes demarcaram território na composição dos livretos, entre eles destacam-se: Francisco das Chagas Batista, Leandro Gomes de Barros, João Martins Athayde, José Costa Leite, e outros que assinavam os folhetos. Tais poetas eram exímios narradores que passavam as histórias contadas através da oralidade para as páginas dos papéis pardos e difundiam as informações, denunciavam as injustiças, lembravam as secas, as credices e experiências do cotidiano sertanejo. Walter Benjamin escreve que: “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos⁴⁶”.

Neste sentido, ao afirmar sobre as experiências dos narradores populares acredito no poder que tinham os cordelistas em narrar sobre o dia-dia e sobre as histórias de Antonio Silvino. A historiadora Ângela Grillo também defende que “a identidade desses autores se

⁴⁵ Livraria e Tipografia de Francisco das Chagas Batista, em João Pessoa- PB, localizada na Rua da República, nº 65, depois nº584. No primeiro plano está Chagas Batista e seu irmão Pedro Batista Guedes. Percebe-se na imagem os livros na direita e os cordéis na esquerda apresentando uma significativa produção e comercialização de obras. Sobre livros e tipografias ver HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo. Editora USP, 1985.

⁴⁶ BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. V. 1. São Paulo: Brasiliense. 1994. p. 198.

confunde com a do grupo, ressaltada sua condição de portador de uma herança cultural e literária, cujas raízes se perdem no tempo e na memória coletiva⁴⁷. Isso justifica o fato de que muitos cordelistas retratavam suas insatisfações através dos personagens dos folhetos. Acredito, então, que é necessário reler os acontecimentos do passado também pelas narrativas populares presentes nos cordéis. Pois, muitas das histórias presentes nessa literatura retratavam fragmentos da realidade e do imaginário dos sertanejos⁴⁸. O comum entre os autores é que os temas dos cordéis surgiam conforme o período histórico, mas que o Cangaço era algo recorrente.

Sobre o cangaço, Ronald Daus realizou no final da década de 1970 e começo dos anos 1980, um estudo usando como fonte esta literatura popular, consultando os livretos do acervo da Casa Rui Barbosa – RJ. Ele apresentou uma análise do Ciclo épico dos cangaceiros e a classificação dos poemas populares nordestinos⁴⁹. Na obra sua categorização foi sobre o grande ciclo heróico, cujos cangaceiros apareceram destacados. Entre os cangaceiros deste ciclo esteve presente Antonio Silvino. Creio que os livretos tiveram além de um processo de editoração, divulgação e comercialização, uma repercussão no que tange ao processo de informação dos acontecimentos da época e retrataram as insatisfações da população rural, que nas falas dos poetas passaram a apresentar o cotidiano de modo geral.

Os poetas de cordel consultados para realizar este trabalho foram Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. Para compreender os relatos sobre Silvino foi preciso saber quais os locais de fala de cada poeta e qual o público consumidor dos folhetos.

Leandro Gomes de Barros

Leandro Gomes de Barros, paraibano nasceu em 19 de novembro de 1865, na Fazenda da Melancia, no Município de Pombal. Foi educado pela família do Padre Vicente Xavier de Farias, proprietários da fazenda e dos quais era sobrinho por parte de mãe. Em companhia da família "adotiva" mudou-se para a Vila do Teixeira, que se considera o berço da Literatura

⁴⁷ GRILLO, Ângela. Op. Cit. 2005. p. 40.

⁴⁸ Sobre essa variedade alguns autores apresentam classificações distintas verificar GRILLO, Ângela. Op. Cit. 2005. No terceiro capítulo de sua tese intitulado: Da cantoria ao cordel: o reconhecimento dos intelectuais, a historiadora faz uma análise de como vários escritores categorizaram os tipos de folhetos. Ela menciona Origens Lessa, Ariano Suassuna, Roberto Benjamim, Manoel Diegues Júnior e Liêdo Maranhão e defende que é difícil determinar uma categorização concreta, devido a temporalidade e variedade de temas dos folhetos. Ainda destaco que não sigo uma cronologia quanto ao uso dos cordéis, pois procuro associar as representações dentro do período de 1900 a 1944.

⁴⁹ DAUS, Ronald. **O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do Nordeste**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1982. p.22.

Popular nordestina, onde permaneceu até os quinze anos de idade tendo conhecido vários cantadores e poetas ilustres, entre eles Chagas Batista. Da Vila Teixeira vai para Pernambuco e fixa residência primeiramente em Jaboatão, onde morou até 1906, depois residiu em Vitória de Santo Antão e a partir de 1907 no Recife onde viveu de aluguel em vários endereços, imprimindo a maior parte de sua obra poética no próprio lar ou em diversas tipografias⁵⁰.

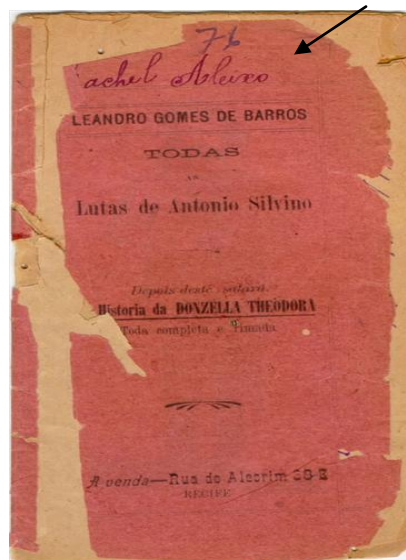
Leandro foi um exímio narrador das ações de Antonio Silvino nos Sertões e na pesquisa idifiquei mais de doze folhetos que versam sobre o cangaceiro. “Caboclo entroncado, de bigode espesso, alegre, bom contador de anedotas”: este é o retrato que dele faz Câmara Cascudo em *Vaqueiros e Cantadores*⁵¹. Casou-se com Venustiniana Eulália de Barros antes de 1889 e teve quatro filhos: Rachel Aleixo de Barros Lima, Erodildes (Didi), Julieta e Esaú Eloy, que seguiu a carreira militar tendo participado da Coluna Prestes e da Revolução de 1924.

De Leandro Gomes de Barros só existem fotografias de meio busto, que ele colocava em seus folhetos para provar a autoria de seus cordéis. Ao colecionar alguns folhetos de seu pai, Rachel Aleixo os assinava com caligrafia caprichada.

Fig. 03



Fig. 04



Fonte: Na figura da esquerda está a foto do busto de Leandro Gomes de Barros publicada nos seus folhetos e ao lado direito a capa do folheto “Todas as lutas de Antonio Silvino”, contendo no alto, a assinatura de Rachel Aleixo, filha do poeta. Acervo: Fundação Casa de Rui Barbosa – RJ. A sinalização da caligrafia foi feita por mim.

⁵⁰ Cf. GRILLO, Ângela. Op. Cit. 2005.

⁵¹ CASCUDO, Luiz da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. São Paulo: Global, 2005. p.28.

Na crônica intitulada: *Leandro, O Poeta*, publicada no Jornal do Brasil em 9 de setembro de 1976, Carlos Drummond de Andrade o chamou de "Príncipe dos Poetas" e assinala:

Não foi príncipe dos poetas do asfalto, mas foi, no julgamento do povo, rei da poesia do sertão, e do Brasil em estado puro". E diz mais: "Leandro foi o grande consolador e animador de seus compatriotas, aos quais servia sonho e sátira, passando em revista acontecimentos fabulosos e cenas do dia-a-dia, falando-lhes tanto do boi misterioso, filho da vaca feiticeira, que não era outro senão o demo, como do real e presente Antônio Silvino, êmulo de Lampião⁵².

Após o seu falecimento, em 4 de março de 1918, no Recife, o poeta e editor João Martins de Ataíde ficou com os direitos autorais de seus folhetos.

Francisco das Chagas Batista

Francisco das Chagas Batista, nasceu na Vila do Teixeira, PB, em 05 de maio de 1882 e faleceu na capital do Estado da Paraíba em 26 de janeiro de 1930. Em 1900 foi vendedor de água e de lenha e realizou seus estudos na cidade Campina Grande, na Paraíba. Seu primeiro folheto, *Saudades do Sertão*, é de 1902; em 1905 vendeu folhetos no Recife, e em Olinda passou pouco tempo no seminário; depois, trabalhou na ferrovia de Alagoa Grande. Em 1907, pioneiramente, versejou o romance *Quo vadis*, de Henryk Sienkiewicz; em 1909, residiu em Guarabira, onde trabalhou com o irmão, o editor Pedro Batista e casou com a prima Hugolina Nunes - tiveram onze filhos, dentre eles os poetas populares Paulo, Pedro, Maria das Neves e o folclorista Sebastião Nunes Batista, que produziu obras referenciais do cordel.

Em 1911, viveu na capital da Paraíba e negociou com livros e folhetos ; em 1913 fundou a Livraria Popular Editora, editando paródias, modinhas, novelas, contos, poesia. Em 1929 publicou o livro *Cantadores e poetas populares*, importante para a pesquisa em literatura popular em verso por conter as mais antigas informações sobre esta forma poética. Ele foi um dos primeiros editores de cordel e imprimiu produções de muitos poetas populares da época, exceto de João Martins de Ataíde. Conquanto se o tenha como dos maiores autores do cordel, o estágio atual da pesquisa não permite precisar quantos folhetos produziu. Ruth Terra identificou em coleções quarenta e cinco inquestionavelmente escritos por ele, dentre os quais dezenove sobre a nascente gesta do cangaço e clássicos que criou ao dar forma poética à

⁵² Cf. http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_biografia.html. Acesso em 05 de dez. 2009.

História da Imperatriz Porcina, de Balthazar Dias, Escrava Isaura, de Bernardo Guimarães e História de Esmeraldina, baseada em novela do Decameron, de Boccaccio⁵³. Chagas Batista escreveu um considerável número de folhetos sobre Antonio Silvino, que hoje é uma das maiores fontes para a biografia do cangaceiro. Este poeta faleceu em 26 de janeiro de 1930 na cidade de João Pessoa na Paraíba.

Após situar escolhas, debates historiográficos e o local de fala das principais referências analisadas na pesquisa, informo que o exercício biográfico a respeito de Antonio Silvino está dividido em 4 capítulos, onde em todos, fiz uso da historiografia clássica e contemporânea e procurei abarcar os aspectos políticos, sociais e humanos da vida do “governador dos sertões”.

No primeiro capítulo, *Nos passos de Manuel Baptista de Moraes*, descrevo o contexto histórico da transição do século XIX para o XX e como se encontrava a cidade de Afogados da Ingazeira, local de nascimento do sujeito que foi biografado. Utilizei registros paroquiais, folhetos dos poetas Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros para reconstituir a infância e juventude deste sujeito. Vale salientar que sobre este momento de vida, que vai de 1875 a 1900, foi preciso levar em consideração a datação dos cordéis, cujo primeiro a relatar sobre a vida deste indivíduo foi do ano de 1905. Portanto os tempos não são preciso, e uso das possibilidades e da capacidade de associação e suposições.

No segundo capítulo, *Antonio Silvino: “o Governador dos Sertões*, procurei reconstituir os principais fatos e analisar as principais representações que foram atribuídas a Silvino entre os anos de 1900 e 1914, tempo de sua atuação como cangaceiro. Não utilizei o excesso de rigor de dias, meses e anos, procurei levar em consideração os acontecimentos, assaltos, crimes que mais foram noticiados pelos cordelistas Chagas Batista e Leandro de Barros e pelos jornais Diário de Pernambuco, Jornal Pequeno, Jornal do Recife, Correio do Recife e Jornal Folha do Povo.

No terceiro capítulo, *Espetacularizando uma prisão*, descrevi e analisei a captura de Antonio Silvino e como esse fato foi espetacularizado, recebendo Antonio Silvino múltiplas representações nos Jornais: Diário de Pernambuco, Jornal Pequeno e Jornal do Recife. Também analisei o ofício enviado pelo alferes Theóphanes Torres ao Chefe de Polícia de Pernambuco onde relatou a prisão do cangaceiro e alguns telegramas que felicitavam o alferes

⁵³Sobre a biografia de Francisco das Chagas Batista ver. <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/FranciscoChagas/franciscoChagas.html>. Acesso em 05 de dezembro de 2009. Ver também TERRA, Ruth. **Memória de Lutas**: literatura de folhetos no Nordeste (1893-1930). São Paulo: Global, 1983.

e seu grupo. Neste capítulo procurei mostrar um pouco da vida do alferes Theophanes Torres e como ele se popularizou após ter aprisionado Silvino. Aqui, imagens e anúncios e correspondências que retratavam sobre o cangaceiro complementaram as análises.

No quarto capítulo, *o Governador da Detenção*, analisei o cotidiano de Silvino na Casa de Detenção do Recife, as permanências e mudanças de comportamento, seu julgamento, sua liberdade e o fim da vida em Campina Grande como um sujeito comum e pouco valorizado. Para tanto fiz uso dos Jornais Diário de Pernambuco, Jornal Pequeno, cordéis e dos documentos da Casa de Detenção do Recife, todos apresentando detalhes e representações da vida do encarcerado.

Grande parte das fontes analisadas foram consultadas em seu formato original, principalmente os cordéis de Chagas Batista e Leandro de Barros, que no decorrer da Pesquisa foram digitalizados e disponibilizados pelo site da Fundação Casa de Rui Barbosa – RJ. Optei por fazer a reprodução de algumas citações longas, pelo caráter informativo e pelo poder que cada uma tinha para as análises que foram realizadas, bem como mantive a grafia da época por acreditar que a escrita, a sonoridade e a linguagem aproxima as pessoas do passado, mesmo que pelo simples exercício de imaginação histórica.

O que resta então? Se debruçar e ler: ***Antonio Silvino: “De Governador dos Sertões a Governador da Detenção” (1875-1944)!***

1. NOS PASSOS DE MANUEL BATISTA DE MORAES

1.1 - A transição do século XIX para o XX e a cidade de Afogados da Ingazeira

Mario Sette denominou de “doido varrido o século XX”⁵⁴. Foram tantas as transformações ocorridas no Brasil na transição dos oitocentos para os novecentos que talvez Sette tenha razão. Duas mudanças que reconfiguraram o país significativamente se deram na força de trabalho e na política. E a história de vida de Antonio Silvino esteve envolvida em transições que ocorreram no Brasil durante a passagem do século XIX para século XX.

Na transição dos séculos, a mão de obra, em grande escala, era escrava e imigrante, e os sinais do fim da escravidão começaram a despontar nos espaços políticos por meio dos abolicionistas. Em 1879, Joaquim Nabuco, na época deputado pernambucano, escreveu que:

[...] para o Norte, para a província que tenho a honra de representar neste recinto, é de grande vantagem desfazer-se de todos os escravos. Não desejo nada mais para o norte do que o dia que ele não empregue senão o trabalho livre. Mas acima dos interesses de minha província, coloco os interesses do país; acima dos interesses do país, coloco os da humanidade; que não permite que esse tráfico possa por mais tempo continuar sob a nossa bandeira⁵⁵.

O fim da escravidão ficou iminente por acontecer. A Lei Áurea em 1888⁵⁶ executou tal feito e os latifundiários sofreram forte impacto com a perda da mão de obra de baixo custo e a não indenização pelo fim da escravidão. Não se pode generalizar que tal mudança foi desastrosa, porque parte significativa dessa massa trabalhadora continuou exercendo o trabalho pesado em troca de moradia e subsistência, uma vez que a aceitação dos recém libertos não se deu de forma imediata na sociedade.

A situação pós escravidão agravou a economia geral e a política se fragmentou, pois as medidas adotadas pelo governo imperial não agradavam aos latifundiários. Em 1889 foi proclamada a República, por meio do golpe militar, liderado pelo marechal Deodoro da

⁵⁴ No começo do século XX vislumbrava-se o Recife como uma cidade em processo de modernização nas diversas faces que se pode imaginar: urbanização, imprensa, transportes, valores e costumes. Estas mudanças aconteceram em diversas partes do país. Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador foram cidades que também se impactaram com essas mudanças. Ver. SETTE, Mario. **Maxambombas e Maracatus**. 4ª ed. Recife: FUNDARPE, 1981.

⁵⁵ Discursos parlamentares. São Paulo: IPE, 1949. p.12.

⁵⁶ Lei decretada pela Princesa Isabel que extinguiu a escravidão negra no Brasil. Sobre a lei e a princesa Isabel ver. BARMAN, Roderick J. **Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX**. São Paulo: ed. UNESP, 2005.

Fonseca, que depõe D. Pedro II. A colaboração civil praticamente não fora notada nessa empreitada que almejava os interesses políticos da população mais abastada e das classes médias urbanas.

A política ficou então a cargo dos líderes militares, que após alguns anos de poder, passou para os produtores agrários da região Sul. Configurou-se assim, a chamada política do “café com leite”⁵⁷, dando visibilidade à produção cafeeicultora e pecuarista do país, o que reduziu parte da economia na região Norte.

E para área Norte, como essa República chegou? O impacto das mudanças também foi significativo? Acredito que sim. Os engenhos *bangüê* e *central* entraram em declínio dando lugar às usinas, principalmente, quando em 15 de outubro de 1890 foi aprovada a lei, que “revogava as Leis Provinciais do Império de números 1.860 e 1.972, que ofereciam empréstimos de 200 contos em títulos estatais a 7% dos agricultores que construíssem pequenas usinas produtoras de 900 toneladas de açúcar por safra”⁵⁸.

Aos poucos o panorama econômico canavieiro, como denominou Peter Einsenberg, vivenciou uma “modernização sem mudanças”, pois apesar da alteração tecnológica em que se introduziram máquinas no fabrico do açúcar, a mão de obra continuou a ser explorada e não se modificou a estrutura social e econômica. O açúcar neste momento, ainda passou a perder consideravelmente a importância no mercado exportador. O número de homens que trabalhavam no corte da cana, tornados ex-escravos, ou dos migrantes da região sertaneja para a zona da mata, passou a ser reduzido devido à introdução de máquinas no fabrico do açúcar e de seus derivados. Cada vez mais a situação se tornou difícil e muitos emigraram para outras regiões em busca de trabalho, ou ingressaram nos arraiais contra a seca, que o governo instalou.

O sertão da área Norte apresentava temperaturas elevadas, oscilando entre trinta e quarenta graus, o índice pluviométrico considerado baixo apresentava-se entre 500mm a 700mm por ano, a vegetação de caatinga, bastante seca e espinhenta onde aparecem espécies como o mandacaru, a palma, a quixabeira, a algaroba, o xique-xique, se fazia presente. O solo árido, muitas vezes rachado pelo excesso de calor sentiu de sobremodo as fortes

⁵⁷ É importante lembrar que o poder estava sob o domínio da política sulista, em que a cada eleição deveria haver a alternância entre um líder paulista e outro mineiro. O primeiro produtor de café e o segundo de leite. Essa prática vigorou até a década de 1930. Cf. em FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: historiografia e história**. São Paulo: Cia das Letras, 1997. Em especial o terceiro capítulo quando ele escreve sobre as oligarquias governantes.

⁵⁸ EINSENBURG, Peter. **Modernização sem mudança: a indústria açucareira em Pernambuco: 1840/1910**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 125. Vale salientar que apesar do declínio, ainda é possível encontrar engenhos centrais em alguns Estados brasileiros.

conseqüências da que foi considerada a maior seca do século XIX, ocorrida entre os anos de 1877-1879, cuja população brasileira foi dizimada em 5%⁵⁹.

Desde agosto de 1877 se anunciava nos jornais da cidade do Recife que o sertão estava assolado pela seca e que os gêneros alcançavam preços exorbitantes: a carne, a farinha e a rapadura eram os gêneros que apareciam e que constituíam a dieta alimentar dos sertanejos, mas eles não os compravam por não dispor de valores⁶⁰. Marco Antonio Villa em seu estudo sobre a história das secas no Nordeste entre os séculos XIX e XX apresenta o seguinte relato sobre os migrantes do sertão para o Recife:

Manoel Clementino Carneiro da Cunha, presidente da província de Pernambuco, escreveu que “os emigrantes atravessam caminhos desertos, abrasados pelo sol, sofrendo fome, e chegam enfraquecidos e mais a ponto de não poderem aparecer”. Com as roupas em frangalhos, muitos nus, famintos e doentes, arrastavam-se pelas ruas do Recife à procura de comida. Não havia nenhum planejamento nas obras públicas de emergência a não ser ocupar os milhares de retirantes em algumas horas por dia em algum tipo de trabalho. Estavam sendo construídas na província três pontes, três cadeias novas e nove açudes, além de cinco cemitérios e dez igrejas matrizes. Em maio já eram 70 mil retirantes só na capital e nos seus arredores⁶¹.

Os grupos que saíram em busca de trabalho e doações tais como roupas, alimentos e acolhimento nas fazendas que ainda mantinham uma considerada fartura, muitas vezes foram recebidos pelos grandes donos de terras. Foi neste momento que a figura do coronel ganhou uma maior proporção e poderes políticos. Os homens que garantiram posses de terras nas cidades interioranas após o fim da Guarda Nacional, criaram uma rede de poder que envolvia o mandonismo local, o protecionismo aos parentes e aos empregados.

Sua função deixou de ser associado ao militarismo da Guarda Nacional, para se destacar como chefe político das vilas e cidades menores do país. Ao acolher os necessitados, esses coronéis criaram uma parentela e edificaram acordos e trocas de favores. No Norte essa prática tornou-se cada vez mais comum. O prestígio do coronel cresceu e podia ser medido pela rede de relações que mantinha com as pessoas do povoado em que habitava. Era comum que as pessoas se apresentassem fazendo menção ao coronel na região. Eleições, nomeações

⁵⁹ GARCIA, Carlos. **O que é Nordeste brasileiro**. São Paulo: ed. Brasiliense, 1984. É importante salientar que atualmente, o clima, a vegetação e o relevo mantêm as mesmas características.

⁶⁰ Uma breve leitura nas primeiras páginas dos jornais que circulavam entre os anos de 1877 a 1879 permite que visualizemos relatos da escassez de gêneros alimentícios na área e sobre migração em massa dos sertanejos para a capital pernambucana. Ver os Jornais: Diário de Pernambuco e Correio do Recife.

⁶¹ VILLA, Marco Antonio. **Vida e morte no sertão**: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ed. Ática, 2001. p. 54-55.

políticas e preenchimento de cargos públicos sempre passavam pelo crivo do coronel local. Os cargos policiais desde a época do império não sofreram tantas modificações. Eram delegados, subdelegados, cabos e soldados que estruturavam o policiamento das cidades interioranas. Esses coronéis, chefes políticos, protegiam e eram protegidos por homens conhecidos como jagunços ou capangas, e solucionavam os problemas locais com acordos amigáveis ou pelo uso da violência⁶².

Outro acontecimento que marcou o período de forma significativa foi a revolta de Canudos (1896-1897) ocorrida em um lugarejo pobre, nas margens do rio Vasa-barris, no sertão baiano. Teve como líder Antonio Conselheiro que rebatizou a área de Monte Santo. O chefe do movimento messiânico e seus seguidores combatiam as implantações políticas e legislativas, tais como o fim da monarquia e o casamento civil, além de se recusarem a pagar os impostos cobrados aos pobres, que muitas vezes tinham os bens e propriedades confiscados pelo governo quando não pagavam. O arraial de Canudos foi fortemente reprimido e após três expedições militares enviadas ao local sucumbiu em outubro de 1897⁶³.

Desde a povoação das áreas sertanejas, que se deu a partir dos oitocentos, homens pegavam em armas para defender o que lhes restavam na vasta terra seca. faziam parte do cotidiano dos sertanejos as disputas por terras, a garantia dos bens e honrar o nome da família. Os Ferreiras, os Moraes, os Feitosas, os Brilhantes e os Alencar eram famílias importantes. Fazendas, açudes, rebanhos de gado e outros bens não podiam ser violados. Essas famílias quando não mantinham laços de amizade, travaram rixas que culminaram em lutas políticas, disputa de prestígio e muitas vezes em mortes e conquistas ou perdas das terras.

Na região do Pajeú, segundo Gastão Fonseca, a Freguesia de São José da Ingazeira, esteve como destaque no início do povoamento.

O desenvolvimento começou em 1860 com o aproveitamento das terras férteis nas proximidades das serras da Colônia, da Carapuça e da Conceição, pelos fazendeiros que cultivavam e comercializavam produtos

⁶² Sobre coronelismo ver. LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977. QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, Boris (org.), **História geral da civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Tomo III, v.01. 2004. ; CARVALHO, José Murilo de. **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual**. In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-2581997000200003&lng=pt&nrm=iso acesso em 30 de outubro de 2009.

⁶³ Sobre o arraial de Canudos ver: CUNHA, Euclides. **Os Sertões: campanha de Canudos**. São Paulo. Ateliê editora, 2002.; MONTEIRO, Douglas Teixeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In FAUSTO, Boris (org.) **História geral da civilização brasileira: O Brasil republicano**. V. 2. sociedade e instituições (1889-1930). 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. ; MACEDO, José Rivair. MAESTRI, Mário. **Belo monte: uma história da guerra de canudos**. São Paulo. Expressão Popular, 2004.; SOUTO MAIOR, Armando. **Quebra-quilos: lutas sociais no outono do império**. São Paulo: Editora Nacional (Brasileira), 1978.

agrícolas. A grande dificuldade da época eram as péssimas condições das estradas para o transporte dos produtos. Aquelas estradas ligavam Afogados à capital pernambucana⁶⁴.

Além do comércio e da agricultura, a freguesia contava com o trabalho escravo. A Igreja Católica em 1872 já registrava batismos de escravos. Como ilustra o trecho do livro de Batismo da matriz de Ingazeira:

Servirá este livro para o registro dos nascimentos dos filhos de escravos nascidos desde a data da Lei nº 2040 de 28 de setembro de 1871, na Freguesia de S. José da Ingazeira segundo o disposto no artigo 8º § 5 da dita lei⁶⁵.

No ano de 1910, o Bispo Augusto, registrou sobre o passado da cidade e sobre a população de Ingazeira. Escreveu que:

[...] o estado moral d'esta população de Afogados, a exceção de algumas famílias hostis a religião, os habitantes da cidade são de índole religiosa, respeitadores do sacerdote, humildes, e de boa intenção, os exercícios religiosos os chamam a Igreja, porém a base fundamental da doutrina com recepção dos sacramentos, falta quase completamente⁶⁶.

O mesmo Bispo da Freguesia de São José da Ingazeira escreveu também, que a população em geral não era próxima das tradições religiosas, só os “mais esclarecidos” e grandes donos de terras é que estavam vinculados ao processo religioso, o povo das redondezas da matriz, era supersticioso e estavam sujeitos a ação de cangaceiros, o que na visão do religioso eram homens maus. Ele descreve o vilarejo do Espírito Santo, que fica nos arrabaldes da matriz:

Espírito Santo – é o districto mais povoado, próximo à Parahyba é onde andam os cangaceiros, onde se refugiam os homens de maus costumes do estado vizinho. É onde a população é mais sujeita as superstição de Juazeiro, onde os costumes são mais grosseiros, onde os excessos mais frequentes.⁶⁷

Segundo o Bispo Augusto, a cidade só passou a sofrer alterações significativas quando se deu uma participação maior da população nos trabalhos da Igreja Católica, entre eles, a

⁶⁴ FONSECA, Gastão Cerquinha. **Afogados da Ingazeira**: retalhos de sua história. Recife: Bagaço, 2008. p. 30.

⁶⁵ Livro de Batismo da Igreja de São José da Freguesia de Ingazeira. 1872. p. 01. Ms.

⁶⁶ Livro de Tombo da Igreja de São José da Freguesia de Ingazeira. O trecho se refere aos acontecimentos em várias vilas da freguesia nos últimos anos do século XIX. p.32. Ms.

⁶⁷ Idem. p.33.

construção da Igreja matriz que envolveu religiosos e populares⁶⁸. As fotografias a seguir ilustram a execução da obra que centralizou as ações sociais e políticas da cidade e que ainda hoje centraliza. A prefeitura, as secretarias, as lojas comerciais e outras repartições públicas ficavam localizadas nos arredores da igreja.

Fig. 05



Fonte: Foto da construção da Igreja matriz no ano de 1910. Acervo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Remédios. Livro de Tombo ano de 1911. p.25.

Fig. 06



Fonte: Foto da Igreja matriz após a conclusão da obra e já com o coreto central. Ano de 1920. Acervo da Biblioteca Pública da Prefeitura de Afogados da Ingazeira

Para além desta História, já conhecida do Norte brasileiro, em que discurso de pobreza, fim de escravidão, seca, fome, disputas territoriais e política de mandonismo local se fez presente na região, a importância das relações de parentelas e a posse de terras são elementos bastante significativos para situar a vida de Manuel Batista de Moraes.

Capistrano de Abreu, em seu trabalho *Capítulos de História Colonial*, descreveu que no século XVIII a criação de gado foi responsável pela ocupação das regiões do sertão nortista. “Ao compasso do afastamento do gado, novas passagens e novos caminhos iam sendo trilhados⁶⁹”. Os arrendamentos davam ao vaqueiro pequenas posses de terras, que com seus poucos recursos constituíam seus bens e ampliavam suas terras, criando açudes, áreas para agricultura e mantendo o comércio local.

Durante o século XIX e grande parte do XX, a população que ocupou o sertão viveu sem ordens e lideranças e como parte dessa gente era católica seguiam apenas os sacramentos

⁶⁸ É preciso levar em consideração o local de fala do Bispo Augusto, pois este se posiciona como aquele que levou a salvação e a conversão de uma população que nada sabia sobre cristianismo.

⁶⁹ ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500-1800)**. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia. 1988. p. 84.

religiosos, na qual nem sempre eram cumpridos. Conforme relatou o Bispo Augusto da Vila de Ingazeira:

Poucas famílias procuram sinceramente a religião para se instruírem na vida da prática religiosa, mas quantas hostis ao padre, a Igreja e aos usos Christãos. [...] Ahi a covardia interessada de alguns christãos ávidos de dinheiro, sem ser pelo trabalho honesto, e por isso cortejando os maus. A educação da infância é difícil pelas distâncias⁷⁰.

A Carta Régia de 20 de janeiro de 1699 foi o primeiro esforço de organizar as regiões distantes do litoral. Logo, se “mandou criar nas freguesias do sertão juizes à semelhança dos de vintena, que saíam dos mais poderosos da terra, e em cada freguesia um capitão-mor e cabos de milícia obrigados a socorrer e ajudar os juizes⁷¹”. O trabalho desses juizes implicava na cobrança de impostos e os capitães sofriam grande resistência por parte da população. Capistrano de Abreu relatou que:

Os capitães-mores deixaram fama de violentos, arbitrários e cruéis, não eram porém, incontratáveis e maior ou menor sempre encontraram oposição. Reinava o respeito natural pela propriedade; ladrão era e ainda é hoje o mais afrotoso dos epítetos, a vida humana não inspirava o mesmo acatamento. Questões de terra, melindres de família, uma descortesia mesmo involuntária, coisas às vezes de insignificância inapreciável desfechavam em sangue. Por desgraça não se dava o encontro em campo aberto: por trás de um pau, por uma porta ou janela aberta descuidosamente, na passagem de algum lugar ermo ou sombrio lascava o tiro assassino, as vezes marcando o começo de longa série de assassinatos e vendetas. Com a economia naturista dominante, custava pouco ajuntar valentões e facinorosos, desafiando as autoridades e as leis⁷².

Essas práticas acabaram por constituir o que se pode chamar de código de honra sertaneja, não um código escrito, mas algo edificado pela tradição, pelos costumes e que se tornou comum. O gado roubado, o uso não acordado de açudes, o rapto ou defloramento de mulheres e o tom descortês de uma conversa gerava conflitos e perduravam desavenças por gerações.

No trabalho realizado por Fábio Dantas e Maria Leda Dantas, *Uma Família na Serra do Teixeira*, sobre a genealogia da família Dantas, A Serra do Teixeira está elencada como o centro de configuração de tal família. Segundo este estudo o Capitão Antônio Dias Antunes

⁷⁰ Livro de Tombo da Igreja de São José da Freguesia de Ingazeira. O trecho se refere aos acontecimentos em várias vilas da freguesia nos últimos anos do século XIX. p.33. Ms.

⁷¹ ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500-1800)**. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia. 1988. p. 87.

⁷² Idem. p. 87,88.

(Capitão Antas), Antônio de Araújo Frazão, Manuel Gonçalves Melo, Joana Francisca de Oliveira, são os nomes que constam nos cartórios e registros religiosos como pertencentes a porções de terras na Serra do Teixeira. As relações criadas entre os membros dessas famílias fizeram crescer as posses e mantiveram os bens que possuíam.

O Teixeira fazia e ainda faz divisa geográfica com a região do Pajeú pernambucano e sabe-se pelo artigo do Juiz Antonio Farias Teixeira, publicado em 1917, que a família Dantas se uniu à família Ramos, da cidade de Paudalho-PE. Segundo o juiz, os Ramos eram gente de sangue ardente e aventureiro, que unidos aos Dantas, donos de grandes proporções de terras, acabaram por ditar as ações locais⁷³. O que veio a trazer atritos com outras famílias.

As grandes propriedades trouxeram para essas famílias uma forte relação entre público e privado. Um Dantas que estivesse ligado à política, mantinha relação com outro Dantas, ou alguém de outra família que estava vinculada à Justiça, ou apoiava o comerciante de famílias de posses e assim se constituíam as relações de poder social. Deste modo, as ações que deveriam ser públicas eram mantidas entre os pares para se garantir o poder local. Essa junção de público e privado e os conflitos que foram travados entre os Batistas de Moraes, os Dantas e os Ramos duraram por muito tempo e estão no epicentro do entendimento da vida de Manuel Batista de Moraes.

1.2 - A gesta de um sertanejo

Foram várias as modificações políticas, religiosas e sociais durante a transição do século XIX para o XX e a cidade de Afogados da Ingazeira, em Pernambuco, enfrentou grandes dificuldades, principalmente no que diz respeito à educação da população, à política e à atuação da Igreja Católica. Em dois de novembro de 1875, na região do Pajeú⁷⁴, no Estado de Pernambuco, ano de chuvas e farturas de lavouras nasceu o garoto que recebeu o nome de Manoel Batista de Moraes, descendente dessas famílias consideradas importantes na localidade. Nasceu no tempo em que histórias dos capangas, dos jagunços e dos primeiros

⁷³ Cf. TEIXEIRA, Antonio Farias. **Almanak do mensageiro da fé para o ano de 1917**, editado pelos Franciscanos. Typ. De São Francisco, Bahia. P. 113-117.

⁷⁴ O Pajeú é a região banhada pelo Rio São Francisco e se localiza na parte Norte do alto sertão pernambucano. Fazendo divisa com o Estado da Paraíba. Sobre o local de nascimento de Manoel Baptista de Moraes, existem controvérsias. O cordelista Francisco das Chagas Batista escreveu que foi Alagoa do Monteiro, na Paraíba, já o jornal Diário de Pernambuco escreveu ter sido no vilarejo Espírito Santo na cidade de Afogados da Ingazeira em Pernambuco. Apesar de não ter localizado o registro de Batismo de Manuel Batista de Moraes, na análise documental do acervo da Paróquia do Senhor Bom Jesus dos Remédios, encontrei nos livros de Batismo e de Tombo a referência de que a Serra de Colônia era o local onde residia os Batista de Moraes, vilarejo que pertence a cidade de Afogados da Ingazeira em Pernambuco.

cangaceiros, tais como Cabeleira e Jesuíno Brillhante, eram narradas nas feiras ou pelos mais velhos nos terraços dos casarões das fazendas, no tempo em que homens fazendo valer a honra resolviam as pendências no *trabuco*⁷⁵, ou seja, por meio de violência.

Os preparativos para seu nascimento devem ter ocorrido na agitação das dores iniciais do parto sentidas por Balbina de Moraes. Geralmente a parteira bem conhecida da região e de confiança da família era chamada. Os parentes ansiavam se seria menino ou menina, dava-se preferência para meninos, pois estes poderiam garantir futuramente o nome da família e fazer crescer o parentesco. Sim, a figura do homem era preponderante, principalmente no espaço público. O orgulho de Batistão, pai da criança, ao receber a notícia de que nascera mais um homem, pois, Francisco Batista (Chicó), o primeiro filho do casal veio alguns anos antes, deve o ter envaidecido. Depois de Manoel, Batistão e Balbina tiveram outro filho, Zeferino Batista. Ter tido três filhos homens possivelmente significou grande repercussão na cidade. Os pais e parentes apelidaram a criança de forma carinhosa como “Nézinho”⁷⁶.

Batizados na igreja católica⁷⁷, devotos de santos da mesma religião, os filhos viviam na Fazenda Colônia, auxiliavam o pai no cuidado da terra e do gado, saiam para as festas nas cidades vizinhas, envoltos na crença católica, nas festas de Santo Antônio eram bastante conhecidos⁷⁸. Chicó foi o primeiro a se casar, ficando os outros a cuidar dos bens junto com Batistão. Pelas características físicas e pelo refinado modo de tratar as pessoas certamente eram tomados como bom partido para casar e se faziam estimados nas redondezas.

O nascimento e a infância de Manuel Batista aparecem nos folhetos de cordel do início do século XX descritos de maneiras diversas. O poeta Leandro Gomes de Barros no folheto: *O nascimento de Antonio Silvino*, publicado possivelmente⁷⁹ entre 1909 e 1912 escreveu:

É homem ou será mulher?

⁷⁵ Trabuco é uma palavra que apresenta vários significados no vocabulário sertanejo. Pode ser: luta corporal ou luta com armas como bacamarte, mauser e facas.

⁷⁶ Sobre os pais de Manoel Batista e a referência ao apelido “Nézinho” ver. BARROSO, Gustavo, **Almas de lama e aço**. São Paulo: CIA Melhoramentos, 1930.

⁷⁷ Entre os anos de 1850 e 1860 foi construída a capela de Santo Antônio em Afogados da Ingazeira, provavelmente os filhos de Batistão foram batizados nesta capela. Ver. DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antonio Silvino: o cangaceiro, o homem, o mito**. Natal: Cartograf, 2005.

⁷⁸ Cf. DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antonio Silvino: o cangaceiro, o homem, o mito**. Natal: Cartograf, 2006.

⁷⁹ Defendo que seja nesse período que o cordel foi publicado, pois na capa do folheto aparece o endereço da Rua do Alecrim nº 38. Leandro Gomes de Barros morou nessa rua entre os anos de 1909 a 1912. Anteriormente ele residia em Vitória de Santo Antão –PE. Os cordéis de 1913 a 1918 aparecem com o endereço da Rua Motocolombó nº 28 Afogados. Leandro viveu em casas alugadas e registrava o endereço dos seus folhetos como mecanismo de informar o local de venda dos seus cordéis. Cf. TERRA, Ruth. Brito Lemos. **Memórias de lutas: literatura de folhetos do nordeste (1893-1930)**. São Paulo. Global, 1983. Ver também. GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A arte do povo: histórias na literatura de cordel (1900-1940)**. Doutorado em História. Niterói. UFF-EHESS. 2005. Em especial o capítulo 1: poesia de cordel: constituição de um campo.

Perguntaram ahi meus paes,
Então a parteira disse
É mesmo que um Ferrabraz
Se este não for cangaceiro
Obras desmente signaes

Diz minha mãe que eu nasci
Num dia de quarta-feira,
Quando foram dar-me banho
Foi visto pela parteira
Que tinha em minha cintura
A marca da cartucheira

Dias depois minha mãe
Divulgou outro signal
Em meu lado esquerdo um rifle
Se divulgou afinal
Na palma da mão direita
Visivelmente um punhal

O Poeta Francisco das Chagas Batista, no folheto: *Antonio Silvino: vida, crimes e julgamento*, publicado posterior ao ano de 1916⁸⁰, também descreveu o nascimento e a infância de Manoel:

Nasci em setenta e cinco,
Num ano de inverno forte,
No dia dois de novembro
Aniversário da morte
Por isso o cruel destino
Deu-me de bandido a sorte

Meu avô foi muito rico
E meu pai foi abastado,
Mas não me mandou educar,
Porque onde fui criado
O povo não aprecia
O homem civilizado

Ali se aprecia muito
Um cantador, um vaqueiro,
Um amansador de potro
Que seja bem catingueiro
Um homem que mata onça
Ou então um cangaceiro

Enquanto eu era pequeno
Aprendi a trabalhar
Chegando aos 14 anos
Dediquei-me a vaquejar
Abraçei aos vinte anos

⁸⁰ Afirimo que o folheto é posterior a 1916, pois relata a vida de Silvino desde o nascimento até o seu julgamento que ocorreu no ano de 1916.

A profissão de matar

Manoel foi marcado e nominado pelos cordelistas como um sujeito predestinado ao crime, como o homem que devido à braveza da terra, às disputas pelo poder local e à rejeição aos modos civilizados acabou por lutar para manter a honra e a fama de que todo sertanejo era violento por natureza. Ao que demonstra o folheto esta criança foi marcada apenas pelo destino de sofrimentos, a começar pelo fato de ter nascido no dia de finados. Segundo os versos de Chagas Batista, mesmo tendo realizado outras atividades como aprender a trabalhar e a vaquejar, Manoel foi cravado de significados associados à violência e ao banditismo. Infelizmente não identifiquei outras fontes que apresentassem descrições da vida de Manoel Batista anterior ao seu ingresso no cangaço, mas certamente ele foi uma criança que viveu envolvida no universo rude sertanejo, entretanto não se pode continuar afirmando que ele foi um sujeito nascido para matar como escreveu o cordelista no final do verso.

Sobre Dona Balbina, mãe de Silvino, pouco se soube, os documentos não apontam indícios de sua história. Ela foi oriunda da zona dos Inhamuns, área do sertão que apresentava a fama de gerar homens valentes e famílias que disputavam os interesses políticos locais⁸¹. Como muitas mulheres das vilas sertanejas deve ter se voltado para os afazeres domésticos e cuidado da prole e do marido.

O pai, Batistão⁸², era possuidor de terras e bens, um sujeito popular e idôneo, sem muitas conversas e de poucos amigos. Devido à fama de valente e corajoso que trazia dos tempos de adolescente enfrentou muitos inimigos para proteger a fazenda Colônia. Segundo Gustavo Barroso:

[...] exerceu função policial de subdelegado, o que trouxe-lhe rancoroso inimigo na pessoa de um fazendeiro vizinho, conhecido protetor de maus elementos, que o subdelegado impediu de praticar abusos, conforme costumava, fiado nos seus asseclas. Quando Batistão deixou o cargo, ele gabou-se publicamente de pretender desfeitá-lo⁸³.

⁸¹ CHANDLER, Billy Jaynes. **Os Feitosas e o sertão dos Inhamuns**: a história de uma família e uma comunidade no nordeste do Brasil (1700-1930). Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1980.

⁸² O nome do pai também é contraditório: Pedro Baptista Rufino de Almeida ou Francisco Baptista de Moraes, nos textos biográficos e nas fontes esses dois nomes se referem a mesma pessoa: Batistão. Os biógrafos Mario Souto Maior e Sérgio Augusto Dantas se referem ao nome Pedro Baptista Rufino de Almeida, bem como Gustavo Barroso. Já Severino Barbosa se refere a Francisco Baptista de Moraes. Chagas Batista no seu Cordel: A História de Antonio Silvino, datado de 1907, escreveu o nome do pai como Pedro Baptista de Almeida. O jornal Diário de Pernambuco datado de 02 de dezembro de 1914 diz que o nome de seu pai é Francisco Baptista de Moraes.

⁸³ BARROSO, Gustavo, **Almas de lama e aço**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1930. p. 78.

Os inimigos de Batistão eram o Coronel Luis Antonio Chaves e Desidério Ramos. Gustavo Barroso escreveu que:

Tendo discutido com Chaves – que possuía uma fazenda encostada à sua – por causa do assentamento de um bebedouro para o gado, encarregaram-se as intrigas de envenenar essa pequena e naturalíssima divergência entre vizinhos, numa região onde as terras são mal determinadas, havendo sempre dúvidas quanto a sua posse e limites. A política se intrometeu no caso e azedou os ânimos. O bebedouro era imprescindível para Batistão, pois no sertão ressequido as boas águas são difíceis. Se seu gado não pudesse beber no lugar que escolhera, somente encontraria uma aguada dali a duas léguas. Insistiu, portanto em manter o bebedouro. O Dr. Chaves mandou desmancha-lo. Declarou-se a guerra⁸⁴.

Gustavo Barroso escreveu que Desidério Ramos teria se oferecido para matar Batistão⁸⁵. Convocou seu irmão, o delegado Manuel Ramos e no dia 03 de janeiro de 1897 adentraram a feira de Afogados da Ingazeira para realizar tal ação. As feiras naquela época pareciam dias de festa, com bancas de frutas organizadas, pessoas circulando e realizando transações comerciais. Animais, alimentos, roupas, tudo compunha a feira de Afogados da Ingazeira que ocorria no domingo. A feira entrou em pavor, barracas foram reviradas, pessoas devem ter corrido para várias direções, outras ainda se esconderam e o domingo de feira deu-se por acabado⁸⁶ quando Batistão despreocupado com seus afazeres foi surpreendido por Ramos que o matou a sangue frio. Sobre tal morte noticiou o Jornal Pequeno:

No dia 03 do corrente, Manuel Ramos, encontrando-se com Pedro Rufino de Almeida Baptista, inimigos de longa data, em limites desde município com o de Flores, Pedro Baptista armado com clavinote, ameaça Ramos. Depois lhe toma a calça, paletó, chapéu, sapatos e 20\$000 (vinte mil réis), voltando para aquelle município, blasonava o que havia feito. Ramos se dirigiu a casa do subdelegado que, reunindo alguns homens paisanos, seguiu para a casa onde estava Batista afim de capturá-lo. Este sabendo das diligencias que se preparavam, e vendo Ramos que passava na rua, pretendeu disparar o bacamarte, não o fazendo por ser obstado por outros, e, montando a cavalo, procurava evadir-se, quando encontrando-se com a força acima referida, travou renhida luta, da qual resultou saírem mortos o mesmo Batista e Manuel Chaves Campos, que ali passava na ocasião⁸⁷.

⁸⁴ Idem. p. 80, 81.

⁸⁵ Na pesquisa realizada é Gustavo Barroso que informa sobre Desidério Ramos ter se oferecido para matar Batistão. Ver. BARROSO, Gustavo, **Almas de lama e aço**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1930.

⁸⁶ Ao consultar alguns processos do poder judiciário do final do século XIX e início do XX, observamos que, além do relato criminal existe uma riqueza de detalhes sobre o local onde os crimes ocorriam. Geralmente nos autos se reconstituíam as brigas ocorridas informando espaços como feiras e estradas como locais dos assassinatos. Os folhetos de cordel também descrevem com detalhes as feiras sertanejas. Aqui o exercício de imaginação histórica foi feito, não como algo ficcional, mas como forma de atribuir sentidos ao relato da morte de Batistão na feira, que aparece nos documentos sem descrições mais apuradas.

⁸⁷ JORNAL PEQUENO. Recife. 30 de jan. 1897. p. 02. APEJE. Optamos por manter a grafia dos jornais e dos cordéis da época, pela sensação de retorno ao passado que a escrita de outrora apresenta.

A informação apresentada nas páginas do jornal deixa margem para pensar se de fato houve a provocação por parte de Batistão, ou se ele foi surpreendido por Ramos que o assassinara cruelmente. Como parecia ser comum que os coronéis tivessem o controle político da localidade e a polícia geralmente estava associada ao poder destes, possivelmente o assassinato ocorreu a mando do Coronel Chaves, mas, não existem documentos que indiquem tal ordem de assassinato⁸⁸. No final, o corpo de Batistão no chão, o sangue correndo pelo barro e os parentes se aproximando para lamentar a morte. Muitos se chocaram com o crime, outros vibraram pelo fim do valente sertanejo.

Dona Balbina dias depois foi assassinada na residência dos Moraes. A dor da família foi grande, o velório que certamente recebeu a presença de amigos e familiares durou a noite toda, sendo o corpo sepultado na manhã do dia seguinte. No final da tarde seguinte, os membros próximos da família Ramos violaram as covas, provocando a ira de Manoel e de seu irmão Zeferino, que atiraram contra os profanadores das sepulturas. Depois de renhido tiroteio, no cemitério familiar ficaram os corpos de João Rosa e Manoel Cabaceiras, além de outro não identificado, que caíram para a vingança parcial dos Batista de Moraes.

A morte deu lugar ao ódio e ao desejo de vingança. A família procurou os meios legais para fazer justiça e perpetraram queixa sobre os assassinos. Aconselhados pelo juiz da Comarca de Flores, os assassinos se entregaram, foram julgados e posteriormente enviados para a Casa de Detenção do Recife. Marcou-se um novo julgamento. Na data do júri, a escolta policial responsável por conduzir os presos até a cidade de Flores foi desbancada e os presos fugiram⁸⁹. Nada mais se fez para punir os assassinos de Batistão.

A revolta tomou conta de Manoel Baptista de Moraes e ele resolveu com seu irmão procurar os meios ilegais de fazer justiça. A família ao que indicam os cordéis tinha muito valor na vida deste sertanejo. Sobre o ingresso de Manoel no cangaço o poeta Chagas Batista escreveu no folheto *A vida de Antonio Silvino*, datado de 1907:

Pedro Baptista de Almeida
E Balbina de Moraes,
(casados pela igreja)
São meus legítimos paes,
Ambos 'stão mortos, por isto

⁸⁸ Severino Barbosa em seu livro **Antonio Silvino**: o rifle de ouro afirma sem informar a fonte consultada que o coronel Luis Chaves contava com o apoio do governo e que poder, justiça e lei estavam do seu lado, portanto ninguém teria coragem de afrontar tal coronel. Ver em BARBOSA, Severino. **Antonio Silvino**: o rifle de ouro. Vida, combates, prisão e morte o mais famoso cangaço do sertão. 2ª edição. Recife, Cia. Editora de Pernambuco 1979. p.51.

⁸⁹ BARROSO, Gustavo, **Almas de lama e aço**. São Paulo. Companhia Melhoramentos, 1930. p. 82.

Commetti crimes sem iguaes!

Não houve freio para vingar a morte dos pais e as circunstâncias de desonra e ameaça, na qual ele se encontrava, fez desse sujeito um adepto da vida criminosa⁹⁰. O surgimento do novo cangaceiro segundo Mario Souto Maior se deu com a soma de: “injustiça social + ignorância + influência do meio + outros temperos = igual a Antonio Silvino”⁹¹.

Sofrer injustiças, a ignorância e o meio social sempre causavam o ingresso no banditismo? Não seria uma generalização? Manoel Batista de Moraes não era um sujeito ignorante, sem conhecimento e leigo das redes de poder que existiam na região⁹². A adesão de Silvino ao cangaço associada a um somatório de causas e conseqüências é demasiadamente pobre para a construção da figura de um sujeito que ganhou grandes proporções nos meios comunicativos do período. Predestiná-lo ao crime, como tantos outros que surgiram da região do Pajeú⁹³ é algo que não condiz com a noção de poder político que ele apresentava segundo os cordéis, os relatos policiais e jornalísticos.

Tais fontes apresentam uma rede de interlocuções entre Manoel e outras pessoas que estavam imersos no universo do cangaceirismo, pois, disputas políticas sempre foram presentes na vida do jovem Né Batista, como também era conhecido Manoel⁹⁴. Seria possível associar o novo cangaceiro a idéia de rebelde sem causa social, apenas aquele que defende seus interesses e resolve fazer justiça com as mãos? Não acredito na idéia de ser Manoel Baptista um sujeito pré político e sem causa a defender. Ele não fez vingança apenas devido à morte dos pais, mas ligado aos seus interesses e suas relações sociais com outras pessoas das localidades que circulou. Segundo os relatos dos folhetos de cordel e dos jornais do período, pode-se pensar que o novo bandoleiro tinha consciência política das redes de poder do sertão, como apresenta Chagas Batista no folheto, *Antonio Silvino: vida crimes e julgamentos*:

Para punir esse crime
Ninguém se apresentou;
A Justiça do lugar

⁹⁰ Segundo o historiador Eric Hobsbawm o fenômeno de rixas familiares que se descontrolam é bem conhecido por aqueles que estudam as sociedades reguladas pela vingança de sangue, normalmente um dispositivo social que traz em si seu próprio freio automático. Cf. HOBBSAWM, E. J. **Bandidos**. Rio de Janeiro. Forense-Universitária, 1975. p.62

⁹¹ SOUTO MAIOR, Mário. **Antonio Silvino o capitão de trabuco**. Recife: Edições Arquimedes, 1969. p. 34.

⁹² Não estou me referindo a ignorância associada à brutalidade, mas à falta de informações.

⁹³ Jesuíno Brilhante, Adolfo Meia-Noite e Silvino Aires Cavalcanti e Luis Mansidão são outros cangaceiros que foram oriundos da localidade.

⁹⁴ Os cordéis de Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros apresentam que Silvino tinha conhecimento do mandonismo existente na região do Pajeú. Ver por exemplo o folheto de Chagas: **A vida de Antonio Silvino** – publicado em 1905.

Também não se interessou;
Aos bandidos a policia
Parece que auxiliou...

E eu, que vi a Justiça
Mostrar-se de fora a parte,
Murmurei com meus botões:
- Também eu hei de arrumar-te!
Não quero código melhor do que seja o bacamarte⁹⁵

O mandonismo, a proteção que os coronéis davam aos cangaceiros, os abusos de poder do policiamento eram algumas das práticas realizadas que Manoel combatia. Para vingar a morte dos pais, Manoel procurou por Silvino Ayres Cavalcanti, pois sabia que este tinha aderido ao cangaceirismo, também pela morte de seu pai Idelfonso Ayres, em 1866⁹⁶. Anos depois, Silvino Ayres foi acusado pelo coronel Manoel Dantas Correia Góis Júnior, de ser “ladrão de cavalos”, acusação muito ofensiva, pois no sertão ser ladrão de cavalos era algo muito recriminado. Juntos, Manoel Batista e Silvino Ayres vão vingar tal acusação e invadir a Vila do Teixeira, no estado da Paraíba.

Na noite de 19 para 20 de junho de 1897 na Vila do Teixeira, Ayres declara vingar-se da acusação feita pelo membro da família Dantas⁹⁷. Nesse momento, Ayres já tendo acolhido Manoel, declarou vingança aos Dantas. O ataque a Vila de Teixeira se confirmou e Ayres e o seu grupo arrombou a cadeia pública, soltou os presos, estragou a casa de moradia e comercial do subdelegado e no amanhecer seguiram pela estrada rumo a Pajeú de Flores⁹⁸. Assim, aos vinte e dois anos Manoel Batista de Moraes, para fazer justiça e honrar o nome da família entregou-se ao cangaço. Entretanto, nunca chegou a vingar a morte dos pais e permaneceu no cangaço buscando seu sustento e mantendo as relações que tinha com pessoas importantes do seu círculo social.

O ataque ao Teixeira não foi de grande sucesso, fato que deve ter aumentado o ódio sentido por Silvino Ayres, junto com seu bando aos Dantas. Sim! Junto com seu bando, pois no grupo de cangaceiros era comum que o problema do chefe se tornasse uma questão comum a todos os integrantes. A família Dantas ainda foi cercada outras vezes, mas o poder local que o coronel Manoel Dantas Correia Góis Júnior possuía era bastante o suficiente para impedir outras investidas de Silvino. Em 26 de novembro de 1898, Silvino Ayres foi cercado no

⁹⁵ Não existe data para este cordel. Acredito que pelo teor informativo do folheto, que versa do nascimento à prisão de Antonio Silvino, este folheto seja datado entre os anos de 1914 a 1915. Anos que seguem entre a prisão e o julgamento do cangaceiro.

⁹⁶ BARROSO, Gustavo. **Almas de lama e aço**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1930. p.84

⁹⁷ Sobre o ataque a Vila do Teixeira ver. BARROSO, Gustavo. **Almas de lama e aço**. São Paulo: CIA Melhoramentos, 1930. p. 87.

⁹⁸ BARROSO, Gustavo. **Almas de lama e aço**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1930. p. 87.

lugarejo conhecido por Samambaia, em Alagoa de Baixo, na Paraíba. O chefe da volante que o perseguiu foi o Capitão Abílio Gomes de Sá Novaes, que depois de renhido tiroteio capturou Silvino Ayres⁹⁹.

Luis Mansidão, que compunha o bando assumiu a chefia do grupo e recuou com os outros membros e escondeu-se na caatinga. Alguns dias depois o grupo manteve-se circulando entre os Vale do Moxotó e do Pajeú. Entre os cangaceiros liderados por Mansidão encontravam-se: Isidoro, Antonio Pituá, João Dudu, Chico Lima, Zeferino Batista e Manoel Batista. Mas a liderança de Luis Mansidão durou pouco. No lugarejo Brejo do Prioré, ele foi ferido no tiroteio e sucumbiu dias depois¹⁰⁰.

O ano de 1898 foi o início de um longo percurso trilhado por Manoel Batista de Moraes, que deixou de atuar apenas como integrante de grupo de cangaceiros e assumiu a chefia de bando. Manoel passou a adotar o nome Antonio Silvino em homenagem a Silvino Ayres. Seu irmão Zeferino também trocou de nome e passou a ser conhecido por Vicente Silvino. A parceria não duraria muito, pois, no mesmo ano Zeferino foi traído e assassinado por Pedro Rosa, um criminoso que a mando da Família Ramos pôs termo à vida de Zeferino¹⁰¹.

O poderio de Antonio Silvino começou a ganhar popularidade e segundo Ulysses Lins de Albuquerque, em seu relato sobre o cotidiano no interior de Pernambuco, Silvino adentrava fazendas, solicitava quantias e alimentos e raramente fazia uso da violência. Em 1898 o cangaceiro adentrou no lugarejo de Alagoa de Baixo, na Fazenda Pantaleão, de propriedade do político Manoel Coelho Lins de Albuquerque. Não estando em casa, foi recebido pela esposa e amistosamente solicitou alimentos para si e para seus homens. Foi atendido com farto banquete e agradeceu a estadia, de maneira curiosa: colocou seu bacamarte à disposição das mulheres da casa¹⁰².

No mesmo ano Francisco Braz, integrante da família Ramos, a que assassinou o pai de Manuel Batista, foi nomeado delegado de Afogados da Ingazeira. Silvino o afrontou para uma luta corpo a corpo e munidos de faca brigaram por alguns minutos causando a morte de

⁹⁹ Sobre a informação da captura de Silvino Ayres ver: JORNAL PEQUENO. Recife. 27 de nov. 1898. p. 02.

¹⁰⁰ Sobre a morte de Luis Mansidão ver. ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de. **Um sertanejo e o sertão / Moxotó brabo / três Ribeiras**: reminiscências e episódios do cotidiano no interior de Pernambuco. Belo Horizonte/MG. Editora Itatiaia, 1989. p. 243.

¹⁰¹ DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antonio Silvino**: o cangaceiro, o homem, o mito. Natal: Cartograf. 2006. p. 32.

¹⁰² ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de. **Um sertanejo e o sertão / Moxotó brabo / três Ribeiras**: reminiscências e episódios do cotidiano no interior de Pernambuco. Belo Horizonte/MG: Editora Itatiaia, 1898. p. 34.

Braz¹⁰³. Sobre a morte de Francisco Braz relatou o cordelista Francisco das Chagas Batista, no folheto: *A história de Antonio Silvino*, publicado em 1907:

Depois que fiz essas mortes
O novo subdelegado,
Francisco Braz de Carvalho,
Fez-se então meu intrigado
Perseguiu e protegeu
Seu collega exonerado.

Então resolvi matal-o,
E o plano realisei;
Num dia do mez de Agosto
Eu com elle me encontrei,
Elle offereceu-me lucta,
Luctamos e eu o matei

Em 10 de outubro de 1899 o Jornal Pequeno publicou informações a respeito de um ataque realizado por Antonio Silvino à usina Santa Philonilla de propriedade do Coronel Santos Dias. Sobre o fato, sabe-se que havia morrido uma moça e Silvino foi baleado, mas que fugiu da força policial como apresentou o cordel, *A História de Antonio Silvino*, publicado em 1907, por Francisco das Chagas Batista:

No anno de mil oitocentos
E noventa e nove, eu voltei
Ao Estado de Pernambuco,
Em Canhotinho acceitei
O chamado de um amigo,
E uma uzina cerquei

Era o major Santos Dias,
Dono da uzina citada
Que eu cerquei pra tomar
A uma mulher casada
Que estava do marido
Alguns dias separada

O major foi avisado
E do terreiro correu...
A mulher que fui buscar,
No matto se escondeu;
E uma moça que passava
Foi baleada e morreu!

Fugi da uzina e, depois
Fui cercado
No districto de Gravatá

¹⁰³ Cf. SOUTO MAIOR, Mário. **Antonio Silvino o Capitão de Trabuço**. Recife: Edições Arquimedes, 1969.

Pelo subdelegado
João Gonçalves; do cerco
Sahi com um braço baleado

Morreram dois cangaceiros
Dos que seguiam commigo;
Eu pude fugir do cerco
E procurar abrigo;
Voltei para a a Parahyba
Onde curou-me um amigo.

A informação apresentada pelo folheto de Chagas Batista aparece também no Jornal Pequeno de 11 de outubro de 1899, porém, em nenhum momento o nome Antonio Silvino esteve na reportagem. O texto nominava os praticantes do crime como bandidos, assalariados, nem mesmo o nome cangaceiros se mencionou na notícia. Tratava-se de apresentar muito mais o mandante do crime, José Tavares de Melo, aquele que havia pagado para que o grupo atacasse a usina, do que um ataque típico dos cangaceiros. Neste caso se configurou mais uma ação de capangas¹⁰⁴ do que de cangaceiros:

No assalto foram horríveis as cennas de vandalismo praticadas pelo bando de assalariados. As 6 horas da manhã achando-se ausente o Sr. Coronel Santos Dias e seus filhos, romperam fogo contra a casa da vivenda e foram até o assassinado e o saque. Além da inditosa menina de 13 annos, filha d'aquelle Coronel, assassinada por uma bala traiçoeira, cahiram victimas da sanha dos assaltantes três trabalhadores e uma pobre preta de idade avançada, mucama da casa, ficando ainda ferida outra criada que entrou hontem no Hospital Pedro II para se tratar¹⁰⁵.

A confirmação da presença de Silvino no assalto a usina, foi realizada por meio do cruzamento das informações dos cordéis e dos jornais. Após o ataque os cangaceiros seguiram para o vilarejo conhecido por Limoeirinho e depois para Gravatá onde a polícia continuou a perseguição e baleou Antonio Silvino no braço, que conseguiu fugir para a Paraíba. Após o ataque à Usina Santa Philonilla as notícias sobre ações de cangaceiros no sertão começaram a ser mais frequentes e o sujeito que antes aparecia como integrante de bando de cangaceiros, agora vai aos poucos se popularizar nos jornais e folhetos de cordel do século que despontava, o século XX.

¹⁰⁴ Diferencio a ação do capanga para a do cangaceiro levando em consideração que o capanga atuava por meio de mandantes, já o cangaceiro atuava por conta própria ou pelo clientelismo e protecionismo local. Esta defesa é feita por José Anderson do Nascimento. Cf. NASCIMENTO, José Anderson. **Cangaceiros, Coiteiros e Volantes**. São Paulo Ed. Ícone. 1998. Avalio que quando os cangaceiros atuavam a mando de coronéis eles também assumiam as ações do capanga.

¹⁰⁵ JORNAL PEQUENO. Recife. 11 de out. 1899. p. 02. FUNDAJ.

As biografias escritas sobre Silvino até hoje, defendem seu ingresso no banditismo estando diretamente ligado à família, ao pai violento e às disputas de poder local¹⁰⁶. Se o fatalismo da influência familiar e do meio estivessem atuantes, talvez, não fosse possível falar de Antonio Silvino, mas de Manuel Batista, um grande político ou um grande proprietário de terras na Serra da Colônia na cidade de Afogados de Ingazeira¹⁰⁷.

Entretanto, da infância até a adesão ao cangaço, os documentos apresentam que Manuel esteve envolvido em disputas por terras, desavenças políticas e sociais, sofreu injustiças, tomou para si as rixas familiares e desafiou diversas pessoas na zona do sertão do Pajeú e nas cidades paraibanas que faziam fronteira com Pernambuco. Estas situações fizeram deste sujeito um homem de natureza política, não a política neoliberal e elitista dos dias atuais, mas um ser que brigava pelos seus interesses e pelos dos que ele tinha estima¹⁰⁸. Manuel não quis dar continuidade à vida pacata do sertanejo preocupado com os bens e com a terra da Fazenda Colônia, pois o envolvimento com as brigas, as rixas familiares e a perseguição policial fez com que na época ele se conduzisse para dar continuidade no cangaceirismo.

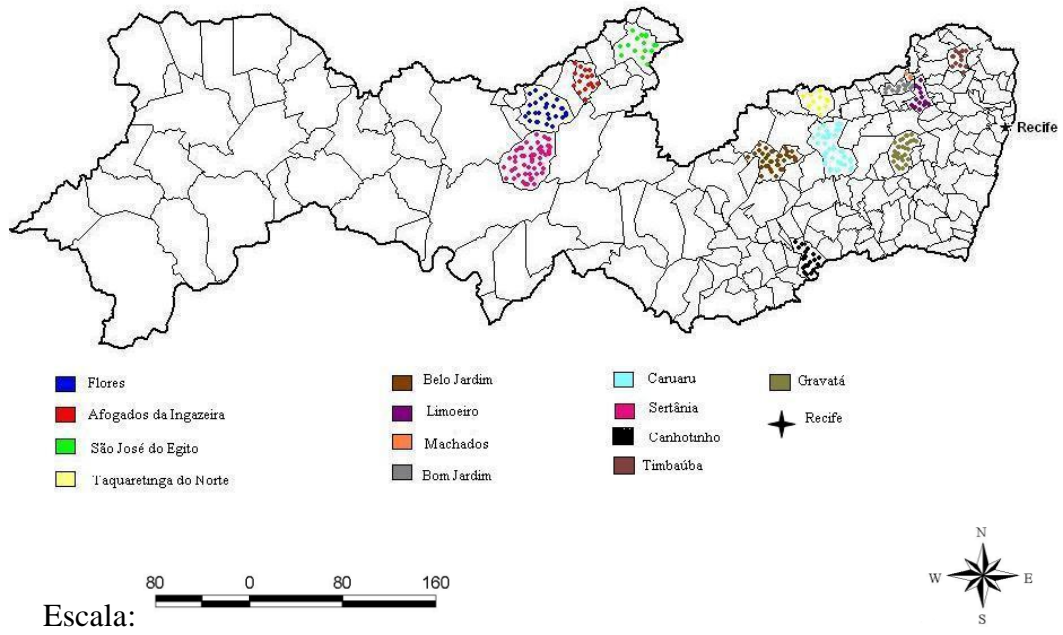
Após 1899, não foi mais o Manoel Batista, o filho de Batistão, mas Antonio Silvino, aquele que governaria os sertões por catorze anos, fugindo de tropas, incendiando cadeias, cortando fios de telégrafo, invadindo fazendas, apavorando dias de feiras, distribuindo com os pobres o que saqueava nas feiras, aquele que teria sua história narrada em jornais e nos versos dos cordelistas conforme suas proezas. A seguir é possível visualizar o mapa de Pernambuco, com destaque para as principais cidades onde Silvino circulou:

¹⁰⁶ Faço referência aos trabalhos de: SOUTO MAIOR, Mário. **Antonio Silvino o Capitão de Trabuço**. Recife: Edições Arquimedes, 1969. ; BARBOSA, Severino. **Antonio Silvino: o rifle de ouro**. Vida, combates, prisão e morte o mais famoso cangaceiro do sertão. 2ª ed. Recife, Cia. Editora de Pernambuco 1979. ; DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antonio Silvino: o cangaceiro, o homem, o mito**. Natal. Cartograf. 2005.

¹⁰⁷ Sérgio Vilas Boas defende que nas biografias é comum falar da infância e da adolescência dos sujeitos como um fatalismo, como o sujeito apresentar determinadas características devido a educação dada pelos pais e pelo meio que circundou. Cf. BOAS, Sergio Vilas. **Biografismo: reflexões sobre as escritas de vida**. São Paulo: UNESP, 2008.

¹⁰⁸ Sobre *sujeito de natureza política*, trabalho com a idéia do historiador inglês E. P. Thompson, que apresenta um estudo sobre a Lei negra e os negros da Floresta de Windsor, na Inglaterra. Para Thompson os negros não foram bandidos sociais, criminosos, tampouco rebeldes rurais, mas florestanos que pegavam em armas para garantir os direitos que eram acostumados a ter. Para tanto faziam uso de violência, suborno, assassinavam e resistiam para manter os direitos da caça e uso da floresta. Cf. THOMPSON, E. P. **Senhores e Caçadores: a origem da lei negra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Fig. 07



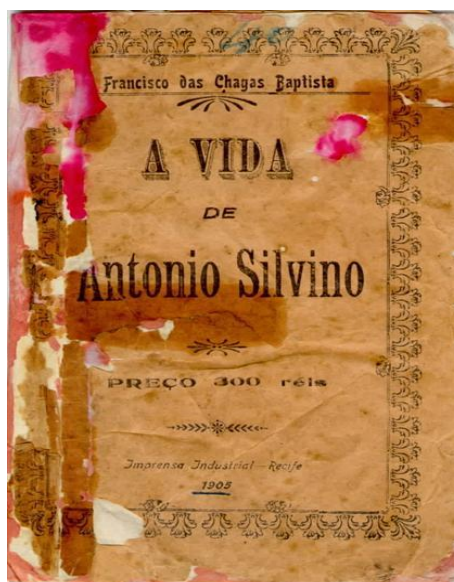
Fonte: Principais cidades de Pernambuco onde Antonio Silvino circulou no tempo do cangaço. Acervo do autor.

2. ANTONIO SILVINO: O GOVERNADOR DOS SERTÕES

2.1 – Trilhando rumos desconhecidos

No Norte, vários jornais e folhetos de cordel espalharam as histórias que narravam a vida de Antonio Silvino. Os jornais do início do século XX estamparam durante catorze anos notícias sobre ele nos sertões. Seus feitos, suas proezas foram descritos por meio de relatos e telegramas que fazendeiros, coronéis, baronesas, entre outras pessoas de destaque na sociedade pernambucana, enviavam para serem publicados nos periódicos. O primeiro cordelista que popularizou a imagem de Silvino foi Francisco das Chagas Batista, no folheto: *A Vida de Antonio Silvino*, publicado em 1905:

Fig.08



Fonte: Capa do folheto *A Vida de Antonio Silvino*, datado do ano de 1905. Fundação Casa de Rui Barbosa.

Nos folhetos as histórias de seu nascimento e suas proezas foram narradas por meio dos versos curtos e da rima, recitados nas feiras e vendido nos mercados públicos. Os cordéis com sua linguagem de fácil compreensão foram responsáveis por disseminar informações sobre Antonio Silvino para a população iletrada, ou seja, as pessoas que estavam mais acostumadas com a oralidade dos cantadores do que com a leitura. Muitas vezes os cordelistas transformavam informações jornalísticas em cordéis como estratégia de publicação e venda dos folhetos. Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros foram os poetas que

mais publicaram folhetos versando sobre Silvino. Os temas e as representações sobre este sujeito eram variadas: a política e as injustiças sociais do sertão, o homem do norte, a violência, a honra e as crenças sertanejas foram temas bastante representados por esses cordelistas, tendo Silvino como personagem que era defensor ou crítico dessas variantes de temas.

Em abril do ano de 1900, Antonio Silvino voltou a realizar suas façanhas invadindo o Distrito de Cabaças. O paraibano José Augusto, capitão da polícia, obteve informações dos moradores da localidade e preparou uma emboscada nos arredores, porém Antonio Silvino rompeu o cerco e seguiu para o município de Areia na Paraíba. Em maio de 1900, grande tiroteio ocorreu na Fazenda Mundo Novo, do Coronel Cunha Lima. A polícia nada obteve após o tiroteio. Em junho do mesmo ano na área do Surrão, entre as cidades de Itabaiana e Vila do Ingá ocorreu outro tiroteio que resultou sair ferido o oficial Paulino Pinto, que teve que amputar a perna em seguida e morto o cangaceiro Antonio Francisco. No bolso do paletó do bandido foram encontrados bilhetes, na qual se referiam as próximas ações que o grupo realizaria em Itabaiana:

[...] o promotor público deve ser açoitado. Ao intendente será cobrado o valor de 1:000\$000 (hum conto de réis) e depois será morto. [...] o chefe de mesa de rendas deve esvaziar o cofre e ser cosido na faca e o Deputado Estadual Ennas de Souza morto na “onta da bicuda”!¹⁰⁹

Após o confronto os bandidos fugiram e os policiais seguiram de Itabaiana para a capital da Paraíba. O jornal “A União” apresentou os cangaceiros que integraram o bando de Silvino:

Antonio Francisco da Silva, José Francisco da Silva, vulgo Criança, Joaquim Paulino (marreca), Firmino Paulino (Fura moita), Aprígio Gomes de Araújo, José Firmino da Costa, José Ribeiro Campos, Marcelino Pereira, Francisco Alexandre, Antonio Aurélio, José Bacalhau, Antonio Jovino, Caetano Labareda, José Guedes e José Guedes Farias¹¹⁰.

O bando foi desfeito, pois muitos morreram, outros seguiram caminhos desconhecidos e Antonio Silvino arregimentou outros cangaceiros, *Baliza*, *Ventania*, *Tempestade*, *Azulão*¹¹¹.

¹⁰⁹ Sobre o ataque ver a *Carta de Itabayana*, publicada no JORNAL PEQUENO, Recife, 25 de jun. 1900. p. 02. APEJE.

¹¹⁰ A UNIÃO, Paraíba, 25 de jun.1900. p. 01 FUNDAJ.

¹¹¹ Segundo Alcides Nicéia quatro cangaceiros adotaram este nome, mas o primeiro Azulão foi integrante do bando de Silvino Cf. NICÉIA, Alcides. **Foram 4 os Azulão do cangaço**. Subscrição anual. Número avulso. Nº 159 Folclore. Junho de 1985. p.24. FUNDAJ.

Os feitos de Silvino voltariam a ser realizados em setembro de 1900. O Jornal do Recife publicou notícia sobre o assunto se referindo à cidade de Bom Jardim – PE:

Depois de longos tempos de silencio volto a dar-vos algumas noticias desta terra. O destacamento da cidade composto ou'trora de 8 praças e 1 sargento, acha-se hoje aumentado com mais 13 e 1 sargento , fazendo ao todo o numero de 21 soldados e 2 sargentos, commandados pelo alferes Faria, existindo mais 1 sargento e diversas praças municipaes . Dizem-nos que semelhante aumento foi devido a notícia de que nos ameaçados pelos cangaceiros do visinho Estado da Parayiba do Norte, mas é sabido que a existência de taes cangaceiros obedece a um plano político d'aquelle Estado, pois na correria não passam dos limites do referido Estado, já tendo por diversas vezes apparecido em Natuba e Umbuzeiros, que aliás demora quatro léguas desta cidade, sem que nos conste que houvessem passado aquelles limites¹¹².

O temor aos cangaceiros já se fazia existente desde o final do século XIX. Na notícia é possível perceber as táticas dos cangaceiros e os mecanismos policiais para capturá-los. O romper da fronteira dos Estados vizinhos e buscar culpados para a existência do cangaço está presente na reportagem como forma de sensibilizar os leitores do jornal. Ação de Silvino volta a ter destaque nos jornais da capital, que relatavam sua passagem por Umbuzeiro na Paraíba, e Alagoa de Baixo¹¹³ em Pernambuco.

No ano de 1901 foram vários os ataques realizados por Silvino e seu bando. Em meados de janeiro, o Sítio Cangalha de propriedade do Sr. Avelino Pereira Costa, nos arredores de São José do Egito, Pernambuco, foi atacado. Segundo o Jornal do Recife o dono do sítio e Antonio Silvino chegaram a um acordo:

Antonio Silvino, na oportunidade, buscava o potentado para “tirar a limpo” algumas questões pendentes. Cercada a sede da propriedade, o bandoleiro em commando ordenou a prisão de Avelino. Sacou grande punhal e brandiu severas ameaças. O fazendeiro ficou apavorado. Súplicas e gritos por misericórdia ecoavam pela sala. Brados roucos a pedir clemência eram repetidos em enfadonhas ladainhas. Silvino acabou por ceder aos apelos. Após impor ao homem algumas condições, desistiu do intento. Não era de seu feito matar alguém sem motivo efetivamente relevante. Ordenou, pois, aos asseclas que largassem o camponês. De fato, antes de tomar atitude drástica o cangaceiro tentará um acordo. Tomou Avelino pelo braço, afastou-se da cabroeira e, em sigilo, travou longa conversa com o sitiante. Ao que parece os dois homens chegaram a bom termo. Maneiroso Avelino forneceu algum dinheiro ao celerado e a propriedade foi poupada¹¹⁴.

¹¹² JORNAL DO RECIFE, Recife, 06 de set. 1900. p. 01. APEJE.

¹¹³ Atualmente corresponde a cidade de Sertânia – PE.

¹¹⁴ JORNAL DO RECIFE, Recife, 26 de jan. 1901. p. 02. APEJE.

Após 1900, Silvino passou a aparecer nos jornais com maior frequência, ele foi representado, nominado, marcado, fadado ao crime. Aparecia como assecla, bandoleiro, celerado, mas também como homem de acordos, de sigilos, clemente e piedoso. Nominá-lo demonstra sua importância para dois grupos da sociedade: os que detinham o poder político, atribuindo-o como criminoso e os oprimidos, aqueles que o tinham como homem de compaixão. Assim começava a sua vida pública, o seu “governo”.

Silvino consagrou-se com o seu modo de governança nos sertões. Entre suas ações estava a defesa aos direitos dos pobres, a afronta ao poder dos coronéis e donos de vastas propriedades de terras, mas também os acordos que realizava, a invasão de cidades e feiras para coletar dinheiro em prol de sua subsistência e de distribuir aos populares, as constantes brigas com chefes de volantes, pois não acreditava que eram homens de confiança e a ajuda aos que sofriam injustiças, principalmente mulheres, velhos e crianças.

Além do acordo com o Senhor Avelino, do Sítio Cangalha, em fins de janeiro de 1901, Silvino ameaçou o Sr. Jovino Limeira Dinoá, que estava na frente de sua casa e viu o cangaceiro adentrar sua propriedade atirando, quase o atingindo. Dias mais tarde o coronel recebeu um recado de Silvino, em que o cangaceiro o ameaçara informando que da próxima vez o tiro não seria perdido. A ameaça de morte nunca foi concretizada. No adentrar de fevereiro do mesmo ano Silvino passou em Caicó, no Rio Grande do Norte, a fazenda Pedreira de propriedade do Coronel Januncio Nóbrega seria o alvo, mas Azulão, oriundo de Caicó, reconheceu os homens do coronel e nada ocorreu. Silvino e o bando foram convidados para a festa de casamento de uma das filhas do coronel. Em 13 de fevereiro noite do casamento os cangaceiros adentram a cidade de Santa Luzia do Sabugi, na Paraíba. Após algumas horas a polícia cercou a fazenda do Coronel Nóbrega e ocorreu grande tiroteio resultando na morte de um cangaceiro e dois soldados¹¹⁵.

O Jornal do Recife noticiou sobre a presença do cangaceiro e seu grupo: “A zona sertaneja de Pernambuco não goza da mínima tranquilidade, pois nossos irmãos que nela habitam, estão sujeitos a cada instante a ser mortos ou roubados pelos vândalos de Antonio Silvino ou Antonio Baptista¹¹⁶”. Nominado como vândalo, Silvino continuou a aterrorizar o poder dos coronéis. Sendo seu bando recomposto, em março voltou a atacar outras cidades do sertão de Pernambuco e Paraíba. Vários foram os saques e assaltos realizados nas cidades interioranas, porém quase todos eram associados a Antonio Silvino, mesmo que o cangaceiro

¹¹⁵ Sobre a passagem de Antonio Silvino em Caicó-RN ver: NÓBREGA, Janúncio Bezerra da. **Denodados seridoenses**. Natal: Gráfica Nordeste, 1983. Este foi neto do Coronel Nóbrega. Ver também FERNADES, Raul. **Antonio Silvino no RN**. Natal: Editora Clima, 1990.

¹¹⁶ JORNAL DO RECIFE, Recife, 06 de fev. 1901. p. 01 APEJE.

não estivesse passado na cidade. Ao que parece era uma forma da polícia relatar ao Governo e dos jornais publicarem notícias dando satisfação de que estavam no encalce do bandoleiro, porém ainda não conseguiam prendê-lo.

No ano de 1902 pouco se noticiou sobre Silvino. Os jornais relatavam que ele apenas se escondia das volantes e se limitava a pedir dinheiro aos homens abastados e pessoas de sua confiança. A senhora Francisca de Souza Gayão, dona do Engenho de Patos em Bom Jardim-PE, em carta enviada ao presidente da Província criticou a posição da polícia, pois esta agia como criminosa. O Jornal do Recife publicou a carta, na qual estava relatado que a polícia havia adentrado a propriedade da Sr^a Francisca e revirada toda a casa deixando-a indignada:

Do vizinho estado da Parahyba, veio a fama de um terrível salteador, Antonio Silvino, e isto o encorajou tanto os ladrões que, agrupados em nome do célebre Silvino, roubavam a mão armada, sem escrúpulo nenhum. Muitas foram as vítimas espoliadas. Como eu estava enganada e receosa de cangaceiros. Hoje eu prefiro-os à Polícia de Bom Jardim, uma vez que não há muitos dias, os cangaceiros se dirigiram ao engenho Condado, do capitão João Luiz, e Antonio Silvino, em pessoa, se conformou com pequena quantia, tratando muito bem ao capitão João Luiz, segundo ouço dizer¹¹⁷.

Antonio Silvino não estava mais sendo visto como criminoso, vândalo ou salteador, mas um protetor, um sujeito que combatia a ação da polícia, coletava dinheiro dos ricos e dos estabelecimentos comerciais e auxiliava a população carente. Estas ações estavam inseridas em sua forma de atuar no cangaço, particularidade que está presente em poucos cangaceiros, ou em alguns feitos realizados por eles. Silvino demarcou seu território com ações de natureza política. Como mostra o escritor Luiz Luna:

Silvino nunca foi perverso. Se praticou alguns excessos foram conseqüências naturais da própria vida que levava. Essa fama ainda corre os sertões, cantava nas feiras pelos cegos e narradas nos desafios dos cantadores de viola. Respeitava moça donzela e mulher casada. Velhos e crianças eram seus protegidos. Muita gente enriqueceu à sombra protetora de Antonio Silvino. Resolveu, embora na ponta do punhal e no gatilho do bacamarte, questões de terra e de família, procurando favorecer os oprimidos e espoliados pela prepotência dos poderosos “coronéis” da época. Reparou, obrigando ao casamento, muitos atentados contra virgindade de moça¹¹⁸.

¹¹⁷ Carta escrita pela Senhora Francisca Gayão e Publicada no Jornal do Recife em 24 de mai. 1902. p. 01. Acervo da FUNDAJ.

¹¹⁸ LUNA, Luiz. **Lampião e seus cabras**. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1963. p. 38.

Antonio Silvino fez cumprir valores da época, prezou pela honra do sujeito da área Norte do Brasil, honra segundo a qual as mulheres só podiam ser desvirginadas após o casamento e o nome da família esteve em evidência e não se admitia escândalos, arruaças ou crimes. A terra era algo sagrado de onde se tirava o sustento, mesmo em épocas difíceis de seca, nela se trabalhava para fazer riqueza, seja na agricultura ou pecuária. O comércio e a demarcação dessas terras deveriam ser feitos de modo correto entre as partes, para que disputas e brigas não ocorressem.

Pontilhando a linha fronteira entre os Estados de Pernambuco e Paraíba, Silvino recrutou cangaceiros e fez valer sua política. José Félix, Antonio Félix, Cocada, entre tantos outros renovaram o grupo. As relações com os coronéis cresciam bastante, entretanto do mesmo modo aumentava o número de inimigos. Em fevereiro de 1903 Silvino teve no seu encalço soldados a mando dos irmãos Pessoa, da Paraíba. O Ministro do Superior Tribunal Federal, Antonio Pessoa enviou carta a Epitácio Pessoa, este último foi presidente da República anos depois, pedindo cautela e cuidados maiores para com o cerco de Silvino:

Você me escreveu informando-me que está perseguindo Antonio Silvino, tendo colocado três homens no seu rastro com ordens estritas. A mim me parece que você deveria evitar que esses homens cheguem ao extremo. [...] eu tenho muitos inimigos aqui os quais não hesitariam em fazer chantagens através de acusações legais e, por esses meios, criar problemas e dificuldades para sua vida. Não estou apto em uma simples carta dizer tudo a você com a necessária franqueza. Somente posso adverti-lo em ser cauteloso e evitar se misturar com esse tipo de problema¹¹⁹.

Nítida era a participação de Silvino nas relações com os coronéis e pessoas importantes do Estado de Pernambuco e Paraíba. A carta do ministro é incisiva no que se refere ao alerta para os cuidados que se devia ter ao se envolver em questões com o cangaceiro. Percebe-se que a preocupação era, não em afastá-lo pelas práticas criminosas, mas por ele representar ameaça aos poderes dos governantes da localidade, por possuir em suas práticas de obtenção de vantagens, a chantagem e a ameaça que cria problemas no cunho da imagem do homem público.

Seu poder e sua influência nos dois estados foram grandes e em novembro de 1903 foi noticiada a passagem de Silvino em um engenho em Nazaré - PE, no Jornal Pequeno,

¹¹⁹ Trecho carta enviada por Antonio Pessoa para Epitácio Pessoa em 09 de março de 1903. Cf. LEWIN, Linda. The oligarchical limitations of social banditry in Brazil: the case of the good thief Antonio Silvino. In: **Past and present**. London: Oxford University. 1979. p. 132.

relatando a aparência, a vida do cangaceiro, os crimes e as ameaças futuras, sob o título “O Famoso Antonio Silvino”:

Era com effeito Antonio Silvino, aquelle sertanejo Sympáthico, de olhar penetrante, trazendo chapéo de couro, calça, blusa de algodão, lenço encarnado no pescoço, cartucheira, punhal e pistola à cinta, além de rifle, quem alli se achava, em attitude humilde e respeitosa. O senhor de engenho, depois de um olhar rápido e voltando a si de surpresa que lhe causara a extranha visita, mandou-os entrar. Antonio Silvino e Cocada entraram e Rio Preto, como um cão de guarda, poz-se a porta, olhando a cada instante para todos os lados. Silvino declarou que nada desejava, que o senhor de engenho estivesse tranquillo e que tinha entrado alli, de passagem, para conhecê-lo, mas que não tinha almoçado ainda. O dono da casa mandou preparar-lhe o almoço, durante o qual fez elle as seguintes e importantes revelações: Chamo-me Manoel Baptista de Moraes, nasci no Pagehú e tornei-me criminoso devido a perseguições a minha família e perseguições movidas pelos Dantas do Teixeira. Meu pae foi assassinado, n'uma emboscada. E já matei todos os seus assassinos, menos um que assentou praça e embarcou para o sul. Perseguido constantemente tenho morto quase todos os meus perseguidores e também aquelles que me têm denunciado. De todas essas mortes, só tenho pena de uma mocinha na usina Santa Philonilla, que passou ao alcance de meu rifle, inesperadamente.

Tenho ódio hoje ao dr. Epitácio cujos amigos me prometteram até perdão e se não fosse eu contar com alguém do governo, estaria perdido. O Sr. Antonio Pessoa, irmão do Dr. Epitácio está me perseguindo agora, creio que não poderei assassinal-o, mas pretendo incendiar sua fazenda em Umbuzeiro e matar-lhe o gado que puder.

Nunca furtei e entretanto aqui por Nazareth andam atacando casas, valendo-se os ladrões de meu nome. Pretendo também acabar com esses patifes. É muito comprida minha historia, já tenho feito muita cousa e hei de fazer outras tantas ainda, porque a minha alma não se salva, nem meu rifle mente fogo. Dentro de poucos minutos seguiam os três pela estrada afora¹²⁰.

A vida criminosa e a vida de homem justo se misturam na matéria do Jornal Pequeno. Sujeito de boa aparência, bem recebido em diversos lugares, nominado de humilde pelo senhor de engenho. Ciente de sua vida fora da lei, Silvino não considerava suas ações como criminosas, mas dizia responder às injustiças que sofreu. Nesta matéria, a presença do cangaceiro na usina Santa Philonilla foi confirmada. Silvino não se reconhecia como ladrão, alerta que tinha proteção de alguém do governo, e que furtava para sobreviver, sendo por isso sempre perseguido. Desde que passaram a noticiar sobre Silvino, os jornais tinham preocupações de retratar: aparência, crimes, proezas, fugas e ameaças. O discurso jornalístico nesse período estava preocupado com a informação tendenciosa e partidária. A polêmica e o sensacionalismo passaram a estar presentes anos mais tarde.

¹²⁰ JORNAL PEQUENO, Recife. 10 de nov.1903. p. 02. FUNDAJ.

Outro exemplo dessa relação que Silvino mantinha com coronéis foi relatada no livro, *Menino de Engenho*, de José Lins do Rêgo:

Antonio Silvino vinha ao engenho em visita de cortesia. Um ano antes ele estivera na vila de Pilar noutra caráter. Fora ali para receber o pagamento de uma nota falsa que o coronel Napoleão lhe passara. E não encontrando o velho, vingara-se nos seus bens com uma fúria vendaval. Sacudiu para a rua tudo que era da loja, e quando não teve mais nada a desperdiçar, jogou do sobrado abaixo uma barrica de dinheiro para o povo. Mas com meu avô, o bandido não tinha rixa alguma. Naquela noite viera fazer sua primeira visita. À noitinha chegava o bando à porta da casa-grande. Vinha Antonio Silvino na frente; os seus 12 homens à distancia. Subiu a calçada como um chefe, apertou a mão do meu avô com um sorriso na boca. Levado para a sala de visitas, os cabras ficaram enfileirados na banda de fora, numa ordem de colegiais. Só ele tomava intimidade com os de casa. Ficávamos nós, meninos, numa admiração de olhos bem compridos para o nosso herói, para o seu punhal enorme, os seus dedos cheios de anéis de ouro e medalhas com pedras de brilhante que trazia no peito. O seu rifle pequeno, não o deixava, trazendo-o entre os joelhos. A hora do jantar foram todos para a mesa. Ele na cabeceira, e os cabras em ordem, todos calados, como se estivessem com medo. Só ele falava, contava histórias – o último cerco que os macacos lhe deram em Cachoeira de Cebola – numa fala de tataro, querendo fazer-se de muito engraçado. Alta noite foi-se com seu bando. Para mim tinha perdido um bocado do prestígio. Eu o fazia outro, arrogante e impetuoso, e aquela fala bamba viera desmanchar em mim a figura de herói¹²¹.

Ao que parece os interioranos tinham o movimento do Cangaço como algo degenerador da paz, por saquear lojas e tirar dinheiro dos ricos. Entretanto, quando muitos entravam em contato com os integrantes desse movimento acabavam por *acoitar*¹²² os grupos e manter boas relações com os partícipes dos bandos¹²³. Representado por Lins do Rego¹²⁴ ora

¹²¹ REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: 84ª ed. José Olympio, 2002. p. 49.

¹²² Acoitar significa dar guarida, proteção, abrigar. Cf. RIOS, Demerval Ribeiro. **Mini Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: DCL, 1999. p. 80. É uma palavra que atualmente pouco se usa no Português culto.

¹²³ Sobre essa situação, o literato José Lins do Rego em seu livro de memórias da infância, relata como o seu avô protegia Antonio Silvino e informada as volantes de que sabia da presença do bandido, mas como a policia não tomava medidas, ele acatara a presença de Silvino para não se prejudicar. Cf. REGO, José Lins do. **Meus verdes anos: memórias**. 8ª edição. José Olympio. 2008

¹²⁴ Sobre José Lins do Rego é importante saber que ele conhecia sobre o universo interiorano e em suas obras do ciclo da cana, ele coloca os personagens como sujeitos que olhavam para o Cangaço ora como banditismo, ora como solução para muitos problemas que assolavam a região. A vida deste intelectual está repleta de signos da região Norte que ficaram impregnados na sua produção literária. Oriundo do Engenho Corredor, na Vila do Pilar - Paraíba foi uma personalidade complexa, que se impôs socialmente como jornalista, promotor e intelectual comprometido com ícones populares do folclore nortista e com suas lembranças de infância, vivida nos engenhos, além de exímio relator das relações de violência e da valorização aos laços parentescos da região. Cf. FILHO, Hidelberto Barbosa. José Lins do Rego (Fogo morto). In: SOBRINHO, Pedro Vicente Costa. NETO, Nelson F. Patriota. (orgs.) **Vozes do Nordeste**. Natal. EDUFERN. 2001. As obras integrantes do ciclo da cana (*Menino de Engenho e Fogo Morto*) e seu livro de memórias *Meus Verdes Anos*, retratam em vários momentos as passagens de Antonio Silvino pela fazenda do seu avô. Conferir a referência completa dessas obras na bibliografia final da dissertação.

como herói, ora como bandido ou homem sem prestígio social, Silvino era um sujeito que estaria portando os símbolos de poder, como se pode perceber no texto citado quando o personagem o descreve como um chefe que entrara na casa do seu avô e o cumprimenta educadamente, cheio de estrelas e fitas na farda. A imagem de homem aterrorizante entra em derrocada e agora Silvino passa a ser homem comum, como tantos outros da região, ficando clara a representação de que o cangaceiro era criminoso, arrogante e impetuoso, mas também homem brando, passível de diálogo e de convívio social. O cangaceiro violento era também assunto do cotidiano, motivo de conversas, fofocas, galanteios e meio de indicar que o sertanejo é forte por natureza.

Os anos de 1904 e 1905 foram anos de saques e invasões de propriedades, além de acolhimento em fazendas e preparação de tocaias. A polícia perseguiu Silvino intensamente. O folheteiro Chagas Batista sobre esses anos relatou no folheto, *A História de Antonio Silvino*, publicado em 1907:

Em novecentos e quatro
 Eu no mogeiro estava:
 O ex-sargento Manoel Paz
 Nessa ocasião passava,
 Fiz a elle o que a mim
 Elle desejava fazer.

Esse tal Manoel da Paz,
 No tempo em que era soldado.
 Emboscou-me muitas vezes,
 Fez-me andar assustado
 Porém eu com um só tiro,
 Matei-o e fiquei vingado.

Em outubro do mesmo anno,
 Fui dos meus accompanhados
 Para a Vila do Pilar,
 Estava lá encarcerado
 Um meu amigo, e soltal-o
 Fui em trajo de soldado.

Quando cheguei no Pilar,
 Do quartel me apossei
 Da munição dos soldados
 Também me apoderei;
 E as chaves da cadeia
 Do carcereiro tomei.

Soltei em seguida os presos
 E prendi os soldados
 Que encontrei no lugar,

Deixei-os encarcerado;
 Como elles não se oppuzeram
 Eu deixei-os inteirados.

O cordelista repõe o lugar comum de que o sertanejo é forte e astuto, mas não de sujeito com capacidade de exercer influência nas ações sociais. Por meio do Poeta Silvino se apropria do poder de polícia e está revestido de valores dos militares. Este acontecimento também foi relatado pelo Governo da Paraíba como grave, lastimável e doloroso, mesmo não havendo mortes. Em relatório de 01 de setembro de 1904, apresentado pelo Dr. José Peregrino de Araújo, então presidente da Paraíba, à Assembléia Provincial ele informava:

É com pesar e verdadeiro constrangimento que vos transmito esta dolorosa notícia, que é, alias, de pública notoriedade, para não perder o ensejo de dar solene testemunho de minha grande tristeza, como de minha justa indignação, por esse acontecimento que deve consternar e encher de dor, aflição e vergonha os corações patriotas dos bons paraibanos¹²⁵.

A carta apresentou não só a “indignação”, mas a impotência dos poderes estaduais e policiais de combaterem Antonio Silvino. Nada conseguia conter o bandoleiro acolhido por coronéis e populares, acoitamentos que o fizeram ter a fama de protetor dos pobres e injustiçados, do bandido que rouba e distribui aos outros. Concordo assim, com o que defendeu a historiadora Linda Lewis, de que “os roubos e extorsões de Silvino não eram propriamente para subtrair com propósito principal de distribuição da renda rural. Significava sim, assegurar a própria manutenção e a de seus cangaceiros¹²⁶”.

Em 18 de novembro de 1905, pela manhã, no Distrito do Trapiá, Antonio Silvino adentrou a feira para comprar munição. O poeta Leandro Gomes de Barros no folheto, *Os cálculos de Antonio Silvino*, publicado em 1907, assim relatou o fato:

Outra luta desmarcada.
 Tive eu no Trapiá
 Anda hoje se vê
 Sangue nas pedras de lá...
 Portas, paredes furadas,
 Propriedades queimadas
 Num século se falará

Havia no Trapiá

¹²⁵ Trecho da Carta enviado pelo Presidente da província da Paraíba, dr. José Peregrino de Araújo, então presidente da Paraíba, à Assembléia Provincial. Paraíba, 01 de set. 1904.

¹²⁶ LEWIN, Linda. The oligarquical limitations of social banditry in Brazil: the case of the good thief Antonio Silvino. In: **Past and present**. London: Oxford University, 1979. p. 137.

Um inspector atrevido,
 Dava em uns, matava a outros,
 D'alli era o mais temido,
 Disse que se eu fosse lá
 De hora em diante o Trapiá,
 Ficava mais conhecido

Um dia casualmente,
 Entrei no tal povoado,
 Não quis entrar com o grupo,
 Deixei tudo acautelado...
 E disse, rapazeada
 Se virem qualquer zuada
 Corram lá que estou cercado

Entreí cheguei numa venda
 Sentei-me até descuidado,
 Chegou um tal inspector
 Se dirigiu ao meu lado...
 Perguntou o meu destino:
 - O senhor é Antonio Silvino?
 Respondi-lhe: - um seu criado...

Antes que eu fechasse a bocca
 Elle atirou sem demora...
 Eu ahi neguei-lhe o corpo,
 O tiro passou de fora:
 Eu disse Nicácio velho;
 Juro pelo evangelho:
 - perdeste um tiro agora...

Ahi eu lancei mão do rifle
 Puz em frente o pé direito,
 E disse, agora vou ver,
 Se nossa luta tem feito,
 Segure o ferro na mão,
 Aperte seu cinturão,
 Que meu trabalho é bem feito

Quando os rapazes chegaram,
 Elle já tinha morrido,
 Outro valente que tinha,
 Já chão tinha lambido...
 Ahi eu ganhei a feira,
 Cobri tudo em poeira,
 Quem não morreu foi ferido.

O cordelista apresenta o cangaceiro como defensor da própria vida, aquele que estava apenas transitando como um sujeito pacato e que foi desafiado pela bala do Inspetor Antonio Nicácio. Após o feito, acabou deixando o Inspetor morto, a feira em tumulto e populares feridos, mas tudo só ocorreu porque foi desafiado. A honra, a valentia e a destreza foram elementos significativos para o cangaceiro que não admitia ser ameaçado. Sobre o fato, o

Diário de Pernambuco no dia 21 de novembro de 1905 relatou o acontecimento mostrando aos leitores a seguinte versão:

O famigerado Silvino!

Antonio Silvino, o celebre bandido, atacou, no sabbado ultimo, o povoado de Trapiá, districto de Carrapatas, próximo á cidade de Caruaru. Houve um prolongado tiroteio entre numeroso grupo de populares e os assaltantes, em numero de tres, os quaes sahiram incólumes da lucta. Nesta morreu o inspector de quarteirão Antonio Nicacio, seu ajudante e um jornaleiro sahiu gravemente ferido! Foi um verdadeiro terror! Fecharam-se ali todas as casas, sendo incalculável, segundo ouvimos dizer, o pânico dos habitantes daquelle logarejo. O rapaz que recebeu os ferimentos foi transportado para a cidade acima referida, onde recebeu os primeiros curativos. Logo que recebeu telegramma, o sr. dr. chefe de policia tomou enérgicas providencias sobre o caso¹²⁷.

O mesmo fato, versões diferentes para a ação de Silvino. Enquanto no cordel ele agiu para se defender, no jornal ele é nominado como um criminoso, que matou e saqueou. Silvino teve sua vida narrada, marcada, cravada de significados. Foi uma personalidade dúbia que comportou vários Silvinos segundo as fontes da época que narraram outros feitos nos anos seguintes.

Cocada havia se separado do grupo de Silvino e criara seu bando. Nos fins de 1905 novas informações surgiam na imprensa e nos folhetos. O grupo de Cocada havia saqueado a Vila de Sapé, na Paraíba, usando de violência e saques no comércio local. Cocada atuava de forma violenta e despudorada, não tinha os mesmos hábitos cavalheirescos de Silvino¹²⁸.

Sobre Antonio Silvino não se tinham notícias desde o ataque ao Trapiá. No ano de 1906 ele adentrou em Bom Jardim –PE, no vilarejo Tatus. Segundo o relato de Francisco das Chagas Batista no Folheto, *A História de Antonio Silvino*, publicado em 1907, assim ocorreu o fato:

Em novecentos e seis,
A vinte e seis de Janeiro,
Estava eu em Tatus
Com o meu grupo inteiro,
Quando ao capitão Gouveia
Dei o primeiro combate

Gouveia, ao cercar-me, disse:
- Silvino, segura o tiro!

¹²⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 21 de nov. de 1905. p. 01 FUNDAJ.

¹²⁸ Cf. DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antonio Silvino**: o cangaceiro, o homem, o mito. Natal. Cartograf. 2006.

Respondi-lhe: - Seu Gouveia,
 Você hoje perde o giro,
 Porque si matar-me eu o mato
 E si ferir-me eu o firo.

Respondi-lhe: - Não me entrego,
 Nem morro, nem esmoreço,
 É certo que vou embora.
 Para outra vez me offereço;
 Lembre-se de mim
 Que de você não me esqueço.

Silvino é apresentado como sujeito que não aceita desaforos, porém quando o cerco se fazia grande acabava fugindo, mas para o poeta é um homem que sempre se dispõe a pelejas. No dia 28 de janeiro de 1906, o Diário de Pernambuco publicou reportagem informando à população sobre a prisão de dois coiteiros e quatro cangaceiros, entre eles José do Carmo Felipe dos Santos, vulgo Relâmpago e seu filho Francisco do Carmo Santos. Várias declarações foram dadas no interrogatório realizado com Relâmpago:

Relâmpago afirma que Silvino é muito protegido no Estado da Parayhba por pessoas gradas. O subdelegado de Surubim o protege escandalosamente e manda sempre avisal-o da aproximação de forças”. Antonio Silvino nas suas excursões sempre visitava a casa do meu irmão[...]¹²⁹.

Silvino é, segundo o cangaceiro, além de protegido, um homem vaidoso:

Segundo confissão de Relâmpago, Antonio Silvino anda sempre de posse de avultadas quantias. Constantemente, o bandido muda de toilet, possuindo diversas novas e de muita boa fazenda. Gosta muito de farda. Ora se apresenta aos seus comparsas, vestido com as insígnias de sargento, ora de oficial superior. Não despreza magníficos extractos e só usa *Orisa* pra o cabelo. A propósito disse-nos aquelle bandido: por onde seu *Capitão passa fica tudo cheirando*¹³⁰.

A construção da imagem de Silvino como sujeito de boas relações e vaidoso é perpetuada nos vários veículos que informavam sobre sua imagem e sobre suas histórias. Chagas Batista, também representou Silvino aos trajes de soldado e de elegância no folheto, *A História de Antonio Silvino*, datado de 1907:

Tenho altura regular,
 A cor branca alaranjada,
 Os olhos agaleados,
 Fala mansa e descançada,

¹²⁹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 28 de jan. 1906. p. 02. FUNDAJ

¹³⁰ Idem. Os grifos são do jornal. Orisa é uma espécie de creme para pentear e dar brilho aos cabelos.

A testa pouco espaçosa
E a cabeça arredondada.

Tenho o olhar muito ligeiro,
O nariz bem afilado.
Sombrancelhas arqueadas,
Cabello preto e estirado,
Bigode negro e comprido
E o queixo arredondado.

Tenho os lábios vermelhos,
Incompleta a dentadura,
As orelhas pequeninas
Possuo alguma gordura,
Meu tronco é construído
De rija musculatura.

Tenho braços e pernas fortes,
Sou ligeiro como um gato;
Possuo bom armamento,
Vario sempre de fato;
Para quem não me conhece
Eis ahi o meu retrato.

O cordel trazia a seguinte xilogravura¹³¹ na capa:

Fig.09



Fonte: Xilogravura de Antonio Silvino na Capa do folheto

¹³¹ Xilogravura é uma técnica de produção de imagens em alto relevo, geralmente feita com madeira. Os cordelistas reproduziram essa técnica para os cordéis. Atualmente, grande poeta e mestre na produção de xilogravura é o artista J. Borges do Estado de Pernambuco.

A História de Antonio Silvino, de autoria de Chagas Batista, publicado em 1907. Fundação Casa de Rui Barbosa.

Destarte as representações de Silvino, outros fatos foram enfatizados pelos jornais da cidade do Recife e pelos cordelistas Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. Em 11 de fevereiro de 1906 Silvino atacou o lugarejo mineiro, na Vila de Cabaceiras-PB, onde saqueou um funcionário dos Correios. Segundo relatou o Diário de Pernambuco, o cangaceiro:

[...] agrediu o estafeta dos correios incumbido do serviço entre monteiro e aquelle Estado. Após terríveis ameaças, o bandido apoderou-se de todas as malas do citado empregado, que por felicidade extraordinária, não foi victima do punhal do sicário. Silvino, após violar toda a correspondência e vendo não conter valores, queimou-a na presença do mesmo estafeta. dizendo: faço isto porque preciso de dinheiro para fazer frente à perseguição que move-me o governo¹³².

Silvino foi nominado de agressor, de bandido, de sicário. Um sujeito criminoso e digno de repulsa. O fato também foi relatado pelo poeta Chagas Batista, no folheto: *A história de Antonio Silvino*, datado de 1907:

No Estado da Parahyba
Com um correio encontrei:
Das malas que elle trazia
Eu logo me apossei
Então tomei testemunhas
E as malas todas queimei.

Eu dei ao correio as coisas
Que a elle pertenciam,
E queimei as malas porque,
Julguei que ellas traziam
Dinheiro e instruções
Para os que me perseguiam

Para Chagas, Antonio Silvino surge como sujeito que se precavia, ao queimar as malas que trouxessem informações que pudessem prendê-lo, a informação de agressão não aparece nos dados do cordelista e a criminalidade não é brutal como apresentou o Diário de Pernambuco. Datas correram e em 21 de fevereiro de 1906, o jornal *A Província*, de Pernambuco, publicou que a cada prisão de cangaceiros que era efetuada, novas informações eram adquiridas para prender Silvino. Assim noticiou que Silvino tinha uma amante.

¹³² DIARIO DE PERNANBUCO, Recife. 17 de fev. 1906. p. 01. FUNDAJ.

“Chamava-se Antonia Francisca de Paula. Era uma jovem de 19 anos, de estatura mediana e branca. Tinha bonitos olhos, dentes perfeitos e feições corretas. Expressava-se com vivacidade e desembaraço¹³³”.

Silvino seguiu passando na cidade de Limoeiro e Bom Jardim, soube da notícia da prisão do cangaceiro Rio Preto e prosseguiu saqueando, colocando em prática seu governo, coletou dinheiro em vilarejos, feiras e estabelecimentos comerciais como relata Chagas Batista no cordel *A História de Antonio Silvino*, do ano de 1907:

Visitei todo o comércio
 Fiz muito bom apurado:
 E vi que por muito povo
 Eu me achava cercado
 Alguns pediam esmolas,
 Então não me fiz de rogado.

Uns quatrocentos mil réis
 Com os pobres distribui
 Não serve isto pr'a minh'alma
 Porque esta eu já perdi
 Mas serve pros miseráveis
 Que estavam nus e eu os vesti.

A figura de bom sujeito, do que partilha com os pobres o dinheiro saqueado compunha a forma de seu reinado.

2.2 - Anti-moderno, justo e mandingueiro

Silvino ainda cortou fio de telégrafos e destruiu linhas de trem da Great Western, principal empresa férrea de Pernambuco. O poeta Chagas Batista relatou essas ações no folheto: *A história de Antonio Silvino*, datado de 1907:

Fui a sete de setembro
 De novecentos e seis
 Ao povoado Mogeiro;
 Destinei-me, dessa vez,
 Cortar o fio do télégrapho
 E pegar algum inglez

O fio do telegramma
 Logo ao chegar eu cortei
 E uma pilha de madeira
 Sobre a linha deitei

¹³³ A PROVÍNCIA, Recife. 21 de fev 1906. p. 02 APEJE.

Graças a esta astúcia
Um trem de lastro esbarrei

Eu disse a Chico de Sá:
Venho aqui o avisar
Que esta terra me pertence;
E para o trem nella passar,
É preciso a companhia
Primeiro me indenizar.

São trinta contos de réis
Que a mim há de pagar
A companhia ingleza
Do contrário hei de arrancar
Os trilhos por aqui
O trem não há de passar

Enquanto o folheto *A História de Antonio Silvino*, publicado em 1907 por Chagas, apresenta um vasto perfil biográfico do cangaceiro, desde o ano do nascimento até os últimos feitos deste indivíduo em 1907, Os jornais se preocupavam em noticiar sobre o cangaceiro como criminoso, que foi nominado pelos cordelistas como o “governador dos sertões”, o “Rei dos cangaceiros”. O cordel se preocupou também em relatar os avanços tecnológicos instalados no sertão. Os telégrafos e as linhas férreas foram diversas vezes destruídos pelos cangaceiros, pois esses eram os elementos que poderiam facilitar a perseguição aos cangaceiros. Segundo Severino Barbosa, Silvino seria um combatente desses sinais de modernização das cidades e diz que:

Inteligente e esperto, Antonio Silvino presente o perigo que o progresso representa para o Cangaço. O telégrafo, então, o apavora. Estrategista e mestre nas lutas da caatinga, entende muito bem que os fios do telégrafo vão longe, correm a cidade e vão levar bem distante, até às capitais, a notícia de sua chegada, da aproximação do seu bando. Destruir o telégrafo, assim como todos os meios de comunicação, é a vontade do bandoleiro¹³⁴.

O ano de 1907 foi marcado por vários ataques de Antonio Silvino nos vilarejos do sertão dos Estados de Pernambuco e Paraíba. No início desse ano, as vilas de Torres e de Salgadinho na cidade de Taquaritinga - PE foram atacadas pelo cangaceiro, que ficou hospedado na casa de importante comerciante, Henrique Brás. No mês de janeiro, na cidade de Bom Jardim - PE, mais um cangaceiro do bando de Silvino foi preso, desta vez o sujeito era conhecido como Barra Nova. Já Cocada que havia se separado de Antonio Silvino passou

¹³⁴ BARBOSA, Severino. **Antonio Silvino o rifle de ouro**: vida, combates, prisão e morte do mais famoso cangaceiro do sertão. Recife: 2ª ed. Cia Editora de Pernambuco, 1979. p. 120.

na cidade de São Lourenço da Mata – PE. Assim publicou o Diário de Pernambuco em 22 de janeiro de 1907:

Cocada, célebre bandido, que tem ao lado de Antonio Silvino, plantado o terror nas paragens sertanejas de nosso Estado, visitou, quarta-feira da semana passada, os povoados Angélicas e Jacú, do município de São Lourenço da Mata, obrigando os moradores dali a lhe fornecerem dinheiro e vastos mantimentos. Avisados do facto, seguiram ao encalço do perverso saltimbanco o destacamento daquela cidade e respectivo delegado Hermógenes Cabral. – Na cadeia do município de Limoeiro foi hontem recolhido o célebre cangaceiro *Barra Nova*, preso ultimamente na cidade de Bom Jardim. Nestes poucos dias será elle transportado, à ordem do dr. chefe de polícia, para a cadeia da capital¹³⁵.

Cada vez mais Antonio Silvino constituía um incomodo para as autoridades de Pernambuco e da Paraíba. Em 27 de janeiro do mesmo ano Silvino adentrou o povoado de Barra de São Miguel – PB cometendo assaltos, prendendo o delegado, soltando os presos da cadeia pública e adquirindo vultosa quantia no comércio local. De acordo com o Jornal Pequeno de 09 de fevereiro de 1907, nessa passagem pelo vilarejo paraibano Silvino manteve boa relação com Major Melchiades. Na visita a casa do major interrogou-o:

- O sr. tem um filho que está estudando para doutor e chegou há dias do Recife?
 - Tenho, sim, respondeu o interrogado.
 - Faça favor de mandar chamal-o, retorquiu Silvino
 Comparecendo o acadêmico à presença deste, Silvino perguntou-lhe pelo rifle que havia trazido do Recife e se a dita arma era pra ser empregado contra elle, Silvino.
 O interpellado desfez-se em mil satisfações, dizendo que o rifle não era para Silvino e sim para a defesa da casa de seu pai. Silvino pediu então para ver a arma, que achou excellente e de muita utilidade. Mostrando-se o acadêmico muito admirado de ter Silvino conhecimento da existência do rifle em sua casa, respondeu-lhe o chefe dos cangaceiros que já sabia há dias, e mais ainda que trouxera 50 balas de munição¹³⁶.

Percebe-se assim, a rede de sociabilidade que Silvino se inseriu, pois certamente ele recebeu a informação a respeito das balas e da arma e sabendo que poderia se beneficiar de tais objetos realizou incursão na fazenda do major Melchiades. Silvino ficou com 30 das balas e seguiu o curso de seus caminhos sem destino certo. Em 28 de fevereiro de 1907 Silvino

¹³⁵ DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife. 22 de jan. 1907. p. 01 FUNDAJ. Os grifos são do original.

¹³⁶ JORNAL PEQUENO, Recife. 09 de fev. 1907. p. 01 APEJE. Esta edição do Jornal Pequeno foi reeditada e distribuída nos arquivos da cidade do Recife em 09 de fevereiro de 2007. Pois, comemorava o centenário do frevo. Foi a matéria principal que me levou a investigar a trajetória de Antonio Silvino.

atacou a Vila do Pilar na Paraíba. Chagas Batista em seu folheto, *A História de Antonio Silvino*, datado e 1907 versejou o fato:

A vinte e oito do mez
De fevereiro eu voltei
A' Villa do Pilar;
Alli o quartel cerquei,
Então preni os soldados
E as armas lhes tomei .

Abri depois a prisão
E cinco soldados
Que nesta immunda cadeia
Estavam encarcerados,
A alguns desses já prenderam
Por serem elles descuidados

Depois de soltar os presos
Eu dirigi-me então
A casa de residência
Do commendador Napoleão
Porém não o achei em casa
Nessa má occasião.

Da mulher do commendador
Senhora D. Ignez
Eu tomei, quase a força.
Uns magros contos de réis,
Se em casa houvesse mais
Eu tomava-os desta vez.

Então dirigi-me a loja
Do mesmo Napoleão,
Lá quatro contos de réis
Na gaveta do balcão
Encontrei e vi que a mim
Tocava esse quinhão

A' municipalidade
Pertencia esse dinheiro,
Porém eu que do governo,
Sou o principal herdeiro
Apossei-me desse cobre
E em guardal-o fui ligeiro!

Uns quatro mil réis
com os pobres distribui
Nãos serve isso pra minh'alma
Porque esta eu já perdi
Mas serve pros miseráveis
Que estavam nus e eu os vesti.

Sobre o fato também noticiou o Diário de Pernambuco:

Desde a segunda feira desta semana que se acha nesta cidade tratando de seus negócios, hospedado na casa Andrade Lopes & C. O commendador Joaquim Pio Napoleão, comerciante conceituado e de influência política na cidade do Pilar, no visinho Estado da Paryhba. Hotem, pela manhã, recebeu elle de sua esposa, d. Ignez Costa o seguinte aflicctivo telegramma:

Pilar da Parayba, 1 de março de 1907. – Fui hontem noite atacada Antonio Silvino. – Ignez Costa

Commendador Jaquim Pio Napoleão – Recife – Antonio Silvino fez-me correr casa, lançando mão das chaves, abriu todas as gavetas, menos da burra, ameaçou-me incendiar estabelecimento, rebentou burra, obrigando-me dar-lhe um conto e oitocentos em dinheiro e mais fazendas. Tellegrafou ao governo com atrevimento. Ignez Costa¹³⁷.

Ainda sobre o acontecimento o literato José Lins do Rego no seu livro *Fogo Morto* escreveu:

O capitão Antonio Silvino pediu as chaves do cofre e ela com o maior sangue-frio, lhe dizendo que tudo que era de chaves de responsabilidade estava com seu marido. O cangaceiro ameaçou botar fogo no estabelecimento e d. Inez não se mostrara atemorizada. Era uma mulher pequena de cabelos brancos, de olhos vivos. Fizesse ele o que bem quisesse. E ficou na sala de visitas, tranqüila, muda, enquanto os homens mexiam nos quartos, furavam os colchões, atrás do dinheiro do velho Napoleão. Havia dois caixões cheio de níqueis, de moedas de cruzados, de tostões. O cofre num canto da casa, enraivecia o capitão Antonio Silvino. Ameaçou a mulher, mandava-lhe passar o couro, e ele muito calma, só dizia que nada podia fazer¹³⁸.

Tem-se a partir deste acontecimento representações de Antonio Silvino de formas distintas. Para o poeta Chagas, Silvino está consagrado como o herdeiro do governo, o sujeito que coleta dinheiro dos ricos e distribui aos pobres, pois esta função que deveria ser do governo e não era feita. Já para o Diário de Pernambuco e para Lins do Rego, Silvino aparece como um atrevido, um homem sem escrúpulos e que saqueava sua residência, não respeitando Dona Ignez.

Apesar da forte seca que ocorreu no ano de 1907, Silvino continuou suas ações. Histórias eram narradas pelos cordéis e pelos jornais apontando sua popularidade, suas relações com líderes de vilas e cidades e ainda que seria protegido por poderes sobrenaturais e rezas fortíssimas. O jornal Folha do Povo, de circulação na cidade de Limoeiro – PE apresentou a seguinte notícia a respeito do cangaceiro:

[...] toda vez que ouvimos falar neste bandido, quando por ventura uma notícia nos fornecem de suas aventuras rocambulescas, lembramo-nos

¹³⁷ DIARIO DE PENAMBUCO. Recife. 02 de mar 1907. p.02. FUNDAJ.

¹³⁸ REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. Rio de Janeiro; 66ª ed. José Olympio. 2007. p. 299.

sempre que se não fosse o escandaloso protencionismo que se lhe dispensam, indiscutivelmente não gozaria ele da nomeada que infelizmente goza, não conseguiria ele jamais firmar um nome saliente, notável de invencível salteador. E tudo isso porque os chefes políticos do interior, justamente onde o bando de Antonio Silvino tem assentado os seus arrayaes, em comunismo reconhecido, em auxílios mútuos, diariamente se comunicam. Pondo-o a salvo das perseguições, dando-lhe ciência das providências das altas autoridades, as únicas empenhadas na sua captura. É facto discutido essa asserção e somente os que vivem na intimidade com esses chefes, recebendo a todo momento os seus favores, puderam contestal-a, negando uma coisa, reconhecida por todos. Somente esses e os do grupo de Antonio Silvino protestarão o nosso pensamento. Ora, é sabido que uma vez prevenido o cangaceiro da próxima chegada de um contingente e se internando no matto visinho, muitas vezes em esconderijos próprios, pode-se avançar em dizer que, é quasi impossível essa captura. Assim não pensam, porém, os ignorantes, e nesse número desejam sua inclusão aqueles que o protegem: esses acreditam que Antonio Silvino tenha um poder sobrenatural, carregue consigo o santo lenho e orações fortíssimas, preservativos contra bala, como temos ouvido proclamar. Infelizmente o número desses fetichistas é superior, muito contribuindo para a sympathia que ele goza, nos lugares que percorre¹³⁹.

O poeta Chagas Batista, no folheto, *As orações de Antonio Silvino*, expressou as orações que seriam do cangaceiro:

Tenho sempre carta de doutor
Na arte de cangaceiro,
Desempenho com perícia
O lugar de quadrilheiro;
Tanto que quem vê conhece
Jura que eu sou mandigueiro.

Eu, para me defender
Tenho fortes orações
Que já me tem livrado
Em várias ocasiões,
Dos inimigos que exercem
Contra mim perseguições.

Minhas orações me livraram
De a policia me prender
E já me tem livrado
Muitas vezes de morrer:
Das orações a melhor
Que eu sei é a de S. Correr!...

Silvino cada vez mais ganhou visibilidade, foi nominado como célebre, famoso, aventureiro, praticante do comunismo, destemido, entre tantos outros adjetivos de um sujeito

¹³⁹ FOLHA DO POVO, Limoeiro – PE, 16 de abr.1907. p. 03. O título da matéria era O banditismo no interior. APEJE.

que se destacava na sociedade. Protegido, homem de reza forte, Antonio Silvino demarcou sua forma de tratar pessoas pobres e os mais abastados, seja de modo apaziguador, seja de modo violento. Essas posturas acabaram por constituir o que os cordelistas vieram a chamar a política de Antonio Silvino. Chagas Batista chegou a publicar em 1908, um folheto intitulado, *A política de Antonio Silvino*¹⁴⁰. Neste folheto o poeta apresentou a suposta candidatura do cangaceiro e as propostas para resolver os problemas do Brasil.

A meu lado tenho todos
Os chefes dos oposicionistas;
Já pleitei mais vinte
Candidatos governistas,
E antes da eleição
Farei ainda outras conquistas!...

Pretendo ainda governar
Do litoral ao sertão
Para isto em maio, eu
Farei minha eleição,
Garantindo que o Governo
Perderá essa questão

Se no dia da eleição
Faltarem- me os eleitores,
Reunirei o meu bloco
E praticarei horrores:
Faço sangue que dá doce
Para dez mil comedores!

O doutor Affonso Penna
Creou agora um sorteio,
P'ra ver se com mais soldados
Pode me metter-me arroteio;
Mas, eu dos soldados d'elle
Não tenho o menor receio.

A esta lei do sorteio
Farei grande oposição;
Eu, lá não vou, e garanto
Os matutos só irão
Os que não fizerem parte
Do meu bloco do sertão.

Se eu quizesse faria
Abalar todo o Brazil
Convidava todo o povo
Que o sorteio lhe é hostil.

¹⁴⁰ Este folheto aparece com capa apresentando duas histórias: *A morte de Cocada e A Política de Antonio Silvino (1908)*. Geralmente os poetas de cordel contavam as histórias em episódios, onde a cada folheto narravam partes do fato e concluíam as histórias na publicação seguinte, isso consistia uma estratégia de venda dos folhetos em que prendia o leitor aos fatos.

E travava com o governo,
Enorme guerra civil.

Por meio da figura de Silvino o poeta Chagas alerta os leitores de cordel sobre as ações dos políticos da época. Intrigas da oposição, o sorteio militar, medida tomada pelo presidente Afonso Pena, que havia tornado obrigatório o alistamento militar, entretanto os alistados entrariam nas instituições através de sorteios. Se um dos meios de sobrevivência de muitos sertanejos era o ingresso nas milícias ou no cangaço e uma vez que essa possibilidade passava a ser limitada, restava agora a insatisfação do povo, que ficaria contra o governo. No mesmo folheto Chagas descreve as propostas de Silvino:

Vou descrever aos leitores
Como há de ser meu governo:
Farei um novo programma
Conveniente e moderno:
Serei muito popular,
Mas terei poder supremo

Hei de acabar com os impostos
Não deixo um só p'ra semente
Qualquer um negociante
Enricará facilmente!
Farei um empregado público
Fazer papel de indigente!...

Mas de renda, uma só
Não deixarei, isso eu juro!
Livros de arrecadação,
Mando deitar no monturo:
Os empregados, rebaixo-os
Mas que flor de pé de muro!...

Intendência em município,
Acabarei com as que houverem;
Empregado pede esmolas!
Os que assim não fizerem
Vão trabalhar alugados
Para bacalhão comerem!...

Os cobradores e os chefes
Nunca mais beberão vinho;
Os prefeitos e os fiscaes
Deixarei tudo lisinho;
Isso é gente que eu não deixo
De perseguir um pouquinho.

Promotores, Delegados,
Inspectores de quarteirão,
Todos eu demitirei,

Com uma surra de facão
Mandando dar em cada um
E os expulso do sertão

Quem tiver muito dinheiro
Dará este a metade
Aquelles que nada teem
E imploram caridade;
Para que nos possuídos
Haja completa igualdade

Se acabará o despotismo
O orgulho e o poderio:
Não haverá mais gatunos,
Todo mundo terá brio;
Se acabará duma vez
Vagabundo e vadio

Derribarei os cadeias,
As aulas augmentarei
E então habilitados
Professores nomearei,
E a todos ignorantes
A' aprender obrigarei.

Ninguém há de se descasar,
Quem deflorar uma moça
A' força há de a exposar!
E será mui castigado
Quem a exposa abandonar

A terra será em commum,
Todos se apossarão
Ninguém pagará mais foro
Para fazer plantação:
Não haverá nesse tempo
Nem creado nem patrão.

Será geral igualdade
Todos hão de ter direito,
O que foi rico, terá
Ao que foi pobre, respeito
O graúdo senhor de engenho
Irá trabalhar no eito.

Aos vinte annos de idade
Todo homem há de casar,
Não consentirei que o branco
Ouse ao preto desposar;
Porque os negros para a África
Todos hei de deportar...

E essa transformação
Traz grandes melhoramentos

Todos terão seus direitos
De crenças e pesamentos;
Haverá plena igualdade
E eis ahi os meus intentos.

Com teor irônico e preconceituoso a crítica ao sistema de governo do período é externada pelo poeta com rigor e como forma de informar à sociedade as propostas possíveis de um país melhor. Já que os políticos não executavam essas ações, seria necessária a figura de um homem rude, sujeito de pulso e braveza para colocar o país na prática de seu lema: ordem e progresso. Todas essas propostas que eram indicadas pelos cordelistas muitas vezes passavam a integrar as conversas entre as pessoas. O crescimento social, acabar com as diferenças e injustiças, foram idéias que décadas mais tarde configuraram as principais defesas do comunismo no Brasil em oposição aos regimes ditatoriais.

No ano de 1908, no dia 13 de dezembro, o cangaceiro Cocada foi morto, apesar de não integrar mais o bando de Silvino a notícia de sua morte esteve associada à figura do “governador dos sertões”. O poeta Chagas no folheto, *A morte de Cocada*, publicado em 1908 fez questão de enfatizar a diferença das ações entre Cocada e Silvino:

Os leitores já conhecem
As proezas de Cocada
Este terrível bandido,
Salteador de estrada,
Que a uns roubava a vida
E a outros, somma avultada

Elle de Antonio Silvino
Foi collega e companheiro;
Antonio como seu chefe
Não era tão desordeiro
Como Cocada que era
Seductor e traioeiro

Em novecentos e trez
Devido a um defloramento
Feito por Manoel Cocada,
Contra o consetimento
Do chefe- Antonio Silvino,
No grupo houve apartammento

Silvino que é da honra
Um severo defensor,
Quis com um tiro do seu rifle
Matar esse seductor;
Não o fez pra não ser
Ao companheiro traidor

A ênfase nas diferenças entre o bandido respeitador e defensor da honra e o bandido criminoso e deflorador estava presente nos versos do poeta, pois muitos dos valores como: valentia, honra, coragem, pureza, entre outros; eram fortes entre a população sertaneja do período. Tais valores corroboram com a defesa do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, na qual advoga, que a honra, a violência, a demonstração de atributos de masculinidade, o modo rústico dos sertanejos foram edificados como símbolos nos discursos da época, seja nos jornais, nos cordéis, na produção literária e em outros veículos que constituíram as formas de ser do homem nordestino¹⁴¹.

Configurada a “política de Antonio Silvino”, se noticiou entre os anos de 1908 a 1914 as várias ações de Silvino, em que histórias foram narradas, outras criadas, mas todas construindo a imagem de um sujeito ora criminoso, ora pacífico. Na continuidade de seus feitos, em fevereiro de 1908 Silvino passou pelo Sítio Machado e esse fato foi noticiado pelo Diário de Pernambuco:

Assalto no Sítio Machado – cinco assassinatos. As providencias da polícia. Mais uma façanha praticada pelo famoso bandido Antonio Silvino, chegou hontem ao conhecimento do dr. Chefe de polícia. O scelerado, acompanhado de seis cangaceiros, dirigiu-se, como de costume, ao lugar Machado, do município de Bom Jardim, afim de arrecadar algum dinheiro. Ao chegar, procurou a mercearia do Sr. Manuel João, de quem extorquiu a importância de 400\$000. Seriam 10 horas da manhan, quando a noticia da presença do bandido, na casa de Manuel João, circulou a feira do Machado. Sobre o triste acontecimento recebeu o dr. Chefe de policia os seguintes telegrammas.

>Bom Jardim, 16. Antonio Silvino mais cinco bandidos atacaram hontem 1 hora tarde Machado. mataram cinco pessoas, inclusive inspetor, feriram gravemente três, saquearam quantia superior 400\$00. Acho me lugar delictos encarregando deligencias subdelegado Moganga e sigo bandido direção *Pedra Fina* e Palma.

Pinto Ribeiro. Delegado.

>Limoeiro, 16. Antonio Silvino atacou *Machado*.

Delegado Bom Jardim pede auxilio. Sigo força perseguição. Houve cinco mortes, diversos ferimentos. José Caetano. Delegado.

> Nazareth, 16. Acabo receber telegramma delegado Bom Jardim. Pedindo auxilio força por ter Antonio Silvino atacado propriedade *Machado*. daquelle municipio. Sigo auxílio mesma autoridade. Hermógenes Cabral. Delegado.

>Timbauba, 16. Fiz seguir direcção *Pedra Fina*, força auxiliano delegado Bom Jardim. encaço Silvino que saqueiou lugar *Machado*. Matando cinco pessoas. Capitão Philadelpho. Delegado¹⁴².

¹⁴¹ Cf. ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino**: uma invenção do falo: uma história do gênero masculino (1920-1940). Alagoas: Catavento, 2002. Ver também do mesmo autor: ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª Ed. Recife: FJN. Ed. Massangana - Cortez, 2001. É importante lembrar que neste período a área que hoje se chama Nordeste era denominada de Norte.

¹⁴²DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife. 18 de fev. 1908. p. 01. FUNDAJ.

A notícia que foi veiculada por meio de telegrama entre as cidades do agreste e do sertão serviu para deixar as forças policiais sobre aviso de possíveis passagens do cangaceiro com seu bando nas cidades circunvizinhas. Em março de 1909 um comerciante que viajava de Cajazeiras – PB para o Recife cruzou com o bando de Silvino. No relato publicado no jornal Folha do Povo, as descrições e representações de Antonio Silvino são significativas de serem analisadas:

Tendo eu no dia 6 de janeiro do corrente anno seguido do Recife, onde resido, para o interior da Parayhba do Norte, a negócio do meu particular interesse, na volta, pela tarde do dia 12 d fevereiro, encontrei, sentado a margem do caminho erma e tristonha travessia, um grupo de oito homens, armados de rifle que ao me verem, levantaram-se todos. Ao approximar-me de tão pernicioso companhia, **um dentre elles, de estatura regular, tez moreno-clara, olhos castanhos, dentadura perfeita, cabellos pretos, cortado rente calçado de alpercatas vestindo calça e palitot de brim cinzento, com listras brancas e tendo à cabeça, collocado elegantemente um chapéu Panamá.** Fez me a seguinte pergunta segurando as rédeas do meu cavallo já estropeado da longa caminhada: o senhor sabe com quem está fallando? Não, lhe respondi- e desejo sabe-lo. - **Eu sou o capitão Antonio Silvino, cuja cabeça está a premio pelo governo do dr. Herculano Bandeira.** Ah! Illustre redactor v. s. não avalia como eu fiquei quando o bandido me disse seu nome, que traz à todos as mais sérias apprehensões. Não sei como não cahi do cavallo, tal era o estado de nervoso que se appoderara de mim na quelle momento. Felizmente o facinora nada me fez e começamos a conversar – o senhor de onde vem e para onde vai? – Venho- retorqui-lhe, de Cajazeiras e vou para o Recife, onde resido. - O que se diz de mim por ahi afora, que sou muito mau não é assim? – Pouco mais ou menos. - Lhe respondi. Pois meu amigo (o célebre bandoleiro deu uma acentuação doce melodiosa a esse substantivo) – **Não me considere como tal porquanto ainda tenho em meu coração sentimentos nobres e elevados. É exato que me appodero daquillo que não me pertence, porém o que roubo partilho com a pobreza. Reconheço que sou um homem perdido; sem um futuro melhor, mas consola-me a certeza indubitável de que os homens ricos e poderosos quase todos são ladrões ou assassinos. Eu me julgo um desgraçado, nem família, nem lei, nem pátria. Em ouvindo o Mussolino brasileiro, pronunciar estas palavras, tive delle compaixão, lastimei sinceramente o seu estado moral.** Os seus companheiros se conservavam mudos, silenciosos, mas olhando sempre para todos os lados, sem dúvida receiando alguma força policial, ou mesmo o capitão Zacharias Neves com o seus subalternos não menos perversos que se formavam o grupo do famoso scelerado americano. O degenerado Antonio Silvino, falou bonito dos drs. Herculano Bandeira, Archimedes de Oliveira e Joaquim Bandeira, pessoas estas de quem se vingaria mais cedo ou mais tarde, muito embora fosse para sempre encarcerado ou assassinado. – O maior prazer da minha vida. - Avançou elle – Seria o de encontrar o três, reunidos, em logar isolado, para desta arte a minha vingança ser completa, absoluta. **Os olhos do pithonico sertanejo despedia faíscas,**

deixando transparecer na phisionomia o ódio tyrannico, implacável aos distintos nazarenos acima mencionados¹⁴³.

Os grifos da matéria são por mim destacados, como forma de se perceber a construção da imagem de Silvino por prismas diferentes, o do viajante e o do cangaceiro. Silvino um homem bem vestido, com trajes de oficial e vaidoso, típico de seu perfil de imposição de poder. Afinal, possuir o poder é algo significativo para ele, uma vez que este não o tinha por meio lícito¹⁴⁴. Apresentar-se como indivíduo bom, que rouba e divide o saque com os pobres, entretanto tem a vida perdida e deseja se vingar dos que possuem o poder e não usam para o exercício da justiça, era um mecanismo que o cangaceiro defendia para repudiar os governantes que com o poder o perseguia e não para lutar contra as injustiças que a população carente sofria.

Já para o viajante Silvino foi associado à toda forma de mal que a sociedade pode se deparar: autoritarismo do líder do regime fascista italiano, Mussoline; tirânico, perigoso como a cobra e ameaçador dos “nazarenos”, se referindo aos governantes de Pernambuco, Paraíba e ao policial Zacharias.

No final de 1909 outros cangaceiros foram mortos. Entre eles: *Labareda*, *Gato* e Antonio Félix, vulgo *Tempestade*. A morte deste último foi de grande repercussão e o poeta Leandro Gomes de Barros publicou em 1909, o folheto: *As lágrimas de Antonio Silvino por Tempestade*:

Eu estava na Fazenda Grossos
Com um camarada meu,
Quando chegou um rapaz
E um recado me deu:
- Manda dizer meu padrinho
Que soube que em Canhotinho
O Tempestade morreu

Essa recado me poz
Até a cabeça tonta
Exclamei: - Perdi um rifle
Que nada levava em conta,
Cangaceiro sem igual
Perdi agora um punhal
Que nunca virou a ponta

¹⁴³ FOLHA DO POVO, Limoeiro – PE, 13 de mar. de 1909. p. 01. APEJE

¹⁴⁴ Sobre a idéia do “tomar o poder” ver. GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo**: histórias na literatura de cordel (1900-1940). Doutorado em História. Niterói. UFF/ EHESS. 2005. Em especial o capítulo 04 - O cangaceiro: entre heróis e bandidos. Neste capítulo ela apresenta uma análise de como os cangaceiros utilizaram estratégias para ter o mesmo poder que os coronéis e chefes políticos possuíam.

Aos poucos o grupo de Silvino foi perdendo força. Antonio valorizava os cangaceiros que executavam boas lutas, respeitavam suas ações e cumpriam as suas ordens. Era preciso arregimentar novos homens, pois o bando ficara reduzido. A polícia cercava cada vez mais e um alferes em particular atormentava a vida de Silvino, Maurício. Em vários vilarejos pejejas ocorreram e o alferes Maurício o perseguia.

O ano de 1910 foi de muitas mudanças para Pernambuco e Paraíba. No sertão se viu a passagem do cometa Halley, novas máquinas adentravam o cenário urbano, estradas eram construídas por retirantes, automóveis circulavam em maior número, bondes corriam pelas ruas do Recife, onde muitos eram atropelados. Os jornais noticiavam a falência de pessoas da alta nobiliarquia, linhas da Great Western eram estendidas, fios de telégrafos chegavam a mais cidades do interior. A Infra-estrutura de transportes e comunicação passou a cercar cada vez mais Antonio Silvino.

A raiva que Silvino tinha do alferes Mauricio era grande. No mês de abril de 1910, na cidade de Timbaúba do Gurjão – PB, a área da Lagoa das Pedras foi cenário da vingança de Silvino. Com tocaia armada nas proximidades da lagoa, Silvino observou o movimento da volante do alferes Mauricio. Esperou boa oportunidade e quando o policial estava agachado Silvino disparou um tiro que o atingiu na cabeça, levando-o a morte. Os soldados entraram em grande alvoroço, mas estavam cercados pelo bando de Silvino e muitos morreram. As margens da lagoa ficaram repletas de sangue e Silvino seguiu novamente seu rumo incerto.

A vingança realizada foi anunciada em jornais, virou tema de folhetos de cordel e deu visibilidade ainda maior para o cangaceiro, pois há alguns anos ele não tinha praticado crime de tamanha repercussão. Nos folhetos que versavam sobre os sonhos e as visões de Antonio Silvino a figura da alma do alferes Mauricio sempre estava presente. Um exemplo é cordel, *A visão e Antonio Silvino*¹⁴⁵, de autoria de Leandro Gomes de Barros:

Ouviu um echo espantoso
 Que retumbava na serra
 Dizendo: Soldados mortos
 Chegai a face da terra
 Provai que depois de mortos
 Inda são homens p'ra guerra.

Media terror olhar
 Para aqueles esqueletos
 Os ossos agigantados
 Os dentes grandes e pretos

¹⁴⁵ Este folheto não apresenta datação, mas como não retrata feitos até a prisão do cangaceiro acredito que tenha sido publicado entre 1910 e 1914.

Só careciam que tinham
As bocas cheias de espectos

Revestido de coragem
Disse: fale quem está lá,
Conheceu logo Maurício,
E Nicássio do Trapiá,
E um sargento de polícia
Que ele matou no Ingá.

Disse Silvino aos fantasmas
- Eu vivo por atrevido
Felizmente que até hoje
A tudo tenho resistido
Dos vivos sou emboscado
Dos mortos sou perseguido.

Todas as histórias de orações, visões, crendices são tratadas por meio da figura de Silvino, pois são elementos fortes da cultura popular da zona sertaneja. Temerosos a Deus esses homens compunham um imaginário que era comum aos viventes do sertão. Entre os símbolos que adentraram na memória coletiva¹⁴⁶ aparecem os fenômenos da natureza como forças sobrenaturais que seriam ações de mandingas e feitiços como raios, trovões e ventos fortes que batiam portas, janelas e assombravam as pessoas. Outra imagem é a dos mortos, principalmente dos homens que Silvino havia matado, pois a ação de assassino traria a perseguição das almas que tiveram o curso de suas vidas interrompido pelo criminoso. Essa concepção de espíritos perseguidores dos vivos, fantasmas que surgem na noite, parecem ainda repercutir no cotidiano das cidades distantes da capital, cuja tradição se mantém.

No ano de 1911, Antonio Silvino invadiu a propriedade da Baronesa de Serra Branca, soube que era uma senhora de posses e viúva do nobre Felipe Néri de Carvalho e Silva. Sobre o fato relatou o pesquisador Sérgio Dantas:

À velha senhora o cangaceiro fez importante distinção. Majorou a contribuição para 500\$00 (quinhentos mil réis). Tinha ciência que o barão deixara de herança e da existência da importante Fazenda Serra Branca, referencia agro-pastoril da região. A cidade de Assú – PB fervilhava em rumores. Os comerciantes, não obstante o temor estampado nas faces,

¹⁴⁶ Sobre memória coletiva uso a idéia de Maurice Halbwachs, quando ele defende que a memória é entendida como um conjunto de valores que unifica determinados grupos familiares, religiosos e de classes. Apesar de Halbwachs ter admitido posteriormente que não haja uma memória unívoca e sim lembranças, grupos de recordações, caminhos, fragmentos que conduzem a retratar algo generalizante seu conceito serve para pensar essa idéia de costumes similares vivenciados pelos sertanejos no tempo de Antonio Silvino. Cf. Halbwachs, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. Existem outros debates em torno deste conceito. Ver. Nora, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**, Projeto História, n. 10. São Paulo: PUC/SP, 1993. Nora defende o discurso da perda, ele acredita que os lugares da memória servem para resgatar os fragmentos do passado.

ignoraram a exigência do famoso celerado. Puseram-se em armas e aguardaram a visita. Apesar dos insistentes apelos dos administradores, a Baronesa compreendeu melhor atender a exigência de Silvino. Temeu o eterno ódio e posterior vingança do temido “Capitão”¹⁴⁷.

Vários outros pequenos ataques foram cometidos por Silvino nas cidades interioranas de Pernambuco e da Paraíba, porém não tiveram grande repercussão. No primeiro semestre de 1912 pouco se falou de Silvino nos jornais do Recife. Ele permaneceu boa parte deste período no Rio Grande do Norte. No segundo semestre retornou a Paraíba e circulou por vários vilarejos para obter dinheiro e praticou algumas mortes.

Silvino repudiou as tecnologias que pudessem dar informação sobre ele. Declarou morte a vários donos de jornais e jornalistas, tinha verdadeiro ódio à imprensa e dizia que a imprensa só o ofendia. Severino Barbosa em seu livro: *Antonio Silvino o rifle de ouro*, relatou a passagem de Silvino na vila de Corta-Dedo, próximo a Campina Grande – PB, ameaçou o dono do jornal “Correio de Campinas”, Sr. Lauritzen. Informou que saquearia a fazenda do jornalista e mataria todo o gado. Segundo Barbosa o jornal publicou que: “Pode fazer mais ainda. O nosso diretor prefere ver morto todo seu gado e arrasadas as suas fazendas, a entrar em transações com esse audaz cangaceiro”¹⁴⁸.

Silvino foi cada vez mais cercado. Em 1913 o cangaceiro se refugiava e praticava pequenos saques. Pouco se noticiou nos jornais da cidade do Recife sobre ele. No ano de 1914 o cangaceiro já contava com trinta e nove anos e suas lutas já eram menos violentas, fugia mais do que enfrentava as forças volantes. Sabia que o alferes Theóphanes Torres estava no seu encalce. Em novembro de 1914 adentrou a fazenda Lagoa da Laje, na cidade de Taquaritinga – PE para receber proteção do seu coiteiro Sr. Joaquim Pedro. O alferes Theóphanes Torres soube que Silvino se encontrava nas proximidades de Taquaritinga e tomou destino para tentar prendê-lo. Em combate o cangaceiro foi ferido e preso. O Governo de Antonio Silvino nos sertões findou em 28 de novembro de 1914 com a sua prisão.

¹⁴⁷ DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antonio Silvino**: o cangaceiro, o homem, o mito. Natal: Cartograf, 2005. p. 161. É importante salientar que há um erro do jornal ao informar que Assú é uma cidade da Paraíba, na verdade é uma cidade do Rio Grande do Norte.

¹⁴⁸ BARBOSA, Severino. **Antonio Silvino**: o rifle de ouro. Vida, combates, prisão e morte o mais famoso cangaceiro do sertão. 2ª ed. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1979. p. 123.

3. ESPETACULARIZANDO UMA PRISÃO

3.1 – O trajeto de Taquaretinga - PE à Casa de Detenção do Recife

Quase não se noticiava sobre Silvino e o seu bando entre os anos de 1912 e 1914. As últimas reportagens publicadas pelos jornais da cidade do Recife apenas alertaram para manter uma perseguição mais severa ao bandoleiro. Estava ele cansado? Desejava ele mudar de vida e sair do cangaço?

As relações que Silvino havia construído podem ser classificadas entre as atitudes de um fora da lei, mas também de um homem de bons vínculos “políticos” e sociais. Silvino afrontou o poder de coronéis, de policiais, de prefeitos e de governadores. As estratégias que utilizava eram certas e pensadas, porém as perseguições dos governos de Pernambuco e da Paraíba foram mais intensas. Em novembro de 1914 o “governo” de Antonio Silvino nos sertões acabou. O Diário de Pernambuco noticiou na matéria de sua prisão, que ele estava esquecido pela imprensa e seu aprisionamento foi uma surpresa para a população:

Diminuíra elle o seu furor, fugindo sempre as expedições que o procuravam por toda parte. O resultado negativo dos esforços empregados com risco de vida para a prisão do famigerado salteador, fez cahir uma retrativa descrença sobre a acção da polícia, não só deste Estado, mas também daquelles que igualmente sofreram as constantes depredações praticadas pelo bandido, assim tido como invencível. Tudo isso fez quase esquecer Antonio Silvino. só de longe em longe chegavam os ecos de novos crimes seus, ferozes e revoltantes, mas felizmente raros. Ninguém mais no Recife se impressionava com a existência do bandido. Entretanto a polícia não o perdia de vista¹⁴⁹.

Qual a forma de prender este cangaceiro no sertão nordestino? “As marcas de alpercatas deixadas na caatinga e a habilidosa arte de desconfiar de criminosos”. Essas foram as palavras do delegado Theóphanes Ferraz Torres escritas no ofício enviado ao chefe de Polícia de Pernambuco, Joaquim Mauricio Wanderley quando seguiu no encalço do cangaceiro na cidade de Taquaretinga em Pernambuco. Ao ameaçar de morte os membros da família de Joaquim Pedro, na fazenda Lagoa da Laje, o delegado conseguiu obter informações sobre o bandido.

¹⁴⁹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 29. de nov. 1914. p. 01. FUNDAJ.

Em 26 de novembro de 1914 o delegado de Taquaritinga, Theóphanes Ferraz Torres, recebeu a informação do subdelegado de Santa Maria, vila pertencente a este município, que Antonio Silvino havia passado pelo local com seu grupo. O delegado seguiu para a fazenda de responsabilidade do Sr. Neco Barão, pois Silvino costumava passar pelo local. Como não encontrou nada prosseguiu para Santa Maria.

No dia 27 de novembro de 1914 as buscas continuaram e se obteve dos populares a informação de que, às 11 horas da manhã do dia anterior, Silvino havia passado pelo lugar com cinco cangaceiros. Com as poucas informações o policial Theophanes Torres decidiu avançar na estrada a caminho da fazenda Lagoa da Laje, pois sabia que o bandoleiro mantinha amizade com o dono desta propriedade, o Sr. Joaquim Pedro.

Às 5 horas da tarde, Theófanés adentrou a fazenda e interrogou os presentes da casa a respeito do cangaceiro. Assim relatou o delegado:

Neste ínterim entrava pelo quintal da caça um menino de 13 anos presumíveis, filho do fazendeiro, e conduzia consigo uma bacia contendo pratos e talheres. Pairou em meu espírito a desconfiança de que algo anormal se tratava com a chegada do mesmo menor com esses apetrechos. Desenvolvendo minha actividade de autoridade policial interroguei-o com alguma demora e elle declarou-me que regressava de um roçado para onde tinha seguido levando comida para diversos trabalhadores. Novas suspeitas iam deixando-me na dúvida de dar credito a semelhantes declarações, uma vez que os homens de campos são habituados a fazerem suas refeições sem servirem-se de talheres, delicadeza esta que de adopta em meios adiantados e não em meios rústicos. Tudo isso foi concordando para que se avivasse mais em meu espírito a desconfiança. Vi que se tratava de Silvino e que o pai da creança era um refinado protector do bandido, razão pela qual o mesmo gozando de semelhantes prerrogativas lograva sempre fugir a acção da policia, que sempre o perseguia com tenacidade¹⁵⁰

Obrigou Joaquim Pedro e seu filho a segui-lo para verificar, se de fato eram trabalhadores do roçado. No caminho os ameaçou de morte para obter informações. Confirmada a suspeita de que de era Antonio Silvino seguiu no encalce do bandoleiro e numa distância de cem braças avistou o grupo “gozando as delícias de um descanso pitoresco sem pensarem talvez que a exterminação do bandido infeliz já vinha surgindo por entre os horizontes do destino¹⁵¹”.

¹⁵⁰ Cf. Ofício enviado pelo Tenente Teófanés Ferraz Torres ao chefe de Polícia, relatando a prisão de Antonio Silvino. Fundo SDS. Delegacia de Polícia de Taquaritinga. v.(1910-1916). Taquaritinga – PE 01/12/1914. p. 04. Ms. APEJE.

¹⁵¹ Idem. p.05.

O delegado Theóphanes Torres procurou destruir o cercado e surpreender Silvino e seu bando. Iniciou a descarga de tiros e se travou o combate. A força policial realizou vários disparos e uma bala atingiu o cangaceiro Joaquim Moura, considerado por Antonio Silvino o seu melhor comparsa¹⁵². Após as descargas de balas, o cangaceiro, que segundo o chefe da volante é bastante “conhecido nos annaes da história dos crimes¹⁵³” foi baleado e se refugiou na casa de Manoel Clemente Gonçalves de Lima, próxima do cercado, onde se entregou a prisão devido aos ferimentos que o impossibilitavam de continuar na briga¹⁵⁴. Os outros companheiros de Silvino conseguiram fugir, “tendo, porém conduzido diversas jóias, bem como dinheiro que se achava em poder de salttiador¹⁵⁵”. Na manhã de 28 de novembro de 1914 foi preso o cangaceiro que vagueava pelas caatingas do Norte brasileiro. Assim, o delegado Torres declarou a vitória espetacular em que todos os soldados da volante tuaram para prender o cangaceiro:

Realmente notei que todas as praças mostravam-se bem animadas, e estou bem certo que se se tornasse preciso entrar em novo combate, ellas estariam firmes e promptas para entrarem em acção. Felizmente, porém não foi mais preciso a continuação da lucta, pois em meu poder já se encontrava o facínora que durante o longo período de 19 annos de crimes e depredações que commeteu nos sertões de 3 Estados trazia em completo dezascego as pacatas famílias sertanejas deixando muitas dellas em lastimável mizéria¹⁵⁶.

O ofício enviado pelo delegado Torres ao chefe de Polícia do Estado de Pernambuco precisa ser analisado pela riqueza de detalhes de quem esteve no momento da prisão do cangaceiro, porém é preciso estar atento ao local de fala do delegado, para perceber que a representação dada pode ser diferente de outros relatos sobre a prisão de Silvino.¹⁵⁷

Na mesma data o editorial do Jornal Pequeno divulgou a seguinte matéria:

¹⁵² Mario Souto Maior escreve que o referido cangaceiro suicidou-se com um tiro na cabeça. Entretanto ele não informa a fonte consultada para fazer tal afirmação. Na pesquisa realizada não identificamos nenhum documento que indicasse o suicídio, apenas que ele fora baleado pela força volante. Ver SOUTO MAIOR, Mário. **Antonio Silvino o capitão de trabuco**. Recife: Edições Arquimedes, 1969.

¹⁵³ Ofício enviado pelo Tenente Teófanos Ferraz Torres ao chefe de polícia, relatando a prisão de Antonio Silvino. Fundo SDS. Delegacia de Polícia de Taquaretinga 01/12/1914, v.(1910-1916). p. 01. APEJE.

¹⁵⁴ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife. 29 de nov. 1914. p. 01. FUNDAJ

¹⁵⁵ Ofício enviado pelo Tenente Teófanos Ferraz Torres ao chefe de polícia, relatando a prisão de Antonio Silvino. Fundo SDS. Delegacia de Polícia de Taquaretinga. 01/12/1914, v.(1910-1916). p. 07. Ms. APEJE.

¹⁵⁶ Idem. p. 08.

¹⁵⁷ Não se pode esquecer que o ofício do delegado fala de um lugar institucionalizado: a Polícia. Como órgão que visa o controle dos sujeitos e a manutenção da ordem social ela apresenta os mecanismos de captura de criminosos, por isso, a desconfiança e a associação de banditismo à falta de civilidade são remetidas no texto. Atentemos então para também perceber as adjetivações que vão estigmatizando Silvino enquanto homem rude, que não tinha costumes de meios adiantados, cujo hábito de fazer refeições com talheres foi o indício para prendê-lo.

Antonio Silvino foi preso! este famanaz bandido, que todo o sertão deste e dos visinhos Estados temia, como um flagello, uma peste, um terror, que completou o catálogo dos crimes e das depredações e cujo nome criou uma lenda de pavor como um rocambole dos campos, um Cabelleira ressuscitado, acaba de cair nas mãos da polícia. E esta prisão é um alívio, um benefício. O término de um negro pesadelo que cahia sobre o sertanejo, na visão dolorosa da desgarantia da propriedade e dos bens que a rude labuta e o espírito de economia amassaram. Há mais de 18 annos que das histórias dos assaltos e dos assassinatos, dos roubos e das atrocidades o seu nome ressalta n'uma evidencia trágica. E o bandoleiro, de terra em terra, ia deixando um rastro sinistro de vítimas suas e do seu infame grupo, todo elle composto de assassinos e ladrões de perversidade notória. Antonio Silvino era uma preocupação constante e horrível da polícia¹⁵⁸.

Ao que se pode notar, no editorial dos jornais, Antonio Silvino apareceu como um sujeito comum, banal, rude, sem hábitos civilizados, uma mazela para os Estados da região Norte. Entretanto, ele não era um homem comum, ele possuía um considerável grupo de protetores, ele mantinha hábitos de elegância, de sentar-se a mesa dos coronéis que o davam guarida. Ele era um sujeito preocupado com a civilidade, um construtor de relações políticas que asseguravam sua sobrevivência nos tempos que vivia no sertão.

Outra possibilidade de compreender a prisão de Silvino pode ser vista, nos versos do folheto: *Exclamações de Antonio Silvino na cadeia*, do ano de 1914, escrito pelo o poeta Leandro Gomes de Barros:

Que estava jogando bisca
Quando o alferes cercou-o
Resistiu quase 1 hora
Um soldado baliou-o
Elle caiu sem sentidos
Um companheiro roubou-o

Silvino alli conhecendo
Está ferido gravemente
Mataram-lhe um cangaceiro
Elle achou conveniente
Render-se para morrer
Em lugar que houvesse gente

Disse ao chefe de polícia
Doutor eu fui capturado
Divido a um rastejador
E esse veio encomendado,
Conhecia onde passou
Um bicho o anno passado

E o alferes Theófanés

¹⁵⁸ JORNAL PEQUENO. Recife, 28 de nov. 1914. p.01. APEJE.

Caçador de cangaceiro,
Mandou gente a Águas-Bellas
Pagando por bom dinheiro,
Veio o tal rastejador
Um caboclo verdadeiro

A versão do fato, escrita pelo cordel apresenta Silvino como um sujeito que lutou para não ser aprisionado, mas devido à existência de um “rastejador”, ou seja, conhecedor da localidade, ele foi baleado e seu estado de saúde ficou convalescente, o que permitiu ser capturado pelo delegado. O poeta escreveu em palavrado simples, já o relato do delegado no ofício apresentou certo rebuscar das palavras. Nas duas versões a prisão de Silvino foi representada de formas diferentes. O folheto defendia a traição de um rastejador que conhecia o local em que se encontrava o cangaceiro, já o ofício defendeu a habilidade policial de investigar e prender criminosos.

Destarte as representações dadas à prisão, Silvino foi conduzido para Taquaritinga para depois ser entregue no dia 30 de novembro ao chefe de polícia de Pernambuco, Joaquim Maurício Wanderley, no povoado Torre - PE, também pertencente ao referido município, como relatou no telegrama:

Tenente delegado – Felicito-vos. Dispensae especiais cuidados Antonio Silvino, afim poder chegar esta capital. Estiver perigo de vida avisar incontinente. Dia 30 seguirá força coduzi-lo devendo acompanhar-des preso. Louvo vossos commandados relevante serviço prestado causa pública. Saudações – Joaquim Maurício Wanderley. Chefe de Polícia¹⁵⁹

“Às 10 horas foi Antonio Silvino recolhido à casa do Sr. Germano de Araújo Lins, por sinal seu inimigo, no largo da matriz Torres. Aí recebeu os primeiros curativos do Dr. Frederico Curió, médico - legista da polícia¹⁶⁰”. Mesmo com o estado de saúde grave os cuidados foram dispensados de modo a mantê-lo vivo:

Taquaritinga 28 – agradeço telegramma V. Ex. tendo dispensado especiais cuidados tratamento Silvino. achando grave ferimento região lombar. Syncope continuadas conveniente força vir urgência – Alferes Teóphanes Torres, delegado de polícia¹⁶¹.

O Diário de Pernambuco ainda noticiou sobre a cogitação de sua morte:

¹⁵⁹ Telegrama publicado no DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife. 29 de nov. 1914. p. 01. FUNDAJ.

¹⁶⁰ BARBOSA, Severino. **Antonio Silvino**: o rifle de ouro: vida, combates, prisão e morte o mais famoso cangaceiro do sertão. 2ª ed. Recife: Cia. Editora de Pernambuco, 1979. p. 138.

¹⁶¹ Telegrama publicado no DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife. 29 de nov. 1914. p. 01. FUNDAJ.

Segundo informações do chefe de segurança pública quinta feira marca o praso mais próximo para a vinda a esta cidade o temido cangaceiro. No caso, delle vir a fallecer, será o seu corpo embalsamado e conduzido para o Recife¹⁶².

Segundo notícia do mesmo jornal, a chegada do Teóphanes Torres ao vilarejo de Torres foi bastante pomposa:

O povo desta cidade recebeu o alferes com festas, havendo músicas e foguetes, em signal de regosijo. Em nome da população fallou o promotor público, enaltecendo o valoroso official e seus companheiros. Em nome do Alferes Teóphanes, falou agradecendo o Padre Leal, que terminou seu discurso dando parabéns ao General Dantas Barreto pelo sucesso que o fato representa para a sua administração¹⁶³.

No Recife se noticiava sobre os acontecimentos da 1ª Guerra Mundial, mas as matérias sobre a prisão de Silvino também foram estampadas nas primeiras páginas dos jornais durante semanas. Os consumidores dos jornais, certamente dividiram as conversas entre essa prisão e a Guerra como relatou o Diário de Pernambuco:

A prisão de Antonio Silvino encheu o dia de hontem. Em todas as rodas era o caso, o assumpto quase único que se commentava. (...) a cidade toda numa expectativa de curiosidade justificada anseia pela chegada do prisioneiro. Cujo estado de saúde parece ir melhorando¹⁶⁴.

Aprisionado, foi até a estação férrea cavalgando em um burro, “vestia dolman de Brim listrado tendo cinco fitas com distintivo de tenente-coronel em cada punho, posto por que era tratado entre os companheiros¹⁶⁵”. No dia 30 de novembro, se iniciou o trajeto de Taquaritinga para a Casa de Detenção do Recife. Até chegar ao Recife, Silvino e a escolta policial passaram por algumas cidades no trem da Great Western, principal companhia de linha férrea do período, sendo exibido com troféu, ou não seria como um espetáculo de exibição do sanguinário Silvino, verdadeira fera humana, como escreveu o delegado Torres?¹⁶⁶.

¹⁶²DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife. 29 de nov. 1914. p. 01. FUNDAJ.

¹⁶³DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife. 30 de nov. 1914. p. 01. FUNDAJ. No ano de 1914 o governador do Estado de Pernambuco era o General Dantas Barreto.

¹⁶⁴DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife. 30 de nov. 1914. p. 01. FUNDAJ.

¹⁶⁵DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife. 02. de dez. 1914. p. 01. FUNDAJ

¹⁶⁶Ofício enviado pelo Tenente Teófanés Ferraz Torres ao chefe de polícia, relatando a prisão de Antonio Silvino. Fundo SDS. Delegacia de Polícia de Taquaritinga. 01/12/1914, Taquaritinga, v.(1910-1916). p. 01. Ms. APEJE.

¹⁶⁶DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife. 29. de nov. 1914. p. 01. FUNDAJ

Francisco das Chagas Batista, também relatou sobre sua prisão no folheto: *Antonio Silvino: vidas crimes e julgamento*, (s/d):

Dois dias e uma noite,
Eu passei encarcerado
Na cadeia da cidade,
Sendo muito visitado;
A vinte e nove já eu
Me sentia melhorado

No dia trinta bem cedo
Em um burro me montaram,
E para Caruaru
Os soldados me levaram
Mais de duzentas pessoas
Na estrada nos encontraram

Chegando em Caruaru
Cinco horas descançamos.
As duas da madrugada
Para o Recife embarcamos,
As sete horas do dia
Nessa Capital chegamos.

Para o cordelista, o trajeto que conduziu Silvino para o Recife, pareceu ser muito desgastante, cansativo, com pouco descanso e, mesmo doente, foi submetido exposições públicas. No percurso do sertão até a capital pernambucana o Dr. Joaquim Maurício Wanderley encontrou com o cangaceiro e segundo o Diário de Pernambuco, que publicou uma reportagem no dia 02 de dezembro de 1914, o cangaceiro acreditou que seria morto:

Antonio Silvino um tanto receoso com essa de ser fusilado, perguntou ao Dr. Maurício Wanderley:
- Onde é a matança?
- matança?
- Sim. Vocês não vão me matar? Aonde vai ser isso?
- Esteja tranqüilo respondeu o Chefe de Polícia
- Pode ser que a polícia de Pernambuco não me liquide. Se fosse os macacos da Parahyba. Já estaria na quicé a essa hora¹⁶⁷.

A prisão do cangaceiro parece ter sido tão importante e recebido grande proporção na cidade do Recife, pois, propagandas de lojas usaram o seu nome para divulgar as promoções. Como fez a Casa Freitas, noticiando no Diário de Pernambuco:

¹⁶⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife. 02 de dez. 1914. p. 01. FUNDAJ

Fig. 10



Fonte: Propaganda da Loja Casa Freitas publicada no Diário de Pernambuco em 30 de novembro de 1914. p. 02 Acervo FUNDAJ.

Após a longa viagem, chegou às 7h da manhã do dia 01 de dezembro na estação central do Recife, o trem que conduziu Silvino até a capital. Grande multidão superlotou a entrada. Jornalistas, policiais e muitos populares integraram essa multidão. Todos desejaram ver o maior cangaceiro do sertão, aquele que afrontava o poder, o que se tornou um político nos versos dos cordelistas. Assim, relatou o Diário de Pernambuco sobre a chegada do cangaceiro:

Na estação Central aguardavam o trem os drs. Enéas de Lucena e José Vieira, delegado da capital drs. Alfredo Costa, Abelardo Baltar e Fausto Pinheiro médicos da assistência pública. Várias autoridades e extraordinária multidão que desde as primeiras horas da manhã esperava o regresso de Antonio Silvino. o bandido foi retirado do trem numa maca e dahi conduzido para o automóvel da Assistência Pública, que o levou até a Casa de Detenção, acompanhado por seis praças de cavalaria. Em todo percurso havia grande número de curiosos. Além do detido, dos enfermeiros e médicos, tomaram lugar no automóvel os dois delegados da capital. Silvino foi imediatamente transportado para a enfermaria da Casa de Detenção, submettendo-se a novo exame médico e tratamento mais completo¹⁶⁸.

¹⁶⁸ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife. 02 de dez. de 1914. p. 01. FUNDAJ

Sua chegada ao Recife foi digna de um espetáculo. A multidão lotou a Estação Central, autoridades seguiram no carro que conduziu Silvino até a Casa de Detenção e os jornais estamparam fotos do famoso cangaceiro baleado e do grupo que o prendera:

Fig. 11

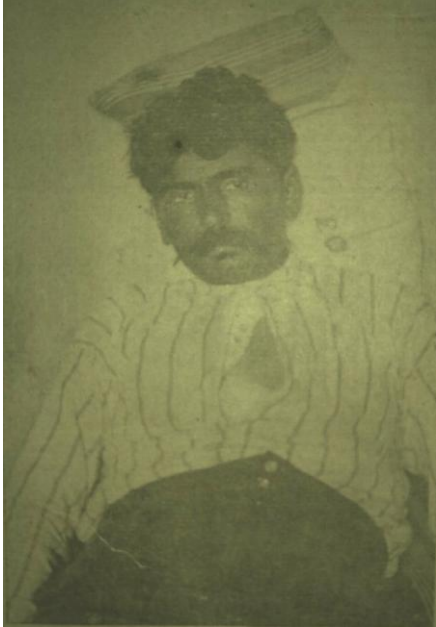


Fig. 12



Fonte: Fotografias publicadas no Jornal Pequeno apresentando Antonio Silvino, ferido, na enfermaria de frente e de costas na Casa de Detenção do Recife. 1914. Jornal Pequeno. Recife. 28 de nov. 1914. p. 01 Acervo FUNDAJ

Fig. 13



Fonte: Capa do Jornal do Recife. Recife, 02 de dez. 1914.
Acervo FUNDAJ.

O Jornal do Recife, de grande circulação, nominou a prisão de Silvino de odisséia¹⁶⁹. Na Primeira página do Jornal do Recife, o texto apresenta a prisão e a vinda de Silvino como uma “odysseia”, e esta era mérito do “destemido” Theóphanes Ferraz Torres e seus soldados, já Silvino era o destruído o dominado pela “força esmagadora” da volante. No Diário de Pernambuco, as reportagens que versavam sobre o “governador dos sertões” também exibiam a imagem de sujeito fracassado, humilhado e tido como “fera humana”¹⁷⁰.

A espetacularização da prisão de Antonio Silvino ocorreu pela importância social que este sujeito tinha no sertão e para o poder policial de Pernambuco e da Paraíba. As imagens retratando um sujeito derrotado parecem ter sido veiculadas como forma de impor a sociedade que o governo estava no controle do sertão e que o cangaceirismo não reinaria mais nas terras distantes da capital.

3.2 - Espetáculos para o delegado Teóphanes Torres

Todo o esforço feito pelo delegado Teóphanes Torres e seu grupo não foi desmerecido nos relatos publicados pela imprensa. Vários jornais noticiaram sobre a vida do “corajoso” chefe da volante que prendeu Silvino. O sábado, 05 de dezembro de 1914, foi marcado por festa e apresentações teatrais homenageando os policiais. Os líderes do poder público patrocinaram o evento e o alferes e seu grupo receberam as devidas congratulações, honras e medalhas. O Diário de Pernambuco relatou que:

A “Serata” é patrocinada pelos Srs. General Dantas Barreto Governador, General Pantaleão Telles, Inspector da região. Dr. Maurício Wanderley, Chefe de Polícia, Coronel Alfredo Duarte, Commandante geral da Força Pública. Eudoro Correia, Prefeito da capital, Capitão da fragata Belfort Vieira, Capitão do porto. Cujas exms Famílias abrilhantarão o espetáculo. Promovido pelo actor João Fonseca. Uma orchestra dirigida pelo maestro Ribas executará peças de grande repertório, de apurada e agradabilíssima escolha¹⁷¹.

¹⁶⁹ A Odisséia apresenta histórias narradas por Homero que retratam grandes lutas e feitos heróicos que dão reconhecimento aos vencedores. Sobre essas histórias Cf. GANDON, Odile. **Deuses e heróis da mitologia grega e latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

¹⁷⁰ Em ambos os jornais as notícias não apresentavam assinatura de jornalistas, portanto acredito que a construção da imagem é de atribuição do editorial. O que repercute na representação de poder dos editoriais. Para se ter uma idéia no momento do cerco realizado para Silvino o Diário de Pernambuco era de propriedade de Carlos B. Lyra e suas idéias defendiam o governo do General Dantas Barreto.

¹⁷¹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife. 06 de dez. 1914. p. 03. FUNDAJ

Desde o dia 01 de dezembro, abriu-se uma subscrição pública para arrecadar dinheiro em prol dos soldados. Além de festa no teatro Santa Isabel e da subscrição, uma multidão tentou comprar os ingressos para o cine-teatro Politeama. Os cavalheiros chegaram a pagar 1000 réis, senhoras e crianças 500 réis e para assistir de camarote pagou-se 5 mil reis. Neste sábado o filme principal foi: “Sob a bandeira negra”, porém, antes do filme, os que conseguiram comprar o ingresso puderam ver a sessão de fotos que retratava Antonio Silvino ferido e a comitiva que o transportou da cidade de Taquaritinga ao Recife.

A subscrição informou que o dinheiro destinado aos soldados da volante do alferes Torres foi depositado no *River Plate Bank*, localizado no Recife e foi publicada durante vários dias nos diversos jornais da cidade:

Fig. 14

PREMIO AO MERITO

Subscrição publica em favor do official e praças que effectuaram a prisão do bandido Antonio Silvino

O “Diario de Pernambuco” iniciou hontem uma “subscrição publica” em favor do official e soldados que effectuaram a captura do famoso bandoleiro Antonio Silvino.

As importancias subscriptas serão recolhidas, directamente, no River Plate Bank desta capital até ulterior deliberação sobre o melhor modo de se manifestar o reconhecimento das classes laboriosas e da população em geral, aos modestos soldados que acabam de prestar a communhão pernambucana um tão assignalado serviço.

Por conveniencia do serviço do Banco, as quantias subscriptas poderão ser entregues em nosso escriptorio, mediante recibo, e serão diariamente recolhidas áquelle estabelecimento.

Aqui daremos conta, todos os dias, dos donativos que, por nosso intermedio, alli forem depositados. Até hontem concorreram ;

“Diario de Pernambuco”	100\$000
Silva Parreto (Padaria Polaca)	100\$000
Major João Florentino da Cunha Azevedo	100\$000
J. A.	2\$000
Total	302\$000

Estamos informados de que, accedendo ao nosso justo appello, uma commissão do commercio to mará a seu cargo promover o maior numero de subscrições, não somente nesta capital como no interior do Estado.

Todos os donativos, mesmo os mais modestos, serão recebidos com agradecimento.

Intervallos s rá offerecido ao al- —De Pernambuco.

Fonte: Subscrição publicada no jornal Diário de Pernambuco. Recife. Diário de Pernambuco 01 de dez. 1914. Acervo FUNDAJ.

A figura do Teóphanes Torres não pode passar despercebida ao relatar a vida de Antonio Silvino. Vidas que se entrecruzaram e acabaram ganhando repercussão na imprensa e nos folhetos de cordel do período. Este homem era alguém comum que exercia sua função policial no sertão pernambucano. Theóphanes se tornou popular com a prisão de Silvino.

Durante o espetáculo realizado no teatro Santa Isabel narrou-se a biografia do delegado Torres. É preciso compreender o contexto e os sujeitos que circundaram a prisão de Antonio Silvino, pois foram homens que construíram representações sobre o cangaceiro. Theophanes Ferraz torres nasceu em 27 de dezembro de 1894 na casa em frente ao antigo Quartel, na Vila de Floresta, atual município de Floresta em Pernambuco, seus pais, Antonio Miguel Torres e Fernandina Ferraz Torres, se fixaram no município possuindo um estabelecimento comercial e depois o pai virou soldado. A família Ferraz ficou bastante conhecida pelos pernambucanos devido às grandes rixas familiares que sempre teve na cidade e nas redondezas e por manter várias lideranças políticas. Teve cinco irmãs e durante sua infância seus grandes colegas foram João Gominho e Aristides Goiana. Sua educação foi de 1º e 2º graus na cidade onde nasceu e teve como mestre, o professor Francisco Cesar de Lima, conhecido como Chico Cesar, que era bastante rigoroso no ensino¹⁷².

Aos 18 anos, em 1912, Teóphanes Ferraz alistou-se como voluntário na Brigada Militar do Estado de Pernambuco. Foi incorporado na 3ª Companhia do 1º Batalhão e tomou o número 698. Toda sua vida militar viveu em cidades de Pernambuco. No ano de 1913, recebeu a indicação para o cargo de delegado de Vila Bela. Em Agosto de 1914 para delegado de Taquaritinga. No mês de novembro ele fez a prisão de Antonio Silvino, consagrando-se como militar de respeito e reconhecido pelas autoridades policiais e do Governo de Pernambuco¹⁷³.

Após a prisão de Silvino, ele foi promovido a Tenente e em 1914 é transferido para ser delegado da cidade de Limoeiro. No ano seguinte, a 25 de novembro, casou-se com Amélia Leite Sá¹⁷⁴. O casal teve onze filhos, dos quais seis sobreviveram. No ano de 1916 foi delegado de Salgueiro e São José do Egito e em 1917 promovido a capitão. Atuou em várias cidades do sertão pernambucano combatendo o cangaceirismo e lutando na perseguição a Sinhô Pereira e a Lampião. Sua vida privada esteve presente no espaço público e sua

¹⁷² Chico saiu com sua esposa e filhos, da cidade de Afogados da Ingazeira – PE, e no final do século XIX e início do XX foi responsável pela educação de muitas crianças na região do Pajeú. Entrevista realizada por Geraldo Ferraz de Sá Torres Filho com o Senhor João Gominho em 07 de Agosto de 1984. Cf. TORRES FILHO, Geraldo Ferraz de Sá. **Pernambuco no tempo do cangaço** (Antonio Silvino, Sinhô Pereira, Virgulino Ferreira - Lampião): um bravo militar: A vida e a época do tenente-coronel Theóphanes Ferraz Torres: 1984-1925. Recife: CEHEM, 2002. v. 21. (Coleção Tempo Municipal)

¹⁷³ Sobre a trajetória de vida de Theóphanes Torres ver. TORRES FILHO, Geraldo Ferraz de Sá. **Pernambuco no tempo do cangaço** (Antonio Silvino, Sinhô Pereira, Virgulino Ferreira - Lampião): um bravo militar: A vida e a época do tenente-coronel Theóphanes Ferraz Torres: 1984-1925. Recife: CEHEM, 2002. v. 21 e v.22 (Coleção Tempo Municipal)

¹⁷⁴ Registro de matrimônio nº 52, Folhas. 29,30. Livro nº 01 de matrimônios da cidade de Floresta. APUD: TORRES FILHO, Geraldo Ferraz de Sá. **Pernambuco no tempo do cangaço** (Antonio Silvino, Sinhô Pereira, Virgulino Ferreira - Lampião): um bravo militar: A vida e a época do tenente-coronel Theóphanes Ferraz Torres: 1984-1925. Recife: CEHEM, 2002. v. 21 e v.22. (Coleção Tempo Municipal).

importância como policial de Pernambuco durante as três primeiras décadas do século XX foi de grande visibilidade. Theóphanes Ferraz Torres faleceu de morte natural, às cinco horas da tarde de 1933, na cidade de Floresta. Deixou grande patrimônio e fez nome na história da polícia pernambucana.

Fig. 15



Fonte:Fotografia do Delegado Teóphanes Ferraz 1914. Acervo da FUNDAJ

Fig. 16



Fonte: Theóphanes Ferraz e sua esposa Amélia Torres . 1916. Acervo da FUNDAJ

Compreender a trajetória de vida do delegado, que cercou Antonio Silvino permite perceber que o relato construído sobre a prisão do cangaceiro está repleto de valores

militaristas e que a representação dada apresenta a versão de “ação justa” e correta para manter a boa ordem social, situação que segundo o delegado não existia devido à presença de Silvino nos sertões.

Entretanto, não apenas Theóphanes Ferraz Torres foi importante no processo de visibilidade da prisão de Antonio Silvino. Outras pessoas foram destacadas na imprensa por participar da captura do homem que foi considerado o grande “assecla” do sertão até 1914. Entre elas: O sargento Alvino e os soldados integrantes da volante, apresentados nas imagens a seguir.

Fig. 17



Fonte: Fotografia do Sargento Alvino em 1914. Acervo FUNDAJ

Fig. 18



Fonte: Soldados da volante que prendeu Antonio Silvino em 1914. Acervo: FUNDAJ

Sobre Antonio Silvino, sabe-se que sua prisão foi representada por vários veículos informativos da época. Mas a imprensa e os cordéis não se interessaram sobre a dor de Antonio Silvino, exceto a dor dos ferimentos. Apesar de existir as várias imagens do cangaceiro nos jornais, nas salas de projeção de cinema e nos folhetos, não foi possível verificar relatos da dor e dos sentimentos de Silvino. Susan Sontag argumenta que: “a foto seja entendida como objeto ingênuo ou como a obra de um artífice experiente, seu significado – e a reação do espectador depende de como a imagem é identificada, ou seja, depende das palavras¹⁷⁵”. O textual dos jornais que acompanhou as fotos de Silvino e dos soldados que o prenderam trazem a impressão de fracassado *versus* vencedores, esse era o objetivo dos jornais ao tratarem da prisão do cangaceiro.

Narrada pela imprensa, por documentos públicos e pelos cordelistas Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros esta prisão não ficou apenas nos acontecimentos que envolveram o fim das ações do “governador dos sertões”. As notícias sobre o cotidiano de Silvino na cadeia também vão estar presentes nas páginas dos jornais recifenses e nos livretos de cordéis que circularam pelas cidades pernambucanas.

¹⁷⁵ SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 28. Nesta obra, Sontag versa sobre as fotografias de guerras e como existe uma banalização para com a dor do outro ao ver as fotos de pessoas que sofrem na guerra. Segundo a autora a dor só é sentida quando atinge de forma direta aquele que vivenciou a experiência do sofrimento retratado na fotografia.

4. O GOVERNADOR DA DETENÇÃO

4.1 - Novos espaços, velhos comportamentos

Repartição Central de Polícia

Em 1 de Dezembro de 1914. Nº 3212
Senhor Coronel Administrador da Casa de Detenção

Da ordem do Senhor Doutor Chefe de Polícia recomendo-vos que façais recolher a esse estabelecimento o indivíduo Manoel Baptista de Moraes, vulgo Antonio Silvino, pronunciado nos municípios de Caruaru, Bom-Jardim, Timbaúba e Limoeiro, sendo nos dois primeiros municípios pelos crimes presentes nos artigos 294 e 356 do Código Penal. No terceiro com incurso nas penas dos artigos 356 e 357 e no último no artigo 359 do citado código. Conforme consta das relações dos reos ausentes d'aquelles municípios.

Saúde e Fraternidade.

Pel. Secretário.
José da Silva. S.¹⁷⁶

O ofício datado de 01 de dezembro de 1914 enviado pela Repartição de Polícia Central de Pernambuco ao administrador da Casa de Detenção do Recife solicitou o recebimento de Antonio Silvino no presídio. Acompanhado do mandado de recolhimento na cadeia, Silvino viu os grandes portões da Casa de Detenção se abrirem. Ao entrar no prédio, Antonio Silvino “pediu que lhe apresentassem o bandido Balisa, seu ex-companheiro de cangaço. Satisfeito, o terrível assassino se limitou a dar um aperto de mão no visitante com um olhar expressivo¹⁷⁷”. Segundo o Diário de Pernambuco, Silvino estava abatido e com dores, sendo logo conduzido para a enfermaria, onde realizou exames e tratou dos ferimentos. O tratamento do cangaceiro foi confiado ao Dr. Vieira da Cunha Filho e ainda recebeu ajuda dos médicos Tomé Dias e Odilon Gaspar.

O Diário de Pernambuco de 01 de dezembro de 1914 relatou que:

¹⁷⁶ Ofício nº 3212 de 01 de dez. 1914, enviado pela Repartição de Polícia Central de Pernambuco ao administrador da Casa de Detenção do Recife. Livro nº 1.665 de correspondências recebidas. Fundo CDR. Nº 2.5/72. nov a dez de 1914. Ms. APEJE.

¹⁷⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 02 de dez. 1914. Edição da manhã, p. 01. FUNDAJ.

As onze horas da manhã do dia 02 de dezembro, “o cangaceiro achava-se irrequieto, numa grande excitação. Foram-lhe aplicadas seis ventosas secas, sendo quatro anterior e duas posteriormente sobre o hemitórax direito. Depois da aplicação das ventosas, o enfermo ficou mais calmo e respirando melhor. Após, foram-lhe dadas injeções de óleo canforado e estriquinina. Quando o dr. Vieira da Cunha falou em estriquinina Antonio Silvino protestou. - Estriquinina mata, doutor! Objetado pelo dr. Vieira da Cunha que não era para matar e sim para lhe dar a vida, o prisioneiro sujeitou-se docilmente à aplicação da injeção¹⁷⁸.”

O nervosismo, a desconfiança e o medo apresentado por Silvino permite perceber o lado humano, o temor da morte, um sujeito como nunca foi visto, pois as representações que os jornais e cordéis apresentavam era de um homem rude, grosseiro, assassino e sem medo de nada.

Após os primeiros atendimentos médicos, o serviço de identificação criminal foi até a enfermaria para realizar o cadastro do novo detento. A ficha de ocorrências da Casa de Detenção do Recife indicava o nome de nascimento, como era conhecido vulgarmente, a cor, o estado civil, a profissão, o grau de instrução escolar e as razões pela qual foi preso:

Fig. 19

Nomes	Cor	Estado	Profissão	Idade	Outros
1 Maria Joaquina da Conceição (leuca)	Branca	solteira	sem	33	10
2 Maria Maria de Souza	"	casada	"	34	"
3 Manoel Francisco dos Santos	Branco	solteiro	algum	21	"
4 José Pedro da Silva tipo Martinha	"	"	sem	22	"
5 José Ricardo de Souza	"	casado	"	25	"
6 Maria Nêza da Costa	"	"	"	20	18
7 Antonia Maria da Conceição	"	solteira	"	22	"
8 Maria Anjo de Jesus	"	"	"	15	"
9 Juliano Belizario dos Santos	Branco	casado	algum	22	"
10 Manoel Baptista de Souza (leuca) - Silvino	Branco	solteiro	sem	39	"

Fonte: Livro das Partes das Ocorrências Diárias da Casa de Detenção do Recife dos anos de 1914-1915. nº 4.8/54. p. 184v. e 185. Ms. APEJE.

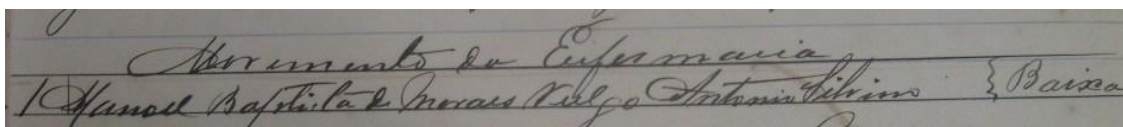
O nome de Antonio Silvino foi o último a ser registrado entre os dez presos que deram entrada na cadeia no primeiro dia do mês de dezembro. Segundo a descrição do documento, o

¹⁷⁸ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 02 de dez. 1914. Edição da tarde, p. 01. FUNDAJ.

cangaceiro está classificado como branco, solteiro, natural de Pernambuco, sua profissão era de agricultor, tinha 39 anos e seu grau de instrução escolar era de analfabeto. Os motivos que levaram à prisão estão relacionados conforme o código penal que era vigente na época, o de 1840. Os artigos de nº294, nº356, nº357 e nº359, citados no ofício e na ficha de ocorrência diária do presídio correspondiam aos crimes de homicídio, assalto e incêndio.

Cangaceiro não era profissão e Silvino foi registrado como agricultor, trabalho que ele realizou poucas vezes antes de ter seus pais mortos. Ele deve ter sido considerado um preso de idade adiantada em relação aos demais que lá estavam e seu estado de saúde era grave. No mesmo livro de ocorrências, o nome de Silvino apareceu no registro de movimentação da enfermaria do presídio.

Fig. 20



Fonte: Nome de Silvino na lista de movimento da enfermaria da Detenção Livro das Partes das Ocorrências Diárias da Casa de Detenção do Recife dos anos de 1914-1915. nº 4.8/54. p. 185v. Ms. APEJE.

A baixa movimentação da enfermaria e os cuidados com o novo detento foram retratados no jornal Diário de Pernambuco de 02 de dezembro de 1914:

Attingido por bala humanitária de carabina mauser no terso médio da columna vertebral o projectil interessou o pulmão direito indo sahir na região sub-axilar. Antonio Silvino no momento em que lá estivemos tinha febre, accusando 140 pulsações por minuto e só respirando pelo pulmão esquerdo. O seu tratamento é auxiliado pelo enfermeiro Sr. João Osório de Gusmão e pelo preso-servente Francisco de Souza Ferraz. O diagnóstico final foi de pneumonia traumática. O doente teve hoje larga hemorragia o que o faz estar bastante pállido. Como é natural a afluência à Detenção foi desde pela manhã numerosas: todos desejavam ver Antonio Silvino e falar-lhe. Tendo porém o médio assistente prohibido terminantemente as visitas ao enfermo¹⁷⁹.

Como se tratava de um cangaceiro, um sujeito mal visto pela sociedade cidadina, o jornal chamou o projétil que atingiu Silvino de bala humanitária e ainda enfatiza o seu estado de saúde bastante debilitado. Porém, antes de novas publicações a respeito do detento, a solicitação de vetar o acesso de pessoas na cadeia foi atendida pelo administrador geral do presídio, que também recebeu um ofício do Chefe de Polícia solicitando a proibição de visitas ao prisioneiro:

¹⁷⁹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 02 de dez. 1914. Edição da manhã, p. 01. FUNDAJ.

Repartição Central de Polícia
Em 1 de Dezembro de 1914
Nº 3195

Recomendo-vos que providenciéis no sentido de ser vetada a
Pessoa alguma communicar-se com Antonio Silvino, ahi
recolhido hoje.
Saúde e fraternidade

O Chefe de Polícia
Joaquim Maurício Wanderley.¹⁸⁰

O excesso de pessoas frequentando a enfermaria não contribuía para a melhora do detendo e durante vários dias o acesso a Silvino foi vetado, apenas médicos, enfermeiros e auxiliares adentravam a área médica. Silvino não se recusou a tomar a medicação necessária para sua recuperação e apresentou melhoras no estado físico e emocional. Em 03 de dezembro de 1914 o Diário de Pernambuco publicou a seguinte nota:

O ferido não somente apresenta melhoras físicas, como também está com o espírito mais claro e animado. Tem empenhado ligeiras palestras, rindo mesmo a qualquer dito humorístico. De tarde para a noite o enfermo há experimentado mais sensível melhoramento do estado de saúde. A febre diminuiu um bocado e ele sente mais apetite. Ainda continua vedada a visita de qualquer pessoa ao criminoso, no intuito de evitar qualquer prejuízo ao trabalho de cura em bom caminho¹⁸¹.

Em festas para comemorar a prisão do facínora, a população da cidade do Recife, publicou nos jornais os telegramas de felicitações para o Alferes Theóphanes Torres e aguardava notícias sobre o estado de saúde de Silvino na cadeia. Abaixo é possível ler uma das felicitações ao alferes Torres:

Recife, 29 – Deante vosso relevantes serviços prestados causa pública e acto de bravura praticado combate contra horda scelerados cangaceiros infestaram sertão este Estado resultando prisão bandido Antonio Silvino congratullo-me juntamente officiaes intrepidez demonstraste campo acção que muito nos rejubila e glorifica governo. – Coronel Alfredo Duarte¹⁸².

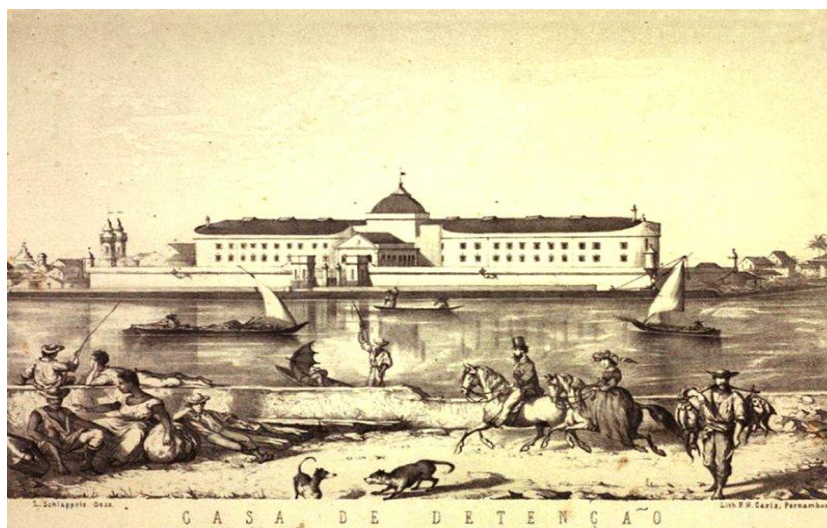
¹⁸⁰ Ofício nº 3295 de 01 de dez. 1914, enviado pelo Chefe de Policia de Pernambuco, Joaquim Maurício Wanderley, ao administrador da Casa de Detenção do Recife. Livro nº 1.665 de correspondências recebidas. Fundo CDR. Nº 2.5/72. nov a dez de 1914. Ms. APEJE.

¹⁸¹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 03 de dez. 1914. p. 01. FUNDAJ

¹⁸² Telegrama publicado no jornal DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 02 de dez. 1914. Edição da tarde, p. 01. FUNDAJ.

No dia que Silvino foi encarcerado, contava a Casa de Detenção do Recife com 393 presos, entre eles 351 homens, 20 mulheres e 22 estrangeiros¹⁸³. O prédio que funcionava desde 1855, apresentava a estrutura do pan-óptico, possuía 8.400m² de área construída e 6 mil metros de pátio externo. Tinha celas grandes com porta de ferro e outra de madeira, era imponente com sua forma de cruz às margens do Rio Capibaribe e causava medo e admiração nos habitantes da cidade do Recife¹⁸⁴.

Fig. 21



Fonte: Gravura da Casa de Detenção do Recife, de L. Shlappnz. Acervo da FUNDAJ.

Segundo a historiadora Clarissa Nunes Maia, era comum na Casa de Detenção o sistema que misturava o ladrão ao assassino mais perigoso, mulheres ao lado de homens, loucos e mendigos, permitia também que menores fossem recolhidos a título de correção. A Detenção ainda sofria com a super lotação das celas, pois a capacidade era para três presos por cela e chegava a comportar doze ou mais presos. A insalubridade também era presente no presídio, pois a rede de esgotos era despejada no rio e quando a maré subia o mal cheiro de dejetos invadia as celas. Muitos presos passaram a dormir no chão. Os detentos que vinham da prisão de Fernando de Noronha para serem julgados ou servirem de testemunhas acabavam passando mais tempo que o devido e os gastos da Casa de Detenção só aumentavam e tornavam as condições de sobrevivência cada vez mais precárias. Foram criadas oficinas de

¹⁸³ Livro das Partes das Ocorrências Diárias da Casa de Detenção do Recife dos anos de 1914-1915. nº 4.8/54. p. 185v. Ms. APEJE.

¹⁸⁴ Sobre a estrutura e o cotidiano da Casa de Detenção do Recife ver. MAIA, Clarissa Nunes. **Policia**dos: controle e disciplina das classes populares na cidade do Recife (1865-1915). Recife, Tese de Doutorado, CFCH, UFPE. 2001. Este presídio foi desativado na segunda metade do século XX e atualmente funciona como um centro comercial de artesanatos, conhecido como Casa da Cultura.

trabalho e muitos presos atuavam produzindo artefatos para minimizar a pena, em especial na produção de calçados. Hierarquias e regalias foram criadas e muitos presos tinham condições de saírem para trabalhar em obras públicas da cidade tendo que regressar no final do dia¹⁸⁵.

A Casa de Detenção enfrentou ainda as revoltas dos presos e a indisciplina de guardas que tomavam conta dos raios. Quando um guarda atrasava, ou faltava ao trabalho o outro se revoltava e quem acabava por sofrer as conseqüências eram os presos, que também se rebelavam. Alguns guardas, em troca de dinheiro facilitavam o dia a dia de alguns detentos, dando bebidas alcoólicas, objetos cortantes, e deixando as portas de madeira das celas abertas.

Foram longos dias até sua recuperação. Antonio Silvino não conhecia de perto o cotidiano na Detenção e os jornais e cordéis apresentaram apenas o estado de saúde de Silvino e a espera de seu julgamento. Sua alta da enfermaria foi autorizada no dia 04 de janeiro de 1915. Agora Identificado como o preso nº 1122, fichado sob o nome de batismo, Manoel Baptista de Moraes recebeu a ficha prontuário de nº 959. Com a saúde quase refeita e os ferimentos apenas no estágio de curativos simples, Silvino seguiu pelos corredores da prisão que confluíam para a área de um polígono central coberta por uma cúpula de metal. O cangaceiro foi encaminhado para o “Raio Leste” e sua cela foi durante décadas a de nº 35.

Após alguns dias da chegada de Silvino na Casa de Detenção vários jornalistas vagueavam na frente do presídio para obter informações sobre cangaceiro. Neste período, no dia 05 de dezembro, o Jornal Pequeno publicou longa reportagem com a foto de uma amante de Silvino:

Antonia F. de Arruda, amante de Antonio Silvino, quando foi presa no lugar Cortez. Esteve recolhida á Casa de Detenção do Recife. Ao lado do coração de Antonia de Arruda vê-se uma medalha com o retrato de Antonio Silvino¹⁸⁶.

Antonia Arruda pelo relato jornalístico também se envolveu nas façanhas de Silvino e chegou a ser presa na Casa de Detenção, por acolhê-lo várias vezes quando a policia esteve no seu encalce.

¹⁸⁵ MAIA, Clarissa Nunes. A casa de Detenção do Recife: controle e conflitos (1855-1915). In: MAIA, Clarissa Nunes... [et al] **História das prisões no Brasil**. v.02. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

¹⁸⁶ JORNAL PEQUENO. Recife, 05 de dez. 1914. p. 01. APEJE.

Fig. 22



Fonte: Antonia F. de Arruda, amante de Antonio Silvino. Fotografia publicada no JORNAL PEQUENO. 05 de dez. 1914. p. 01. APEJE

No dia 06 de dezembro Silvino recebeu a visita do alferes Theophanes Torres, mas seu estado de saúde não permitiu que pudessem manter muito tempo de conversa. No dia anterior Silvino se confessou com o Frei Noberto Tolle. A Ordem Terceira dos Franciscanos sempre realizava missas aos domingos e atendia aos presos que desejavam se confessar. Segundo a informação do Diário de Pernambuco, o franciscano:

Conseguiu convencê-lo de se conciliar com Deus, injunção a que accedeu o enfermo depois de grande relutância. Terminada a confissão de seus crimes parece que aquietou-se mais a consciência de Silvino, pois cessou aquela agitação nervosa que de há dias o caracterizava¹⁸⁷.

As notícias sobre Silvino procuravam relatar as ações do cangaceiro dentro da Detenção e apresentavam a melhoria de sua saúde. A solicitação de proibição das visitas a Silvino começava a não ser cumprida. A agitação em torno do presídio era grande e muitos queriam saber notícias mais precisas sobre o bandido. Um jornalista do Diário de Pernambuco conseguiu adentrar a cadeia e obter novas informações sobre o enfermo:

¹⁸⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 06 de dez. 1914. Edição da manhã, p. 01. FUNDAJ.

Em conversa na Casa de Detenção ponde a bisbilhotice do nosso repórter *lobrigar* que Antonio Silvino amanheceu hoje com a idéia de suicídio. Perguntou que pensava a opinião pública a seu respeito, que júzo faziam os jornaes de sua pessoa, se havia ou não *sympathia* em torno de seu nome, como julgavam os seus crimes. Disse ter certeza de que o governo o estava perseguindo. Como confissão pública affirmou que jamais assassinara quem quer que fosse por dinheiro. A consciência não o acusa dessa ordem de crimes e nunca foi capanga de ninguém. Depois disse que queria morrer e pediu ao enfermeiro que lhe desse uma “mesinha” qualquer que lhe tirasse a vida rapidamente, era melhor desaparecer do que passar o resto da existência no presídio¹⁸⁸.

Novas representações de Antonio Silvino estampavam as páginas dos jornais. Ele passou a ser nominado como suicida, homem descrente da vida, sujeito que se achava perseguido mesmo dentro da prisão e alguém que se preocupava com a imagem que faziam dele. Rumores do interrogatório ao cangaceiro por parte do chefe de polícia, o Dr. Maurício Wanderley, estiveram presentes nos jornais a partir do dia 10 de dezembro de 1914, entretanto nada se confirmou. Apenas foram relatados alguns dos assaltos cometidos por Silvino antes de ser preso e sobre seu estado de saúde.

Em 12 de dezembro o Diário de Pernambuco publicou a reportagem que estampou o jornal Gazeta de Notícias em 03 de dezembro:

Pernambuco regosija com a prisão do bandido Antonio Silvino. Este “Fra-Diavolo” dos sertões nortistas era, entretanto, ou o é – porque ainda está vivo – e apesar do numero de assassinatos que executou, um bandido pitorescamente *sympáthico*. A sua generosidade para com os pobres, o ar de paladino e defensor das virgens, aquelle appetite de luxo que o fazia andar como príncipe do renascimento italiano, aramado até os dentes, mas cheio de brilhantes e perfumes, tudo isto lhe aureola a vida de uma elegância de ópera. Se encararmos Silvino sob o aspecto social e político, esse homem foi menos precioso que qualquer outro dos ladrões e assassinos que infestam os sertões do Norte ao Sul do Brazil. Ele atirou-se ao crime, dando como explicação uma vingança romântica, mantendo-se afastado das explorações políticas – dos Silvinos de sobrecasaca que disputam os erários estaduaes. É para termos pena de Silvino e de todos nós. A polícia do Sr. Dantas Barreto predeu e baleou Antonio Silvino, quando o paiz assiste com indiferença o destroçar do Ceará pela conveniência de politiqueiros gananciosos com os facínoras e ladrões de estradas, “filhinhos” do pavoroso perigo que se chama o Padre Cícero¹⁸⁹.

Nesta notícia, Silvino recebe outras nominações: bandido simpático, príncipe do Renascimento italiano, paladino, defensor das virgens, elegante e vaidoso. Adjetivos que não

¹⁸⁸ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 08 de dez. 1914. p. 02. FUNDAJ. A palavra *lobrigar* significa ver ao longe, ver indistintamente. Cf. RIOS, Demerval Ribeiro. **Mini Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: DCL, 1999. p. 358.

¹⁸⁹ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 12 de dez. 1914. p. 02. FUNDAJ

eram associados aos cangaceiros, pois estes recebiam alcunhas que remetiam ao crime e a desordem social. Silvino é despolitizado e agregado aos valores de criminalidade pelo jornal, enquanto o General Dantas Barreto é colocado no controle do poder. A notícia ainda critica as ações dos homens que atuavam sob o poder de Padre Cícero no Ceará e aponta Antonio Silvino como menos pernicioso do que os que trabalhavam para o Padre. Indicando que tal sujeito não contribuía para o bem estar da sociedade¹⁹⁰.

Com a saúde quase recuperada, e fora do risco de morte, em 16 de dezembro Silvino recebeu a visita do seu irmão, Francisco Baptista de Moraes, o Chicó dos tempos de infância em Afogados da Ingazeira – PE. Silvino ficou bastante emocionado e quase não conseguiu falar com seu irmão. Após se recompor, manteve conversa por cerca de trinta minutos, estando presente o ajudante do administrador da Casa de Detenção. Em seguida foi recolhido para o leito e seu irmão seguiu para a cidade de Jaboatão onde se hospedou¹⁹¹.

Enquanto novas informações eram esperadas pela população recifense, o cangaço ainda não tinha sido dizimado. Antonio Godê, primo de Antonio Silvino vagueava pelo sertão e em 16 de dezembro assaltou a cidade de Brejo da Madre de Deus, no interior de Pernambuco deixando a cidade em pavor. Assim, novas forças se uniam para combater os resquícios do banditismo social nos sertões nortistas do país.

Em 18 de dezembro Antonio Silvino recebeu uma carta informando que o advogado Diocleciano Martyr, homem renomado entre os bacharéis de Direito do Rio de Janeiro havia se prontificado em defender sua causa. Conforme relatou a carta publicada no Diário de Pernambuco:

“Illmo° Sr. Antonio Silvino – Saudações! – Tencionando, desde muito conhecer Pernambuco, - A terra que tanto admiro, - Irei a Recife defendel-o, caso aceite os meus préstimos, como seu advogado. Conffiante, acreditte que empregarei os necessários esforços para libertal-o. Aguardo sua resposta que deve ser breve”

Do Advogado Diocleciano Martyr¹⁹².

¹⁹⁰ Neste período o Ceará viveu A revolta do Juazeiro que ocorreu na área do Cariri cearense, teve como líder o Padre Cícero Romão e foi um exemplo da ligação entre o clero católico e os grandes proprietários nos sertões brasileiros. O padre Cícero aliado dos coronéis cearenses foi eleito prefeito de Juazeiro em 1911. Organizou, então, o Pacto dos Coronéis: 17 chefes políticos da região fizeram uma aliança para garantir a permanência da família Acioli no poder estadual. O presidente da República, Hermes da Fonseca, reagiu e nomeou o coronel Franco Rabelo para dirigir o Estado. A Assembléia Legislativa cearense não aceitou a indicação e elegeu Floro Bartolomeu, mentor político do padre Cícero, para o governo. Cf. MONTEIRO, Douglas Teixeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In FAUSTO, Boris (org.) **História geral da civilização brasileira: O Brasil republicano**. V. 2. Sociedade e instituições (1889-1930). 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.; BRAGA, Antonio Mendes da Costa. **Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo**. Bauru: EDUSC, 2008.

¹⁹¹ Sobre a visita do seu irmão, Cf. reportagem do DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 16 de dez. 1914. Edição da tarde. p. 01. FUNDAJ.

¹⁹² Carta publicada no DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 19 de dez. 1914. p. 02. Edição da tarde. FUNDAJ

Após ser lida a carta para o novo detento a resposta foi enviada no dia seguinte e o ex-cangaceiro aceitou o convite do advogado. Algumas reportagens ainda foram publicadas sobre Silvino, mas apenas lembraram as façanhas do tempo que esteve nos sertões. Em 03 de janeiro de 1915 Silvino recebeu alta da enfermaria da Casa de Detenção e os jornais do dia seguinte ansiaram pela data do seu interrogatório e por novas possibilidades de ter acesso ao preso. O jornalista Mario Melo, correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, teve acesso ao presídio e conseguiu entrevistar Silvino, o que na época foi considerado um dos maiores furos jornalísticos. Na entrevista, o jornalista apresentou as características físicas de Silvino, o seu dia a dia no cangaço e descreveu as críticas que o cangaceiro teceu sobre as instalações da cadeia e ao governo. A entrevista também foi publicada pelo Diário de Pernambuco, em 07 de janeiro de 1915, que segue descrita em partes:

Antonio Silvino mede um metro de 85 de altura mais ou menos, tem as espáduas largas e descahidas, como se fosse um tuberculoso, rosto ossudo e olhos pequenos e vivos, cabelos grisalhos, usa barba escanhoada e bigode fino. Logo que me foi apresentado o facínora perguntou-me quem era, e, ao saber que era um jornalista, fez-me uma série de reclamações. [...] levou-me a uma pequena farmácia, mostrou-me um copo de Agatha com fundo desgalvanizado e disse-me: naquillo davam remédios aos detentos. É uma imundice portadora de micróbios. Felizmente a mim dão-me noutro copo. Do contrário punha fora. Quando tiver dinheiro rebentarei este e comprarei outro. Perguntei-lhe se, no sertão costumava beber água no copo. Respondeu que não. Bebia água em alguma folha de planta, nas mãos ou num chapéu de couro. Reclamou contra a comida, que era infame. Peior que as que dava aos cachorros do sertão. Elle Silvino, tinha uma comida especial porque pagava do seu bolso com o dinheiro que o irmão lhe dera. No dia que acabar o dinheiro prenderei o administrador e o seu ajudante commigo. Quando vier a commida para elles comerei. Interroguei-o se assim doente poderia prender alguém. Mesmo assim respondeu: - Sr. doutor dois ou três homens para mim não são nada!.

[...] o dr. é filho de cigano? Declarei a Silvino que tinha unhas de assassino. Maguou-se quando proferi a palavra assassino. “Assassino não! Assassino qualquer um de nós pode ser conforme a ocasião. O doutor pode ser repellido, agredido e matar. Torna-se um assassino? Não sou assassino, repito!.

[...] quantos você matou Silvino? ninguém! Imagina que tinha cerca de quinhentos inimigos. Tirei uns cem do bando, ficando ainda quatrocentos que não pude liquidar. Posso dizer que matei alguém? Só se tivesse liquidado todos.

[...] -Como dormia você? – Nas mattas. – Não tinha medo de alguma traição dos companheiros quando estava dormindo? – Não, eu nesse caso sonharia qualquer coisa e adivinhava. Nunca, gente sabida não entrava no meu bando só queria gente mais ou menos tola a quem eu ensinasse a atirar com o rifle, a saltar e jogar o punhal.

[...] conhece o Sr. Diocléciano Martyr, meu advogado? Que tal é elle? Rico? Formado? Elle quererá dinheiro ou é meu amigo?

[...] Que fez você a tanto dinheiro? – Quando chegava as localidades dava um passeio de braço com o prefeito ou o delegado de polícia. Depois fazia minha bolsa, que distribuía entre os pobres e a minha gente.

[...] nesta ocasião disse-lhe que quando estivesse bom, passaria um dia com elle, afim de contar no jornal a sua vida, que seria publicada. – E quanto levo nisso? O jornal vai ganhar dinheiro e eu preciso ganhar também. Negócio é negócio. A sahida pediu-me festas. Perguntei-lhe o que queria. – Um queijo do reino, gosto muito. Manda? Quero ver se o doutor é homem de palavra¹⁹³.

O queijo do reino foi enviado segundo informou Mario Melo, porém se de fato chegou às mãos de Silvino não foi possível saber. Silvino apresentou ao jornalista detalhes de seu cotidiano no sertão. Muitas vezes manteve costumes diferentes dos sertanejos, pois seus gostos e hábitos eram de um sujeito distante de características rudes, exceto quando estava escondido nas matas e caatingas. Ele não se considerava criminoso, esteve atento aos “negócios”, dizia ser amigo dos pobres e que sempre partilhava o dinheiro que obtinha. A imagem do “*hoobin hood*” sertanejo era sempre contrastada com a relação de crimes cometidos por Silvino. As ações do “célebre” detento continuaram presentes nas páginas dos jornais recifenses.

Este homem que honrou as mulheres, famílias e crianças, mas cometeu atrocidades como saques, incêndios e assassinatos recebeu representações dos jornais que o categorizava ora como criminoso ora como herói e sempre narrando seus jeitos rústicos e “civilizados”. O jornal fez questão de rememorar aos leitores, que Antonio Silvino foi um criminoso e cometeu deturpações da ordem social, por isso afrontava o poder ao adotar ações de pessoas “civilizadas”, como elegância por exemplo. Criticando o hábito de se vestir de Silvino, o Jornal Pequeno apresenta a seguinte notícia:

Há poucos annos a vida desse bandido corria conforme a sua vontade. Senhor absoluto dos sertões de três Estados, Antonio Silvino era um deste poderoso e intangível: saqueava cidades, incendiava povoados, roubava e matava sem que sofresse a menor contrariedade os seus desejos de criminoso tarado, do bandido covarde e imbecil.

[...] Recolhido à Casa de Detenção, Antonio Silvino ainda julgava que o seu poderio dos sertões estava àquelle estabelecimento onde entendia dever gosar de grandes regalias. Queria affontar cynicamente à sociedade. mandou fazer roupas finas, comprar essências, etc. apoderando-se-lhe a mania de dor elegante¹⁹⁴.

Apesar das informações do jornal tratarem o fato como uma ofensa, deve-se rememorar que os cangaceiros quando estavam nos sertões eram sempre preocupados com a

¹⁹³ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 07 de jan. 1915. p. 01. Edição da manhã. FUNDAJ.

¹⁹⁴ JORNAL PEQUENO. Recife, 21 de jan 1915. p. 01 APEJE.

aparência, pois, estar sempre perfumado e bem vestido significava impor respeito, poder e a necessidade de indicar que eram líderes. Além da busca por elegância, dedicara-se ao estudo das letras pelo fato de passar boa parte do tempo na ociosidade.

[...]Como não tenha o que se ocupar, Antonio Silvino alimenta agora a mais inofensiva: fazer versos. Seismou que, dentro do seu corpo de bandido, está uma alma de poeta, e haja versos a torto e a direita. Não se surpreenda o público se d'aqui a menos, um livro de versos será talvez o seu maior crime. Pobres letras pátrias! Já não bastam os desassocegos que as trazem os fatos inofensivos. até Antonio Silvino aparece agora com a sua inspiração e os seus versos¹⁹⁵.

A leitura da matéria permite também que se interprete sobre a descrença que muitas pessoas tinham na ressocialização e na educação dos detentos, e que talvez o objetivo da matéria fosse denunciar a liberdade que tinham os presos. A cadeia, no lugar de privar a liberdade e corrigir os homens que infringiram as leis, concedia regalias.

A idéia de Silvino ser um homem que mantinha hábitos elegantes na cadeia parece ter incomodado em muito aos jornalistas, pois é recorrente a publicação de matérias que versavam sobre os seus modos. Nos meses de janeiro, fevereiro e março de 1915, várias matérias sobre sua “mania” de elegância reapareceram nos jornais. Outra matéria que demonstrou essa “mania” foi publicada em março de 1915:

Antonio Silvino, o famoso bandido que já constituiu o terror em nossos sertões e que felizmente se encontra preso há mezes na Casa de Detenção, parece andar seriamente preocupado com seu modo de trajar, sendo a elegância de suas vestes, o objeto único de suas cogitações hoje em dia. há pouco tempo noticiamos que elle mandara fazer dois ternos de casemira, com os quais pretendia ofuscar os seus companheiros de prisão. não satisfeito porém, Silvino resolveu fazer outra roupa de casemira, demonstrando assim ter gosto e recurso para trajar decentemente. Effectivamente ali esteve o sr. Theobaldo que com Antonio Silvino, contractou o feito da roupa pela quantia de 55\$000. Na terça-feira foi dada a primeira prova na roupa, devendo ainda hoje, ter logar a segunda e última. A roupa deve estar prompta no sábbado, pois Antonio Silvino deseja vesti-la no domingo, por ocasião das visitas à Casa de Detenção. Antonio Silvino anda diariamente penteado, o que lhe merece especial cuidado, e traz sempre um lenço de seda a cair do bolso do paletot, como é de usos presentemente. É a mania de parecer elegante que o persegue agora, com um ridículo que a sua grande ignorância não alcança¹⁹⁶.

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ JORNAL PEQUENO. Recife, 08 de mar 1915. p. 01 APEJE.

A matéria indica a boa influência que Silvino tinha na cadeia e que, mesmo preso, conseguia realizar seus desejos devido ao dinheiro que recebia de familiares, denotando assim a importância que ele tinha na época tanto na cadeia, quanto fora dela.

O cotidiano de Antonio Silvino na cadeia também foi relatado pelo poeta Chagas Batista. Muitas das representações atribuídas pelo cordelista ao detento retratavam a imagem de um sujeito que sofreu na cadeia e foi injustiçado. No folheto: *Antonio Silvino – vida, crimes e julgamento*, publicado no ano de 1916, o tratamento dos ferimentos e o seu dia a dia foi descrito da seguinte maneira:

Os médicos já conseguiram
Meus ferimentos curar...
O resto da minha vida,
Vou na prisão descansar,
Porque dos crimes que tenho
Não espero me livrar

Já me confessei com o frade
Mas não estou regenerado,
Acho-me muito abatido
E estou desequilibrado
Agora com o suicídio
Eu vivo impressionado

Somente a fatalidade
Eu devo minha prisão,
Pois todos sabem que eu era
Um indomável leão!
E nem eu sei porque foi
Que me entreguei à prisão.

Não me prenderam, entreguei-me,
Porque fui impulsionado
Pelo destino talvez!
Vi-me ferido e roubado,
Vim morar nesta prisão,
Cumprir a lei do meu fado

O texto do cordel está associado à descrição da matéria publicada pelo Diário de Pernambuco, do dia 06 de dezembro de 1915, que indicava um sujeito destituído do poder que acreditava possuir, homem que não teve sorte, degenerado, apesar de ter se confessado, que se dizia roubado e que sofreu com a fatalidade da vida. Assim, o que restou a Silvino foi viver na prisão ou suicidar-se. Através da fala do poeta o cangaceiro é dotado de sentidos atribuídos a um sujeito forte e que foi vítima de sofrimentos. Por isso estava abatido, cansado dos anos de cangaço e das constantes fugas da polícia do sertão. O cangaceiro então decidiu entregar-se. É possível que o poeta tenha acompanhado diariamente as notícias que eram publicadas nos

jornais da cidade do Recife, pois muitos dos seus folhetos concatenavam com as idéias apresentadas pelos editorais.

Dias após veicular a matéria de seus interesses em versos e em vestir-se bem, o Jornal Pequeno publicou uma reportagem apresentando a figura do marginal, do indivíduo que deturpa a ordem da cadeia:

NA DETENÇÃO: Antonio Silvino tenta matar-se. “Como pretendem fuzilá-lo”, diz elle quer morrer logo por suas próprias mãos. Antonio Silvino, que não passa de um criminoso vulgar, ignorante, perverso e pretencioso, entendia que a Casa de Detenção era um alargamento dos nossos longínquos sertões onde ele campeava desassombradamente. Impondo a sua vontade e fazendo-se temido e respeitado¹⁹⁷.

No sertão o cangaceiro seguiu as regras conforme sua vontade e sempre esteve pautado na certeza de que estava com o sangue honrado. Assim, a postura de rebeldia de Antonio Silvino na cadeia denotou a permanência de algumas ações do seu tempo no cangaço e que estar preso não significou mudanças de seu comportamento. Muitos dos presos por não concordarem com as normas da prisão acabavam por infringi-las, utilizando estratégias como balburdias, rebeliões e motins para expor que estavam inconformados. Isso fica exposto na mesma matéria, que também anunciou o interesse de Silvino em fazer a própria justiça:

Diariamente vivia elle ali a fazer exigências as mais absurdas, a gritar sempre, tratando mal a todos, com uma arrogância insupportável. Queria ser um rei pequeno naquelle vasto casarão, tendo os seus caprichos satisfeitos a tempo e a hora. Hótem, amanheceu elle excessivamente aborrecido, com uma cara de metter medo. Ao lhe ser entregue a bóia. Como não visse Antonio Silvino, finos acepipes, saborosas iguarias, revoltou-se e entrou a falar e a gesticular desordenadamente. Sem que fosse presentido, guardou elle a raspadeira e, mais adiante, empunhado-a, depois de alegar para seus companheiros que “Como pretendiam fuzilá-lo, ia morrer logo por suas próprias mãos”. Fez três ferimentos no seu corpo, sendo um no pescoço, outro sobre o vão esquerdo e o último sobre o peito direito. Acorrendo os guardas com o alarme dado, foi Silvino desarmado e, a custo, levado para uma cella¹⁹⁸.

Silvino não modificou seu comportamento na Casa de Detenção e durante meses exigia regalias, entre elas, uma boa alimentação e sempre conseguia acessórios como calçados e vestes. Como estava acostumado com seu poder e as boas relações que manteve no sertão, acabou sofrendo com a mudança de hábitos que foi obrigado a ter ao ser preso. Ele afrontou

¹⁹⁷ JORNAL PEQUENO. Recife, 15 de mar. 1915. p. 01 APEJE.

¹⁹⁸ JORNAL PEQUENO. Recife, 15 de mar. 1915. p. 01 APEJE.

diversas vezes as regras da cadeia por meio de atitudes incompatíveis com as exigidas pela direção do presídio, ou seja, de homens calmos e disciplinados. Muitas vezes era após esses atos de rebeldia, que os detentos eram represados e encarcerados em celas sujas, recebiam pouca alimentação ou até surras e maus tratos, muitos em ato de desespero até tentavam o suicídio¹⁹⁹. Por esse poderio que tentou manter, ele foi chamado a atenção pelo diretor do presídio e ainda assim não se conformou, mantendo em suas ações as táticas de burlar o controle do presídio. Valendo-se de que os jornalistas tinham interesse em suas histórias, muitas vezes aceitava os momentos de entrevistas para denunciar o descaso e as precariedades que era possível encontrar na cadeia e a demora em ocorrer seu julgamento, fato que movimentou muitas considerações pela imprensa recifense.

4.2 – Do julgamento à liberdade: novos comportamentos, novos desejos

Após o mês de março do ano de 1915, poucas notícias foram publicadas a respeito do cangaceiro e o bacharel Diocleciano Martyr que se prontificou para defender Silvino no tribunal não trabalhou na causa. Em 22 de outubro de 1915 o advogado pernambucano Adolfo Simões deu entrada com o pedido de Habeas Corpus, que foi negado no dia 26 de outubro do mesmo ano. Os municípios enviaram a lista de crimes e vários foram os artigos que Silvino se enquadrava, como mostrou o Jornal Pequeno:

Em fins de julho, deve entrar em julgamento, na vizinha cidade de Olinda, o famoso bandido Antonio Silvino. Até agora chegaram as mãos da Justiça Olindense 11 processos, procedentes dos seguintes municípios: Caruaru (2) crimes previstos nos arts. 294§ 9º, 303, 329§ 3.º, 304, 356 e 359, do Código Penal. Bom Jardim (4) arts. 249§ 1º, 304 § único e 356 do Código Penal, Timbaúba (2) arts. 136, combinado, com o § 2º do art. 18, 356 re 357. Bom Jardim (2) arts. 294 § 1º, 304§ único e 356; Limoeiro(1) art. 359 combinado com o art. 13. a seção do jury deve ser presidida pelo Drº Belarmino Gondim, servindo de escrivão o major Manoel Ribeiro. Quanto ao promotor, será previamente designado, uma vez que o atual está impedido como parente do advogado, Dr. Adolfo Simões²⁰⁰.

Antonio Silvino passou vinte e um meses na prisão até ser levado a júri popular no ano de 1916, na cidade de Olinda – PE. O Dr. Belarmino Godim presidiu o julgamento, que teve como advogado de acusação o Dr. Pedro Cahu e o de defesa o Dr. Adolfo Simões. O

¹⁹⁹ Os maus tratos que alguns detentos recebiam devido aos atos infracionais que cometiam pode ser vistos nas Memórias de Gregório Bezerra (1900-1945), em especial nos anos que ele foi companheiro de Antonio Silvino na Casa de Detenção quando era jovem. Cf. BEZERRA, Gregório Lourenço. **Memórias**. Primeira parte (1900-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

²⁰⁰ JORNAL PEQUENO. Recife, 22 de Jul. 1915. p. 02 APEJE.

jornalista Luiz Beltrão em suas memórias denominou o acontecimento de: O Júri do século²⁰¹. Nas seções do tribunal, Silvino foi irônico e ríspido, segundo descreveu o Diário de Pernambuco.

No dia 03 de julho de 1916 foi anunciado o primeiro processo contra Silvino, que foi julgado em 05 de setembro do mesmo ano. O alferes Theophanes Torres fez a condução do detento até o Tribunal de Olinda. Pelo relato do Diário de Pernambuco do dia 06 de setembro, o velho sertanejo se apresentou trajando “paletó de casemira escura e calça clara de brim, usa camisa fechada ao pescoço, mas sem colarinho. Traz botinas amarelas engraxadas. Apresenta-se limpo, vistoso, cabelos penteados, barba feita, bigode aparado. Aparenta sinal de arrogância²⁰²”. Na primeira sessão Silvino foi condenado a 30 anos de prisão em regime fechado. Retornou para a Casa de Detenção e aguardou a segunda sessão.

No dia 17 de setembro ocorreu a segunda sessão, após horas de julgamento, por cinco votos contra quatro, o júri popular absolveu Silvino por falta de provas mais apuradas. Restou a Antonio Silvino aguardar a terceira audiência, que ocorreu no dia 21 de setembro do mesmo ano. Passadas mais de oito horas de debates o ex-cangaceiro foi condenado a nove anos e quatro meses²⁰³. Por sentença final Antonio Silvino foi condenado a trinta e nove anos e quatro meses em regime fechado. Em 1917 oito processos ainda faltavam ser julgados relativos a crimes cometidos no Estado de Pernambuco, além dos que foram recebidos pela Paraíba.

Os cordéis também versaram sobre o julgamento de Silvino. O poeta Leandro Gomes de Barros no folheto: *Antonio Silvino no Júri*, datado de 1916, representou o detento de maneira diferente da que os jornais o descreveram. Os versos do cordel assim foram escritos:

No salão do tribunal
 Entrou ele amedrontado
 Porque conheceu que ali
 Havia de ser julgado
 Dizia-lhe a consciência:
 - É triste teu resultado

Sabe o reo porque está preso?
 O juiz lhe perguntou
 Disse Silvino: - Por falso
 Que o povo me levantou
 Servindo-se de meu nome

²⁰¹ Cf. BELTRÃO, Luiz. **Memórias de Olinda**. Recife, FIAN, Centro de Estudos de História Municipal. 1996. p.45-47.

²⁰² DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 06 de set. 1916. p. 01. FUNDAJ.

²⁰³ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 22 de set. 1916. p. 01. FUNDAJ.

Não foi um só que roubou

O juiz do tribunal
 Ordenou ele a se sentar
 E disse ao advogado
 Que se quisesse falasse
 E dentro da justa lei
 O que tivesse alegasse

Senhores; Antonio Silvino
 Não fez tudo que se diz
 Todos nós estamos a par
 Do povo desse paiz
 Que vendo o pobre com o peso
 Descarrega esse infeliz

Eu não defendo esta causa
 Interessado em dinheiro
 Porque que fortuna tem
 Um pobre prisioneiro
 Venho por ver tantos lobos
 Ao redor de um só cordeiro

O conselho reuniu-se
 E fizeram votação
 Não houve um voto a favor
 Não pôde haver concessão
 A causa estava perdida
 Não havia remissão.

Antonio Silvino nos versos do poeta foi classificado como um sujeito injustiçado, um cordeiro inofensivo, um pobre, que pela defesa do advogado merecia ser libertado. O ex-cangaceiro para Leandro Gomes de Barros foi descrito como homem do bem e que sofreu com a condenação ao cárcere. O poeta buscou em várias passagens do cordel apresentar um indivíduo que tinha a aceitação popular dos sertanejos e que conforme as “leis do sertão” fez justiça, mas acabou preso.

Três anos depois de sua captura, Silvino deixou de ser notícia nas primeiras páginas dos jornais do Recife. Novas configurações políticas ocorreram no ano de 1917. A Revolução Russa foi divulgada pelos jornais e pelos folhetos de cordel. Os cidadãos tiveram que conviver com as idéias que discutiam: burguesia *versus* proletariado. A detenção recebeu Gregório Lourenço Bezerra, “sob a acusação de ser um “perturbador da ordem pública””²⁰⁴,

²⁰⁴ BEZERRA, Gregório Lourenço. **Memórias** (primeira parte 1900-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p.161. Sobre este autor: Oriundo do município de Panelas de Miranda, no agreste pernambucano e ganhou repercussão social, por atuar no Partido Comunista Brasileiro (PCB) no século XX. Foi gazeteiro nas ruas do Recife, operário na construção civil, ingressou no Exército e ficou conhecido no Brasil, por ter sido o preso político trocado pelo embaixador dos EUA, Burle Elbrick, na Ditadura de 1964. Durante sua

pois estava ligado às idéias revolucionárias. Neste momento conheceu Antonio Silvino. Relatando suas memórias, Gregório Bezerra diz que ao aderir a Revolução bolchevista de 1917, também aderida pelo movimento operário diz que foi preso e encaminhado para a Casa de Detenção e que lá o exemplo de detento que teve foi o cangaceiro Antonio Silvino:

Fui preso, uma prisão muito dura, encontrei-me lá com um cidadão que teve sobre a minha conduta moral e cívica uma ação bastante firme: Antonio Silvino. Ele foi um cangaceiro, chefe de cangaço, dirigiu lutas mais de vinte anos, desde a Bahia até o Piauí, sempre perseguido pelas polícias dos Estados, por alguns jagunços, mas enfrentando tudo isso. O fato é que ele resistiu mais de vinte anos, até que foi preso em Jatobá do Itacarátú em 1914. em 1917, foi meu companheiro de prisão. Nunca vi uma criatura mais humana e que desse (*sic*) conselhos tão firme e honesto²⁰⁵.

A prisão de fato parece ter ressocializado o cangaceiro, porém Silvino aparece humanizado por Gregório, desfazendo a imagem de que o cangaceiro era o sanguinolento, o degenerado. Antonio Silvino é representado como um conselheiro, um homem solidário a dor do outro. Tem-se a desconstrução da figura do presidiário como a de um homem degenerado.

Voltei à Casa de Detenção, onde recebi alguma solidariedade dos detentos, principalmente do meu velho companheiro e amigo Antonio Silvino, que quase não saía da minha célula, incentivando-me com seus conselhos sensatos e benéficos. Gostava de conversar com ele, porque me dava notícias dos acontecimentos da contra-revolução na Rússia. Por ele soube que os bolchevistas tinham derrubado o governo e agora, com o poder nas mãos e as terras nas mãos dos camponeses, as fábricas nas mãos dos trabalhadores, lutariam até o fim e não entregariam, jamais, o poder a ninguém. Ele acrescentava: - O povo reunido é mais poderoso do que tudo e a revolução dos bolchevistas vai se espalhar por todo o mundo. A lei do maximalismo, com um homem como este que está no poder (referia-se a Lênin), vai triunfar. Este homem tem muito juízo e muito talento na cabeça. Ninguém pode com ele²⁰⁶.

As representações que Gregório fez de Antonio Silvino não sintonizam com o que se espera de um presidiário, sempre se associava os detentos como homens de baixa capacidade intelectual, incapazes de orientar e dar conselhos, muito menos conhecedores das idéias bolchevistas. Silvino conheceu as idéias revolucionárias do comunismo. A idade, as experiências na cadeia e o tempo de encarceramento permitem mais uma vez, que seja possível associar este indivíduo a um homem de natureza política. Isso apresenta certa

atuação como revolucionário do PCB foi preso algumas vezes e na Detenção manteve como amigo o cangaceiro Antonio Silvino.

²⁰⁵ Entrevista realizada por Eliane Fernandes do CEHIBRA- FUNDAJ em 28/05/1982. Acervo FUNDAJ.

²⁰⁶ BEZERRA, Gregório Lourenço. **Memórias**. Primeira parte (1900-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. p. 169-170.

inquietação e leva a questionar como informações da Revolução Russa chegavam às celas do presídio? Quais os meios de informação que deixavam Silvino atualizado? Se ele tinha acesso a essas informações, será que outros presos também não as tinham? Indícios apontam que os jornais chegavam à Detenção, um deles é este trecho das memórias de Gregório Bezerra, na qual ele aborda a estratégia de luta dos bolcheviques, e diz:

Antonio dizia-me estas coisas e pedia que eu guardasse segredo porque era proibido falar desses assuntos. Replicava-lhe: - Por que é proibido? Os jornais não falam? Por que não posso falar? Ele respondia:- Os jornais falam de um jeito e você vai falar de outro jeito; isto é proibido pelo governo, que manda seus “macacos” prender o povo; como você já está preso, vai morrer no castigo²⁰⁷.

Aqui fica notório que os jornais circulavam na casa presidiária do Recife, e que Silvino sabia que eles veiculavam informações combatendo o poder dos revolucionários, não é à toa Gregório ter sido preso por aderir aos ideais da Revolução. Isso justifica o fato de Silvino dizer que ele precisava se controlar ao verbalizar as idéias revoltosas, para não ser punido ainda mais pelo motivo que havia sido encarcerado. Na cadeia além dos conselhos que dava, Antonio Silvino orientava e parecia ter certa estima por Gregório Bezerra, pois quando este ficou doente o ex-cangaceiro o auxiliou:

Antonio Silvino, que tinha muitos lençóis e cobertas, de cinco em cinco minutos trocava-me os lençóis e as cobertas ensopadas de suor. O fato é que, já tarde da noite, a febre foi desaparecendo e a dor de cabeça aliviando. Quando o dia amanheceu, era pouca a febre e a dor de cabeça quase nada. O médico disse apenas que eu tinha fôlego de sete gatos e era mais teimoso que um jerico pra morrer, na tarde desse dia eu já não tinha nem febre nem dor de cabeça. Estava salvo, mas sentia uma enorme fraqueza, não podia nem manter-se sentado. Tinha um fasto terrível. Só tinha vontade de tomar ponche de limão, o que foi excelente para mim. Dez dias depois, levaram-me para a cozinha, mas eu não podia fazer nada devido ao meu estado de fraqueza. Silvino arranhou-me diariamente um copo de leite, o que contribuiu muito para minha recuperação. Quando eu arranjava algum dinheiro comprava banana, laranja, lima e outras frutas; desta forma, fui me recuperando, pouco a pouco, e alguns meses depois era o mesmo de antes²⁰⁸.

A solidariedade de Antonio Silvino contagiou Gregório a tal ponto que ele aos poucos começava a modificar as ações no presídio e tornava-se um sujeito ressocializado:

As coisas iam melhorando bem. Meu prestígio junto aos presos comuns era bom. Minhas relações com Antonio Silvino eram ótimas. A cada dia que

²⁰⁷ Idem, *Ibidem*.

²⁰⁸ BEZERRA. Op. Cit. 1980. p. 173.

passava ficávamos mais amigos. Trocávamos alguns presentes; o que ele mais gostava era de um cafezinho feito à noite, na hora de dormir. Jogávamos no “bicho”, quando ganhava, indenizava-me do que eu havia perdido e, quando, inversamente, era eu quem ganhava, fazia o mesmo. Eu não tinha nenhum inimigo na prisão. Todos me respeitavam e eu a todos. Até mesmo o pederasta Ricardo falava comigo, não só pela necessidade do trabalho conjunto, mas também pela interferência de Silvino, desde a celeberrima “espanhola”²⁰⁹.

Jogo do bicho, conversas e presentes; essas regalias que ocorriam no cotidiano da Detenção divergiam do objetivo que deveria ter a prisão que era privar o indivíduo da liberdade e do convívio social. Entretanto a relação de amizade entre Gregório e Silvino apresenta as mesmas ações que cidadãos tinham fora da cadeia. O jogo do bicho, por exemplo, foi por algumas vezes reprimidos e considerado um mal à sociedade²¹⁰.

Afora os acontecimentos da época, a Casa de Detenção do Recife passou por situação difícil no ano de 1918. O administrador do presídio relatou que:

Nas células dos raios em que se subdivide a casa, trabalhavam em commum, promiscuamente, quatro e cinco detentos sentenciados, nas indústrias de empalhação, fabrico de vassouras, espanadores, vasculhadores, calçados de taxas e chinellos, por conta própria, effectuando a compra de material em troca da mão d’obra, cujos agentes eram os próprios guardas da prisão! O edifício, em deploráveis condições de hygiene, privava-se de caiação e pintura, limpeza geral, quer externa, quer internamente, notando-se por outro lado, grande deficiência de luz nos cubículos dos presidiários, por sua vez infectos, mal tratados e repugnantes, não offerecendo o menor conforto a locação familiar dos infelizes²¹¹.

A situação do presídio não era das melhores, mesmo assim o prédio funcionava e mantinha no seu cotidiano muitas oficinas de trabalho para os detentos, entre as quais existiam: a sapataria, a carpintaria, a ferraria, a marcenaria, a oficina de encadernações, a escola dos detentos e a Escola Correcional de Menores. Silvino chegou a freqüentar a escola de detentos e alfabetizou-se na prisão. Segundo relatório do administrador no ano de 1918, a escola tinha uma freqüência diária de 70 alunos e as aulas aconteciam no turno da noite. Antonio Silvino esteve entre os alunos que foram alfabetizados e receberam as noções de primeiras letras, moral e religião. O professor de Silvino foi o Sr. Pedro Joaquim de Sant’Anna. No mapa demonstrativo de alunos da escola de detentos com respectivo adiantamento durante o ano de 1918, o nome do ex-cangaceiro está presente sob o número 29

²⁰⁹ Idem. p.177.

²¹⁰ Cf. em BEZERRA. Op. Cit. 1980.

²¹¹ Livro de Relatório da Casa de Detenção de 01 de jan a 31 de dez 1918. p. 03,04. Fundo CDR. APEJE.

e seu grau de aprendizagem segundo o mapa indicou que já sabia ler regularmente o 3º livro e sabia três operações matemáticas.

Fig. 23

MAPPA DEMONSTRATIVO DOS ALUMNOS DA ESCOLA DE DETENTOS, COM O RESPECTIVO ADIANTAMENTO DU- RANTE O ANNO DE 1918.	
NOMES DOS ALUMNOS	GRÃO DE ADIANTAMENTO
27—Antonio Monteiro da Silva	2.º livro e taboada.
28—José Berto Ferreira	1.º livro e taboada.
→ 29—Manoel Baptista de Moraes	3.º livro e sabendo as tres operações. ¹
30—Antonio Victalino Filho	2.º livro e taboada.
31—Antonio Victoriano de Arruda	1.º livro e taboada.

Fonte: mapa demonstrativo de alunos da escola de detentos com respectivo adiantamento durante o ano de 1918. Livro de Relatório da Casa de Detenção 01 de jan a 31 de dez 1918. p. 23. Fundo CDR. APEJE.

Silvino iniciou o seu processo de alfabetização e tornou-se leitor de alguns jornais e livros. Essa informação de sua alfabetização nunca foi sinalizada nas biografias já construídas sobre ele. Entretanto identifiquei o documento que apresenta a presença de Antonio Silvino frequentando a Escola da Detenção. A Casa de Detenção desde 1911 tinha uma biblioteca em que os presos podiam ter acesso, acredito que Silvino a tenha visitado algumas vezes. Segundo Gregório Bezerra, em 1921, Silvino ainda apresentava certa dificuldade na leitura: “entramos no ano de 1921. Eram poucas as notícias da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Antonio Silvino lia pouco, era semi-alfabetizado²¹²”.

Cada vez menos se noticiava sobre o ex-cangaceiro. O ano de 1922 conheceu o famoso cangaceiro Virgulino Ferreira, o Lampião. As ações do novo cangaceiro eram horrendas e o nome de Silvino era mencionado nas notícias apenas como o precursor de Lampião. Em 1922 Silvino recebeu a visita do escritor e folclorista Leonardo Mota. Na conversa que tiveram falaram sobre Lampião:

Ele veio depois de mim. Agora os tempos são outros. As armas estão mais aperfeiçoada. Não falta quem lhe dê tudo. Caixeiro viajante não é besta para se esquecer de levar presente de bala pra ele. A polícia quer é só se encher de dinheiro no sertão. O mundo todo virou revoltoso. Os Governo deixam de

²¹² BEZERRA, Gregório Lourenço. **Memórias** (primeira parte 1990-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p. 179.

mão os cangaceiros porque não tem tempo de cuidar dos revoltosos. Não tenha duvida: Lampião é um Príncipe!²¹³.

No ano de 1925, Silvino já estava alfabetizado e seu comportamento era de um sujeito sereno e tranqüilo, bem diferente do Silvino violento e rústico. Ao visitar o detento, o jornalista João Café Filho relatou o seguinte trecho no seu livro de memórias:

Silvino recebeu-me com aspereza, pois era hostil aos jornalistas. No curso da conversa não se revelou, porém um revoltado contra a vida, a policia que o prendera ou as autoridades que o mantinham encarcerado. Tinha sempre nas mãos um exemplar da Bíblia, procurando nessa leitura, talvez, a paz interior, ou um simples derivativo na reclusão que estava confinado. Não se convertera, entretanto, num místico. Se não se revoltava contra a prisão, queixava-se dos coiteiros que o denunciaram à polícia e, após a sua captura, se haviam apropriado de seus bens. Declarava-se, no particular, vítima das injustiças, má-fé e ingratidões, abandonado pelos amigos a quem ajudara²¹⁴.

O comportamento passou a ser de homem educado, civilizado, bem diferente dos costumes que manteve no tempo em que foi cangaceiro. Outras informações sobre Silvino no cárcere foram descritas nos versos de Leandro Gomes de Barros no folheto: *O sonho de Antonio Silvino na cadeia*, publicado no ano de 1918, em que o poeta apresentou os sonhos e pesadelos que Silvino teve na prisão e as lamentações que costumava fazer:

Lamentação

Já tive dias felizes
 Já gosei parte da vida
 Como sertanejo rústico
 Passei por quadra florida
 Hoje aqui encarcerado
 Por todo mundo odiado
 Nesta maldita masmorra
 Invocando a divindade
 Que mande com brevidade
 O bello dia que eu morra

Enviarei outro adeus
 Ao sítio onde fui criado
 Que serviu de testemunhas
 A vida de um desgraçado
 Que hoje nesta prisão
 Debalde emplora a razão
 E essa corre dispersada

²¹³ Cf. MOTA, Leonardo. **No tempo de Lampião**. São Paulo: 3ª ed. ABC editora. 2002. p. 18.

²¹⁴ CAFÉ FILHO, João. **Do sindicato ao catete**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora. v.1. 1968. p. 48.

Que o cárcere que o encerra
Breve o levará a terra
Que o transformará em nada

Em 1935 o país vivia sob o regime de Governo de Getúlio Vargas e as políticas de combate aos comunistas foram intensificadas. Gregório que estava envolvido com a revolução comunista, foi novamente preso e enviado para a Casa de Detenção. Quando chegou ao presídio estava bastante ferido e foi encaminhado para a enfermaria, onde recebeu a visita do velho amigo Silvino. Segundo relatou Gregório, Antonio Silvino teceu fortes críticas ao procedimento de ataque dos comunistas aos órgãos do poder político:

Antonio Silvino, na intimidade, fez-me algumas críticas ao movimento, achando que o assalto deveria ter sido simultâneo e bem dirigido e que havíamos agido precipitadamente. Achava ele que os integralistas eram mais numerosos que os maximalistas e, além disso, tinha proteção do governo, da igreja e dos ricos donos das terras, dos bancos e das fábricas; afirmou que sentia não ver a vitória da “lei do maximalismo”, porque estava no fim da vida. Diariamente ia visitar-me na enfermaria. Conversávamos muito sobre o tempo em que vivera no cangaço. Ensinou-me como deveria lutar nas caatingas e nos sertões, contou-me suas peripécias, seus sofrimentos e suas alegrias, suas vitórias e suas derrotas, sobretudo a obediência e a ordem que devem reinar num grupo de cangaceiros. Falou sobre os choques e os grandes combates com os “macacos”, esse era o nome que ele e seu bando davam às forças policiais que os perseguiram. Disse que muitas vezes os combates entre seu grupo e a polícia eram simulados, organizados por intermédio de seus coiteiros: ele subornava os comandantes das volantes. Isso não era uma norma, porque nem sempre dispunham de dinheiro suficiente e também porque certos oficiais não se deixavam subornar²¹⁵.

Não se tratava de um sujeito qualquer, que teceu a crítica a Gregório. Silvino era conhecedor das táticas de ataques às forças policiais, ele sabia ler, escrever, tinha noção do que era o comunismo, das idéias marxistas, das greves, dos sindicatos e achou toda a ação dos rebeldes precipitada. Essas palavras descritas por Gregório Bezerra apresentam a postura do homem de idéias revolucionárias e estrategista que foi Antonio Silvino.

Dois anos seguiram e Antonio Silvino decidiu escrever uma carta para o presidente Getúlio Vargas, narrando o seu bom comportamento na cadeia e pedindo para ser libertado, pois já se encontrava bastante velho e desejava passar o resto de seus dias longe das grades da prisão. A resposta veio no dia 03 de fevereiro de 1937. O presidente Vargas enviou uma correspondência solicitando a liberdade do detento. No dia seguinte o Diário de Pernambuco

²¹⁵ BEZERRA, Gregório Lourenço. **Memórias** (primeira parte 1990-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. p 249.

publicou uma nota sobre o fato: “Telegramas ontem publicados informavam ter o Presidente da República assinado um Decreto, perdando o restante da pena a que foi condenado Antonio Silvino²¹⁶”. Assim ficou marcada a sua ficha de cadastro da Casa de Detenção:

Fig. 24

Fonte: Ficha catalográfica de Antonio Silvino, contendo número de registro e escrito que foi liberto pelo perdão de Vargas. FUNDO CDR. APEJE.

Uma jornalista do Diário de Pernambuco o interrogou sobre qual seria seu destino após ser liberto. A resposta foi relatada no jornal de 04 de fevereiro de 1937:

Não sei para onde vá, alguns parentes me convidaram a morar com eles, mas acho que não vou! Duvido que dê certo morando com alguém! Estou irresoluto, mas irei para um lugar onde não se fale em Comunismo, nem em Integralismo, nem em Partido Liberal e nem em políticos! Não tenho mais amigos, só tenho conhecidos. Quando sair daqui, queria encontrar todo mundo igual ao povo do Rio Grande do Norte. Três semanas antes de ser preso, entreguei cinco contos a um amigo para comprar um partido de algodão. Depois de me achar na cadeia uns seis anos, esse amigo veio me devolver o dinheiro²¹⁷.

O detento foi libertado da pena em 13 de março de 1937, “pelo perdão” do presidente Getúlio Vargas. O sujeito considerado durante anos como facínora, bandido, terrível assecla do sertão cumpriu sua sentença, permaneceu 23 anos, 2 meses e 18 dias na prisão. Esperou o alvará de soltura, que foi expedido em 19 de fevereiro do mesmo ano, sendo exibido por Antonio Silvino ao sair da Casa de Detenção acompanhado dos diretores do presídio, do conselho presidiário e de seu filho. Silvino foi página virada no universo do cangaço. O sertão

²¹⁶ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 04 de fev. 1937. p. 01. FUNDAJ.

²¹⁷ DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 04 de fev. 1937. p. 01. FUNDAJ.

foi acometido por outro bandido, outro herói, outro homem que afrontava o poder da época e desestruturava a ordem do social, foi o famoso cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, conhecido por Lampião.

Fig. 25



Fig. 26



Fonte: Fotografias de Antonio Silvino, diretores da Casa de Detenção e de seu filho, publicadas pelo Diário de Pernambuco em 04 de fevereiro de 1937. Acervo FUNDAJ

Silvino deixou de ser o presidiário nº 1.122 e passou a ser o cidadão Manuel Baptista de Moraes. Ao sair da Detenção pediu ao filho para ver o mar, o que logo foi atendido. Silvino foi levado para Olinda e pode experimentar sensação de receber a brisa no rosto, coisa que não tinha sentido ainda. O velho sertanejo decidiu retornar ao sertão e visitar amigos e parentes, porém antes deu longa entrevista na sede do Jornal Pequeno e depois circulou pelas ruas do Recife, em especial pelos cafés da Rua Nova, que na época era considerada a rua ponto de encontro de intelectuais, boêmios e pessoas nobres. A reportagem publicada no Jornal Pequeno do dia 03 de abril de 1937 apresentou o tempo de Silvino na cadeia:

Vinte e três annos de cárcere, vinte e três annos de uma mesma vida, mesmos actos, mesmos gostos, mesmo ambiente, todos os dias. Antes já conhecera movimento. Agitação extranha para nós como a nossa ainda o é para elle. Agitação das caatingas. Agitação não resta dúvida e para temperamentos fortes, porém agitação sem grandes ruídos, sem barulhos, a não ser quando crepitavam os fuzis e os rifles. Brucamente um hiato. Mudanças de ambiente, de meio, mudança completa. O depauperamento physico e moral, a incerteza do futuro, o desespero, as preocupações, tomam os primeiro tempos de convalescência e da vida de presidiário. Depois um começo de resignação ante o inecitavel. Adaptação à vida monótona do

cárcere. De ruídos grava-se logo o do ranger das chaves, das pisadas dos chaveiros, do arrastar dos baldes trazendo a bóia. Depois as 7 da manhã, as passadas dos presos que vão trabalhar, passadas que invariavelmente se repetem às 4 da tarde, no regresso. Depois do mate, vozes vinda das outras celas, um violão, murmúrio de uma cantiga quase em surdíos. Até 9 da noite quando repica o silencio. E dahi por diante as passadas no vazio do “Raio”, do guarda de ronda. Durante o dia, o ringir, o chiado interminável, gritante, de enlouquecer, da madeira nas serras da carpintaria. Um riiiiii em infernal escala de infernal música. Pelas grades, nas caladas da noite, entra soturnon resquício do barulho da cidade. Bond que passa na ponte da Boa Vista. Silvino confessa que passados momentos de alegria ao se ver na rua em liberdade, sentiu-se tonto. Gente p’ra lá e p’ra cá, loucas atrás de dinheiro no ganha pão. A zoada dos bonds, dos automóveis. Os ruídos excessivos de uma cidade que cresce e quer prosperar. Não, não supportou. E...voltou para a cadeia! Sim senhor, para a cadeia, onde encontraria socego para poder dormir! E somente aos poucos vae se habituando com a nova vida²¹⁸.

Voltou para a cadeia e levou alguns dias para se habituar ao novo ritmo da cidade, foi recebido pelo diretor do presídio, que se admirou, mas o acolheu, pois entendeu a perturbação que Silvino encarou. Sobre esse retorno o detento falou: “P’ra ficar, Deus me livre! Só mesmo assim enquanto a gente ia se habituando com tanta zoada...”²¹⁹. O texto apresentado pelo jornal mescla informações dadas por Antonio Silvino com o sensacionalismo do Jornal Pequeno, que anunciava sua permanência fora da prisão. Na entrevista que cedeu, Silvino falou sobre vários assuntos e teceu diversas opiniões:

Justiça. Injustiça. Não há justiça. O thema agora era outro. Silvino dá sua opinião: - Botaram a venda nos olhos da justiça para ella não ver quem está fallando para ella. É besteira. A Justiça só obedece quem tem dinheiro. Mas no Brasil a justiça não existe para o pobre.

Você é protestante Silvino? – Não, senhor. Sou espírita. Protestante é boa gente. Estive 23 annos preso e nunca vi na cadeia um protestante. Como você se tornou espírita? – Depois que estava preso, uma senhora chamada D. Candoca aparecia sempre na Detenção, dando aos presos folhetos espíritas. Nunca quis receber. Um dia vi um preso lendo o” Evagelho Segundo o Espiritismo”. Procurei ler e dahi por diante tornei-me espírita.

Silvino você reconhece o valor da Imprensa? – quando não me ataca. Quando estava preso, quando fui preso, todo mundo pelos jornais me atacava. Ninguém via que era uma desumanidade atacar um preso que não podia defender-se. Antonio Silvino conversou sobre vários assumptos. Não se sabe como falou-se sobre o desarmamento. Elle Pontifica: - Devia haver um acordo entre todos os paizes para um desarmamento geral. Quando não houver armas não haverá guerras. Outra coisa: devia haver uma língua para todos os povos e uma só moeda. Talvez fosse mais fácil aos homens se entenderem. O Esperanto devia ser ensinado em todas as escolas. Podia-se ensinar a língua nativa e o Esperanto. – Você acha que mussoline e Hitler podem salvar os seus paizes? Resposta incisiva: Podem é encher rios de

²¹⁸ JORNAL PEQUENO. Recife, 03 de abr. 1937. p. 01 APEJE.

²¹⁹ Idem.

sangue como estão fazendo. Se eu mandasse num pedaço do mundo, tinha cinco pontos a cumprir: 1º instrução e educação, 2º trabalho, 3º honestidade, 4º justiça e 5º Amor à humanidade em peso. Ao precisava oração e mais nada porque Deus existe e a cima do homem sobrevive. A educação das meninas de hoje deve ser mais rigorosa que a dos homens. A menina de hoje é a mãe amanhã da geração vindoura. E Lampeão? – Lampeão – Dizia Antonio Silvino – era um anjo. A desgraça foram os mãos chefes que fizeram delle depois um demônio.- enquanto houver mãos chefes no sertão, haverá lampeões acessos ou apagados... Dizem que Lampeão não perdôa. Consultado Antonio Silvino responde: - Não tenho coragem de fazer nada contra um homem que se acovarda. Um inimigo meu chorando, era a maior arma contra mim. O inimigo que chora tem o meu perdão. Lampeão tem coragem. Brigar como ele briga você acha pouco? Elle é disposto²²⁰.

Injustiçado, crítico, espírita, conhecedor da realidade internacional, homem que defendia o cangaceiro Lampeão, Silvino apontou toda a sua mudança de comportamento e apresentou a sociedade a imagem de um indivíduo ressocializado pela cadeia, letrado, informado dos acontecimentos nacionais e internacionais e implicitamente um defensor das idéias do comunismo, quando apresenta sua proposta de um mundo melhor com: língua para todos os povos, uma só moeda, educação, trabalho, justiça e honestidade. Idéias também pregadas pelos revolucionários comunistas tão reprimidos pelo regime do interventor pernambucano, Agamenon Magalhães, que na época estava sob as ordens do presidente Getúlio Vargas. Depois, Silvino saiu da sede do Jornal Pequeno e seguiu pela Rua Nova, com destino ao Café Lafayette para encontrar com o velho amigo Coronel Pereira.

É possível ver nitidamente na reportagem do Jornal Pequeno o lado humano de Antonio Silvino. Não era mais aquele sujeito que aterrorizava as pessoas, o que acreditava governar os sertões. A imagem de criminoso, de bandido, era página virada, Silvino foi resignificado, representado nos espaços da religião, do letramento, do perdão, ele se reencontrou com o social, o moral e o humano. Era um homem sensível, preocupado com o futuro do país, com a educação das mulheres e com a política. A Detenção o tornou um “governador” de idéias e comportamentos aceitos socialmente, um cidadão!

Silvino aguardou os trâmites da transferência do seu filho, que era membro das forças militares, para o sudeste e em 1938 viajou para o Rio de Janeiro. Lá tentou uma audiência com o presidente Getúlio Vargas, pois acreditou que se este o havia indultado, poderia lhe arranjar emprego. Com persistência, conseguiu no primeiro semestre de 1938 falar com o líder do Brasil. Silvino conseguiu o emprego comissionado e foi trabalhar na construção da estrada Salvador-Rio de Janeiro. Enquanto aguardou a burocracia de sua contratação foi

²²⁰ JORNAL PEQUENO. Recife, 03 de abr. 1937. p. 01 e 04. APEJE.

recebido pelos escritores José Lins do Rego e Graciliano Ramos num pensionato carioca. Em julho do mesmo ano se encontraram e Lins do Rego ficou novamente diante do seu herói de infância, do homem que o inspirava nas suas brincadeiras de criança, já Graciliano ficou impressionado ao ver imponente figura e relatou:

Conversando, narrando suas aventuras numa linguagem pitoresca, ri alto, mexe-se, os olhos miúdos atizam-se. Uma bela cor de saúde tinge-lhe o rosto enérgico, vincado pelo sofrimento. Os cabelos estão inteiramente brancos, mas a espinha não se curva. A voz não hesita²²¹.

Logo após, os escritores se despediram e Silvino pôde descansar. No ano seguinte, visitando amigos no Recife o velho sertanejo recebeu a notícia da morte de Lampião, ocorrida na Grotta de Angicos, em Sergipe. Em todo o país comemorou-se a morte do sucessor de Antonio Silvino. Espetacularizou-se a morte de Lampião e do seu bando. Segundo a historiadora Auricélia Pereira, foi realizada uma geografia do crime pelos que mataram os bandidos, pois as cabeças dos cangaceiros e cangaceiras circularam por várias cidades expostas como troféus e a morte foi resignificada, tornada espetacular²²². Silvino recebeu a notícia com pouca admiração:

Não me causou admiração. Porque a vida é incerta, mas a morte é certa. Logo, Lampião tinha que desaparecer mais hoje ou mais amanhã. Acredito que os homens tenham sido pegados dormindo, mas fico espantado de ver como caíram tão facilmente na ratoeira, porque Lampião era prevenido de verdade. O repórter insistiu em última e desconcertante pergunta: Estará agora resolvido, Silvino, o problema da extinção do banditismo? Silvino respondeu: Isto não acaba assim. O rifle não concerta nada. Morreu Lampião. Outros Lampiões aparecerão! E o mundo por aqui continuará girando, até que a Justiça bata às portas do Sertão! É de Justiça que o sertão precisa²²³!

Silvino e Lampião, marcas na história do sertão do norte brasileiro, cada um ao seu modo procurou fazer justiça. O primeiro simbolizado como justiceiro, o que tira dos ricos e doa aos pobres, o que constrói relações, ao mesmo tempo em que ameaça o poder dos coronéis e de políticos, o que estava no cangaço pela vida errada que passou a ter depois da morte dos pais. Já o segundo estaria substituindo Silvino, que foi resignificado e alocado no

²²¹ JORNAL DE ALAGOAS. Alagoas, 18 de set. 1938. *Apud.* DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antonio Silvino: o cangaceiro, o homem, o mito.** Natal: Cartograf. 2006. p. 247.

²²² Sobre este debate ver PEREIRA, Auricélia Lopes. **O rei do cangaço e os vários lampiões.** Dissertação de mestrado em História – PPGH – UFPE. Recife – PE. 2000. Em especial o primeiro capítulo intitulado: A geografia espetacular de uma morte.

²²³ ROCHA, Melquíades. **Bandoleiros das Caatingas.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves editora. 2ª Ed. 1988. p. 160.

estereótipo de bandido romântico, protetor das pessoas humilhadas, o “hoobin hood” sertanejo. Seu reinado havia findado e agora era a vez de acabar a era do novo rei do cangaço, Lampião, considerado a praga do sertão nos discursos da imprensa pernambucana, o bandido sanguinolento, o que fazia as pessoas agonizarem com suas crueldades, o bandido que só permitiu a entrada de mulheres no seu bando para satisfazer-se enquanto homem repleto de desejos carnis.

A morte de Lampião talvez não tenha sido espanto para Antonio Silvino, pois além de ser grande a preocupação de policiais, políticos e coronéis em por fim aos mandos e desmandos de Lampião, era grande o cerco que se fazia a ele. Apesar de não acreditar no fim do banditismo, ele acredita acima de tudo na falta de justiça no sertão e por isso que existiam formas de se rebelar contra o poder. Essa história dicotômica entre os reis do cangaço, que merece estudo mais detalhado, está repleta de representações sociais, políticas e culturais que edificaram o cangaço e seus principais integrantes como símbolo do nordeste brasileiro atualmente.

Dias seguiram e Silvino retomou suas atividades na estrada Salvador-Rio. A estrada cresceu rapidamente e muitos trabalhadores atuaram na obra para que logo fosse concluída. O novo funcionário público não estava satisfeito com o salário que recebia e resolveu enviar uma carta para o presidente Vargas, mas optou por enviar ao chefe do Tribunal de Contas da União, José Américo de Almeida. Na carta Silvino relatou:

A vida aqui não é barata como dizem, motivo por que meu ordenado não vem dando para as minhas despesas necessárias e, além disso, sou funcionário diarista. Venho apelar para Vossa Excelência, meu grande coestadano e chefe político de toda a minha família e de numerosos amigos, a fim de pedir a intervenção de Vossa excelência para que eu possa receber no mínimo 20\$000 (vinte mil Réis) por dia e seja promovido a mensalista, pois estando já em avançada idade não mais poderei trabalhar daqui há pouco, resultando daí ficar desamparado e sem poder me valer de direito de aposentadoria. Esperando ser atendido, antecipadamente agradeço e apresento a Vossa Excelência protestos de elevada estima e consideração²²⁴.

Silvino passou por dificuldades quando esteve longe do círculo de amigos e familiares. Quanto a José Américo de Almeida, ele não chegou nem mesmo a responder a solicitação de melhoria de condições financeiras e de trabalho do novo funcionário diarista, que já estava com idade avançada e com poucas condições físicas para trabalhar. Restou a Antonio Silvino

²²⁴ Utilizei a carta citada pelo escritor Sérgio Dantas, que não referendou a fonte pesquisada. Cf. DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antonio Silvino: o cangaceiro, o homem, o mito**. Natal: Cartograf. 2006. p. 249.

retornar ao Nordeste e solicitar ajuda de amigos e cobrar velhas dívidas de seu tempo de cangaço. Alguns o acolheram, outros nem o atenderam.

No ano de 1944, Silvino seguiu para Campina Grande, na Paraíba. A residência de destino foi a de sua prima Teodulina Alves Cavalcanti, na Rua Arrojado Lisboa. Bastante visitada por jornalistas que desejavam relatar curiosidades sobre o velho sertanejo. Alguns ele recebeu, outros não. Sobre sua chegada na casa da prima ela relatou:

Uns quatro meses antes de sua morte, depois de correr mundo e receber de parentes e amigos as mais frias ingratidões, Antonio Silvino vem bater a nossa casa. É uma casinha pobre, pequena. Não tínhamos nada. Vivíamos de modesta agricultura. Eu disse a Silvino. mas ele respondeu: - Quando tiver comer, a gente come. Quando não tiver, paciência... importuno, desbocado, malcriado com todo mundo, voltava-se as vezes para mim com toda sorte de palavrões. Logo depois, passado o nervosismo, dizia-me brandamente: - Teodula, desculpa isso. Tou ficando velho. Só presto mesmo é pra morrer²²⁵.

Antonio Silvino tinha a companhia de sua prima e do moleque Francisco Alves, criado por Dona Teodulina, este era prestativo e paciente com Silvino. Na manhã do dia 25 de julho de 1944, Silvino recebeu um repórter em sua porta. Deitado numa rede, uma senhora lia trechos da Bíblia, depois ele falou sobre sua vida:

Nunca tive medo de morrer em pé, quando campeava pelo Nordeste. Mas, agora, deitado, não quero morrer, se bem que não tenha medo do inferno, pois se para lá for disputarei um lugar de chefe; um posto de comando qualquer. Para o céu é que não quero ir, pois, ao que me consta, lá não há campo para luta, nem lugar para capitão-do-mato como sempre fui. Quero viver mais um pouco, mesmo com esta agonia que estou sentindo, com esta falta de ar e com esta falta de conforto. Essas palavras que a menina está lendo são do Evangelho, o que quer dizer que são palavras de Deus²²⁶.

Certo de sua vida variante, seja em comportamentos, seja em espaços, seja nas relações sociais e familiares, Silvino acreditava em Deus e apontava os primeiros sinais de cansaço e de velhice. No dia 27 de julho de 1944 Silvino sentiu um grande mal estar e pediu que chamassem o vigário para receber os últimos sacramentos. Seu estado de saúde não estava nada bom. Na manhã do dia 28 de julho do mesmo ano, mal conseguiu sair da cama. Abandonado pelos parentes, amigos e pessoas importantes que manteve negócios e acordos, este sertanejo morreu como um sujeito comum. Uma morte não espetacularizada, bem

²²⁵ BARBOSA, Severino. **Antonio Silvino: O Rifle de Ouro.** Vidas, combates, prisão e morte do mais famoso cangaceiro do sertão. 2ª ed. Recife: CEPE. 1979. p. 222.

²²⁶ DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antonio Silvino: o cangaceiro, o homem, o mito.** Natal: Cartograf. 2006. p. 259.

diferente de toda a extraordinariedade com que foi noticiado durante décadas nos jornais recifenses e nos cordéis. O Jornal Pequeno apresentou uma breve nota versando sobre a morte de Antonio Silvino, acompanhada de uma fotografia:

Antonio Silvino

Faleceu em Campina Grande o antigo bandoleiro
Telegrama de Campina Grande noticia ter falecido naquela cidade parahybana, Manoel Batista de Moraes, mais conhecido pelo seu nome de guerra, Antonio Silvino. Foi Antonio Silvino um dos mais famosos bandoleiros do Nordeste, correndo em torno de sua pessoa interessantes lendas. Preso no Governo do Dantas Barreto, pelo saudoso a oficial da polícia pernambucana, Teófanos Torres, foi condenado a 30 anos de prisão que cumpriu na Penitenciária e Casa de Detenção do Recife. A sua conduta na prisão foi exemplar, com o produto do seu trabalho educou os filhos, um dos quais serve nos exércitos. Posto em liberdade, já regenerado, Antonio Silvino vivia como um cidadão pacato, inofensivo, ora neste Estado, ora no Rio, ora na Parahyba²²⁷.

Fig. 27



Fonte: Fotografia de Antonio Silvino publicada no Jornal Pequeno. 01 de ago. 1944. APEJE.

²²⁷ JORNAL PEQUENO. Recife, 01 de ago. 1944. p. 01 APEJE.

No seu atestado de óbito, foi relatado a hora de morte e o motivo pela qual veio a falecer:

falecido ontem às desenove horas, a rua Arrojado Lisboa, desta cidade, em consequência de Glomérulo nefrite crônica – Uremia, MANOEL BATISTA DE MORAES, sexo masculino, cor branca, com setenta e dois anos de idade, fazendeiro, pernambucano e residente nesta cidade, solteiro, também conhecido por ANTONIO SILVINO, nada deixa para inventário, deixa oito filhos naturais de nomes seguintes: José, Manoel, José Batista, José Moraes, Severina, Severino, Isaura, Damiana; era filho de Pedro Rufino de Almeida e Balbina Pereira de Moraes; naturais de Pernambuco e ambos falecidos; e o cadáver será sepultado no cemitério desta cidade²²⁸.

Por trás das palavras que seriam uma simples certidão de óbito, está implícita uma parte das diversas representações que um indivíduo pôde trazer à baila para a História. O rifle de ouro, o Governador dos sertões, o cangaceiro, o prisioneiro, o cidadão exemplar, entre inúmeras imagens que a ele foram atribuídas, seja de criminoso, romântico, violento, elegante, poeta, medroso, bandido ou herói em 30 de julho de 1944 foi sepultado no cemitério de Campina Grande- PB. Manoel Batista de Moraes, o cangaceiro Antonio Silvino entrou no mundo dos mortos, foi mitificado pelos cordéis, pelas histórias dos sertanejos e ressurgiu assim na memória social do Nordeste brasileiro.

²²⁸ Trecho da Certidão de óbito de Manoel Batista de Moraes (Antonio Silvino) lavrada no 1º Cartório – Avenida Floriano Peixoto, Campina Grande-PB. Assinada pelo escrivão Severino Cavalcanti Junior em 26 de setembro de 1969. Os grifos são do documento original. Glomérulo Nefrite crônica está relacionado a problemas renais que acarretaram na falência de outros órgãos e o conduziu ao enfarte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante três anos realizei esta pesquisa, que me fez seguir indícios e usar a imaginação histórica. O resultado dessa investigação culminou na reconstituição da vida de Antonio Silvino. O exercício realizado me permitiu visualizar as experiências de Silvino, o contexto histórico em que viveu, as representações que lhes foram destinadas, a sua singularidade diante do universo que foi o cangaço e a sua interferência no cotidiano das pessoas que viveram nos sertões, na Casa de Detenção do Recife e nas cidades por onde circulou.

Ao cruzar os documentos me deparei com a necessidade de fazer uso do exercício de imaginação histórica, atitude que me levou a avaliar que a fronteira entre história e ficção é muito tênue e que o universo literário possibilita ao historiador reconstituir cenários, experiências, imaginar fatos e sentimentos que as pessoas vivenciaram e que não são relatados nos documentos considerados por muitos historiadores como oficiais.

Durante todo o trabalho foi preciso sinalizar quem versava sobre Silvino, pois, percebi essas representações, por olhares variados, com traços que ora se aproximam e ora se distanciam. Os cordelistas, o alferes Theóphanes Torres, José Lins do Rego, Gregório Bezerra e os jornais do Recife constituíram locais de fala dos que detinham o poder e dos que sofriam com as diferenças sociais, e muitas vezes mesclaram essas diferenças tendo a figura de Silvino como forma de denunciar os problemas vividos pela população sertaneja.

A partir de 1905, ano da publicação do primeiro folheto sobre Silvino, escrito por Chagas Batista, vários folhetos começaram a ser editados e comercializados, e os primeiros folhetos procuraram descrever a infância, a juventude e o seu ingresso no cangaço. Usar os folhetos de cordel de Francisco das Chagas Batista e Leandro Gomes de Barros foi de fundamental importância para reconstituir o período anterior ao banditismo e para visualizar o contexto histórico, pois são poucos os dados sobre esse momento de sua vida. Manuel Baptista de Moraes foi representado por estes folheteiros como sujeito predestinado ao crime e arraigado à sua família, descendência esta, que o encaminhou para a vida criminosa. Entretanto, foi possível mostrar que a descendência e a fatalidade não foram os únicos motivos que compuseram o seu ingresso no cangaço, pois se este fosse o caso, ele teria vingado a morte dos pais e depois teria vivido de forma pacata. Silvino não foi um cangaceiro pré-político, um rebelde sem causa. Ele também adentrou no cangaço como forma de

sobreviver, de fazer valer seus interesses de justiça, de buscar o poder e como forma de combater à opressão que sofria por parte dos coronéis e políticos da época.

A análise dos jornais recifenses: Diário de Pernambuco, Jornal Pequeno, Folha do Povo, Jornal do Recife entre outros usados em menor intensidade, também me permitiram enxergar o contexto histórico em que este sujeito circulou e analisar outras representações que lhes atribuíram. Cruzando jornais com cordéis percebi as nomeações dispensadas para ele: cangaceiro, prisioneiro, facínora, criminoso, político, romântico, violento, elegante, poeta, medroso, bandido, herói, trabalhador, justo, anti-moderno, mandingueiro, comunista, entre tantas outras que fizeram de Silvino um homem múltiplo.

Assim, o propósito deste trabalho foi também situar o espaço entre a apropriação, pela ficção do cordel, pela construção literária e pelos textos jornalísticos, e as representações construídas em torno de uma pessoa e de uma realidade. Além disso, a documentação da Casa de Detenção do Recife apresentou uma série de informações até então não reveladas, que contrapostas com os jornais e os cordéis me fizeram perceber as permanências e mudanças de comportamentos de Silvino na cadeia. Permitiram-me também visualizar a ressocialização e humanização de um homem que era considerado entregue a vida criminosa. Sua liberdade e seu retorno a vida social surgiu como destoante diante de tantas mudanças que a sociedade passou, seja na infra-estrutura ou nos modos de se relacionar. Apesar de viver em constantes adaptações no mundo moderno da década de 1930, Silvino se mostrou perplexo, pois várias vezes relatou aos jornais recifenses os encantos e desencantos que a cidade grande apresentava.

Não visualizei apenas o cangaceiro, o criminoso, o assecla do sertão, o prisioneiro que queria se exhibir. Enxerguei Silvino como alguém humano, que apresentou sentimentos, desejos, vaidades, raivas e medos, que fez escolhas e que foi cravado de significados e representações múltiplas.

Não acredito que ele tenha sido um rebelde sem causa, um sertanejo arredo que quis vingar a morte dos pais e por nunca ter conseguido tal feito, aderiu à vida criminosa. Ao seu modo, acredito que Antonio Silvino foi um sujeito de natureza política, pois a pesquisa mostrou que ele atuava por conta própria, que acreditava nos valores ligados à honra, a família, a valentia, a justiça e a igualdade entre as pessoas. Silvino assumiu um poder simbólico, que por meio de suas relações sociais conseguiu se fazer notável e incomodou autoridades políticas e policiais.

Ao entrar na prisão, Silvino conheceu o mundo das letras e recebeu informações de outros presos e dos jornais recifenses, que o fizeram acreditar ainda mais na existência das

injustiças sociais, na falta de auxílio para a população carente e na exploração que os homens do poder político mantiveram durante todo o tempo de sua vida. Ao conhecer as idéias comunistas, este sujeito, mesmo não se denominando como tal, muitas vezes assumiu palavras e desejos que os revolucionários tinham. Não classifico Antonio Silvino como comunista, mas acredito que ele concordava com os lemas adotados pelos rebeldes, e que sua natureza política, desde os tempos do cangaço até a saída da prisão, foi enfatizada ainda mais quando conheceu tais idéias.

Silvino foi o sujeito que trilhou o caminho inverso do que se esperava de um homem da época, foi aquele que não deixou bens ou honrarias, apenas lembranças e histórias narradas por pessoas que conviveram com ele e notícias que foram estampadas cotidianamente nos jornais da cidade do Recife. Biografá-lo foi importante para perceber que Antonio Silvino foi um governador de comportamentos, de idéias, de ações e de sentimentos que afloraram conforme cada cenário, cada contexto que viveu e que acabou por findar seus dias como um homem comum, apesar de toda visibilidade que teve nos veículos de informações da primeira metade do século XX.

Depois de todo este percurso de trabalho e de relatar um pouco sobre a vida de Silvino e as representações que lhe foram dadas, tenho a certeza de que outros desejos, outras fontes, outras análises poderão ainda surgir sobre sua pessoa. Afinal, as pessoas são múltiplas, a vida é múltipla e a História é incompleta.

REFERÊNCIAS

DISSERTAÇÕES E TESES:

FERRAZ, Tatiana. Valença. **A formação da sociedade no sertão pernambucano**: trajetória de núcleos familiares. Recife – PE, Dissertação de mestrado, PPGH- UFPE. 2004.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo**: Histórias na literatura de cordel (1900-1940). Niterói – RJ, Tese de Doutorado, UFF-RJ. 2005.

MAIA, Clarissa Nunes. **Policidados**: controle e disciplina das classes populares na cidade do Recife (1865-1915). Recife, Tese de Doutorado, CFCH, UFPE. 2001.

PEREIRA, Auricélia Lopes. **O rei do cangaço e os vários lampiões**. Recife – PE, Dissertação de mestrado, PPGH – UFPE. 2000.

SILVA JÚNIOR, Waldemar Alves da. **O coronelismo em Salgueiro**: uma análise da trajetória política do coronel Veremundo Soares (1920-1945). Recife – PE, Dissertação de mestrado, PPGH – UFPE. 2006.

SOUZA, Jovenildo Pinheiro. **Sertão sangrento**: luta e resistência. Recife – PE, Dissertação de mestrado, PPGH – UFPE. 1994.

LIVROS SOBRE CANGAÇO E SOBRE ANTONIO SILVINO:

BARBOSA, Severino. **Antonio Silvino**: O Rifle de Ouro. Vidas, combates, prisão e morte o mais famoso cangaceiro do sertão. 2ª edição. Recife. CEPE, 1979

BARROS, Luitigarde Oliveira Cavalcanti. **A Derradeira Gesta**: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão. Rio de Janeiro: Ed. Mauad / FAPERJ, 2000.

BARROSO, Gustavo. **Heróis e bandidos**. Os cangaceiros do nordeste. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves, 1917.

_____. **Almas de Lama e Aço**. São Paulo. Melhoramentos, 1930.

BATISTA, Pedro. **Cangaceiros do Nordeste**. Paraíba do Norte: Liv. Ed. São Paulo, 1929.

BEZERRA, Rosa. **A representação social do Cangaço**. Recife: Ed. do autor. 2009.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião o rei dos cangaceiros**. 4ª edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1980.

DANTAS, Sérgio Augusto de Souza. **Antonio Silvino**: o cangaceiro, o homem, o mito. Natal: Cartograf, 2006.

DAUS, Ronald. **O ciclo épico dos cangaceiros na poesia popular do Nordeste**. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1982.

DÒRIA, Carlos Alberto. **O Cangaço**. Coleção Tudo é História. 2ª edição. São Paulo. Editora Brasiliense, 1981.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos: Gênese e lutas**. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1991

FERNADES, Raul. **Antonio Silvino no RN**. Natal: Editora Clima, 1990.

LUNA, Luiz. **Lampião e seus cabras**. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1963

MELLO. Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do Sol: O banditismo no Nordeste do Brasil**. Recife: Massangana, 1985.

MOTA, Leonardo. **No Tempo de Lampião**. 3ª edição. Rio-São Paulo – Fortaleza: ABC editora, 2002.

NASCIMENTO, José Anderson. **Cangaceiros, Coiteiros e Volantes**. São Paulo: Ed. Ícone, 1998.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Os Cangaceiros**. São Paulo: Ed. Livraria Duas Cidades, 1977.

ROCHA, Melquíades. **Bandoleiros das Caatingas**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves editora, 1988.

SOUTO MAIOR, Mario. **Antonio Silvino o Capitão de Trabuço**. Recife: Edições arquimedes, 1969.

SOUZA, Antonio Vilella. **O incrível mundo do Cangaço**. Recife: Ed. Bagaço, 2006.

LIVROS SOBRE TEORIA E HISTORIOGRAFIA

ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial (1500-1800)**. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia. 1988.

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado da Letras, 1999.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 2ª edição. Recife : Ed. Massangana - Cortez, 2001.

_____. **História a arte de inventar o passado: ensaios sobre teoria da história**. Bauru : EDUSC, 2007.

_____. **Nordestino: uma invenção do falo: uma história do gênero masculino (1920-1940)**. Alagoas: Catavento, 2002.

_____. **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidade regional.** Recife: Bagaço, 2008.

ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de. **Um sertanejo e o sertão / Moxotó brabo / três Ribeiras: reminiscências e episódios do cotidiano no interior de Pernambuco.** Belo Horizonte/MG: Editora Itatiaia, 1989

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARMAN, Roderick J. **Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX.** São Paulo: Ed. UNESP, 2005

BELTRÃO, Luiz. **Memórias de Olinda.** Recife: Coleção Tempo municipal. Centro de estudos de História municipal, 1996

BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e Técnica, Arte e Política** : ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1994

BEZERRA, Gregório Lourenço. **Memórias.** Primeira parte (1900-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

BLOCH, Marc. **Apologia da História: ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001.

BOAS, Sérgio Vilas. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida.** São Paulo: UNESP, 2006.

BORGES, Vavy Pacheco. **Em busca de Gabrielle.** São Paulo: Alameda, 2009.

_____. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla B. (org.) **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2008.

BOURDIER, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2002.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). **Usos e abusos da História oral.** Rio de Janeiro: FGV, 2002

_____. **O poder simbólico.** 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

BRAGA, Antonio Mendes da Costa. **Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo.** Bauru: EDUSC, 2008.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas.** (org.). São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **Escola dos Annales.** (1929-1989) A Revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1997.

_____. **O que é História Cultural.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAFÉ FILHO, João. **Do sindicato ao catete.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora. v.1. 1968.

CANNADINE, David (org). **Que é a História hoje?** Lisboa: Gradiva, 2006.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** 10ª edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

_____. **Vaqueiros e cantadores.** São Paulo: Global, 2005.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra:** moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940). Campinas: Ed. Unicamp, 2000

CERTEAU, Michel. **A escrita da História.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CHANDLER, Billy Jaynes. **Os Feitosas e o sertão dos Inhamuns:** a história de uma família e uma comunidade na Nordeste do Brasil – 1700 a 1930. Rio de Janeiro: Ed. UFC, 1980.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro:** do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **A beira da falésia:** a História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. UFRGS. 2002.

_____. **História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

CUNHA, Euclides. **Os Sertões:** campanha de Canudos. São Paulo: Ateliê editora, 2002.

DANTAS, Fabio Lafaiete; DANTAS, Maria Leda de Resende. **Uma Família na Serra do Teixeira:** elenco e fatos. Recife: Líber. 2008.

DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos:** e outros episódios da história cultural francesa. 2ª edição. São Paulo: Graal, 1988

_____. **Os dentes falsos de George Washington:** um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

DAVIS, Natalie Zemon. **O Retorno de Martin Guerre.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. On the Lame. In: **The American Historical Review.** Nº 93. nº-03 (Jun-1988).

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente:** 1300-1800 uma cidade sitiada. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

DOSSE, François. **Le pari biographie:** écrire une vie, Paris: La Découverte, 2005.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal**, ou, o melhor cavaleiro do mundo. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

EINSENBURG, Peter. **Modernização sem mudança**: a indústria açucareira em Pernambuco: 1840/1910. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977

FAUSTO, Boris (org.) **História geral da civilização brasileira**: O Brasil republicano. V. 2. sociedade e instituições (1889-1930). 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. **A Revolução de 1930**: historiografia e história. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

FONSECA, Gastão Cerquinha. **Afogados da Ingazeira**: retalhos de sua história. Recife: Bagaço, 2008.

FOUCAULT. Michel. **Eu, Pierre Rivière**, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão. 8ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FREIXINHO, Nilton. **O sertão arcaico do Nordeste do Brasil**: uma releitura. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Dona sinhá e o filho padre**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

_____. **Nordeste**. 5ª edição. Rio de Janeiro - Recife.: José Olympio. FUNDARPE, 1985.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador de diamantes**: o outro lado do mito. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

GALVÃO, Ana maria de Oliveira. **Cordel**: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica. 2001.

GANDON, Odile. **Deuses e heróis da mitologia grega e latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GARCIA, Carlos. **O que é Nordeste brasileiro**. 5ª edição. Editora brasiliense. 1986.

GINZBURG, Carlo. **A Micro-História e outros ensaios**. Lisboa: Difel, 1989.

_____. **Os Andarilhos do Bem**: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

_____. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GOMES, Ângela de Castro (org). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GUEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GUILLEN, Isabel Cristina M. **Errantes da selva**: histórias da migração nordestina para a Amazônia. Recife: Ed. UFPE, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo. Editora USP, 1985.

HEINZ, Flávio M.(org.) **Por outra História das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

HOBBSAWM, E. J. **Bandidos**. São Paulo: Forense-Universitária, 1975.

_____. **Primitivos e Rebeldes**: estudos de formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1978.

HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2ª edição. São Paulo: Martins, 2006.

LE GOFF, Jacques. **La Nouvelle Historie**. Paris: Retz, 1978.

_____. **São Luis**: Biografia. Rio de Janeiro: Record, 2002.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Ed. F. Alves, 1976.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**: o município e o regime representativo no Brasil. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.

LEVI, Giovanni. **A herança Imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2002

LEWIN, Linda. The oligarquical limitations of social banditry in Brazil: the case of the good thief Antonio Silvino. In: **Past and present**. London: Oxford University, 1979.

LIMA, Henrique Espada. **A micro-história italiana**: escalas, indícios e singularidades. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.) **Jogos de Escala**: a experiência da microanálise. 1ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p.225-249.

MACEDO, José Rivair. MAESTRI, Mário. **Belo monte**: uma história da guerra de canudos. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

MAIA, Clarissa Nunes. A casa de Detenção do Recife: controle e conflitos (1855-1915). In: MAIA, Clarissa Nunes... [et al] **História das prisões no Brasil**. v.02. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MEDERIOS, Irani. **No reino da poesia sertaneja**: antologia de Leandro Gomes de Barros. João Pessoa: Idéia, 2002.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. In FAUSTO, Boris (org.) **História geral da civilização brasileira**: O Brasil republicano. V. 2. Sociedade e instituições (1889-1930). 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand**. São Paulo: Cia das Letras, 1994

NÓBREGA, Janúncio Bezerra da. **Denodados seridoenses**. Natal: Gráfica Nordeste, 1983.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares, Projeto História, n. 10. São Paulo: PUC/SP, 1993

OAKESHOTT, Michael. **Sobre a História e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Liberty Classics Topbooks, 2003.

OLIVEIRA JÚNIOR, Rômulo José F. de. Antonio Silvino: um cangaceiro, um prisioneiro, múltiplas representações do masculino. In: **Cultura gênero e infância**: nos labirintos a história. Recife: Ed. UFPE. 2008. p.101-121.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte. UFMG . IUPERJ. 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2005.

_____. **O imaginário das cidades: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2004.

PINSKY, Carla B.(org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

PIRANDELLO, Luigi. **Um, nenhum e cem mil**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. O coronelismo numa interpretação sociológica. In: FAUSTO, Boris (org.), **História geral da civilização brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. Tomo III, v.01. 2004.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 72ª edição. Rio de Janeiro- São Paulo: Ed. Record, 1997.

REGO, José Lins do. **Cangaceiros**. 11ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

_____. **Fogo Morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

- _____. **Menino de Engenho**. 84ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- _____. **Meus verdes anos: memórias**. 8ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008
- REIS, João José. **Domingos Sodré um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em história**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2000.
- REVEL, Jacques. (org). **Jogos de Escala**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- REZENDE, Antonio Paulo. **(Des) Encantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: FUNDARPE, 1997.
- RIOS, Demerval Ribeiro. **Mini Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo: DCL, 1999.
- SAID, Edward. **Representações do intelectual: as conferências do Reith 1993**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Cia das Letras, 2002
- SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: **Educação e realidade**, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. Porto Alegre. 1990.
- SETTE, Mario. **Maxambombas e Maracatus**. 4ª ed. Recife: FUNDARPE, 1981.
- SILVA, Rogério Forastieri da. **História da historiografia**. Bauru: EDUSC, 2001.
- SLATTA, Richard W. Bandits and rural social history: a comment on Joseph. In: **Latin American Research Review**. Vol. 26. Nº 01. 1991. pp-145-151.
- SOBRINHO, Pedro Vicente Costa. NETO, Nelson F. Patriota. (orgs.) **Vozes do nordeste**. Natal: EDUFRN, 2001.
- SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SOUTO MAIOR, Armando. **Quebra-quilos: lutas sociais no outono do império**. São Paulo: Editora Nacional (Brasília), 1978.
- SUASSUNA, Ariano. **O auto da compadecida**. 35ª edição. São Paulo: Editora Agir, 2005.
- TERRA, Ruth. **Memória de Lutas: literatura de folhetos no Nordeste (1893-1930)**. São Paulo: Global, 1983.
- THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. **Senhores e Caçadores**: a origem da lei negra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TORRES FILHO, Geraldo Ferraz de Sá. **Pernambuco no tempo do cangaço**: (Antonio Silvino, Sinhô Pereira, Virgulino Ferreira “Lampião”): Teophanes Ferraz Torres: um bravo militar. Coleção Tempo municipal n-22. Vol. 01 (1894-1925). e Vol.02. (1826-1933). Recife: Bagaço, 2003.

VIANA FILHO, Luiz. **A verdade na biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945

VILLA, Marco Antonio. **Vida e morte no sertão**: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

WHITE, Hayden. Teoria Literária e a escrita da História. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Vol.07, nº 13. 1991. pp-21-48.

WHITE, Hayden. **Tropics of discourses**: essays in cultural criticism. Baltimore. 1978.

ZAIDAN FILHO, Michel. **PCB (1922-1929)**: na busca das origens de um marxismo nacional. São Paulo: Global universitária, 1985.

ARTIGOS E SITES

NICÉIA, Alcides. **Foram 4 os Azulão do cangaço**. Subscrição anual. Número avulso. Nº 159 Folclore. Junho de 1985. Acervo da FUNDAJ.

CARVALHO, José Murilo de. **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo**: uma discussão conceitual In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-2581997000200003&lng=pt&nrm=iso acesso em 30 de outubro de 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Apresentação do Dossiê “História Cultural e Multidisciplinaridade”**. In: Revista de História e estudos culturais. Out/Nov/Dez. Vol. 04. Ano IV. N-4, www.revistafenix.pro.br. Acesso em 13 de jul. 2009.

http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_gustavobarroso.htm. Acesso em 05 de dez. 2009

<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/FranciscoChagas/franciscoChagas.html>. Acesso em 05 de dez. 2009.

<http://www.fundaj.gov.br/docs/mario/msm.html>. Acesso em 03 de dez. 2009.

http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/leandro_biografia.html. Acesso em 05 de dez. 2009.

DOCUMENTOS

Jornal Pequeno – 1900-1944

Diário de Pernambuco – 1988-1944

Folha do Povo - Limoeiro – 1908- 1911

Jornal do Recife – 1914

Correio do Recife - 1914

*Certidão de óbito de Manoel Batista de Moraes (Antonio Silvino) lavrada no 1º Cartório – Avenida Floriano Peixoto, Campina Grande-PB. Assinada pelo escrivão Severino Cavalcanti Junior em 26 de setembro de 1969.

*Ofício enviado pelo Tenente Teófanos Ferraz Torres ao chefe de polícia, relatando a prisão de Antonio Silvino. Fundo SDS. Delegacia de Polícia de Taquaritinga. Vol(1910-1916). 01/12/1914.

*Discursos parlamentares. São Paulo: IPE, 1949. p.12

*Livro de Batismo da Igreja de São José da Freguesia de Ingazeira. 1872.

*Livro de Tombo da Igreja de São José da Freguesia de Ingazeira

*Ofício nº 3212 de 01 de dez. 1914, enviado pela Repartição de Polícia Central de Pernambuco ao administrador da Casa de Detenção do Recife. Livro nº 1.665 de correspondências recebidas. Fundo CDR. Nº 2.5/72. nov a dez de 1914. Ms. APEJE.

*Ofício nº 3295 de 01 de dez. 1914, enviado pelo Chefe de Policia de Pernambuco, Joaquim Maurício Wanderley, ao administrador da Casa de Detenção do Recife. Livro nº 1.665 de correspondências recebidas. Fundo CDR. Nº 2.5/72. nov a dez de 1914. Ms. APEJE.

*Livro das Partes das Ocorrências Diárias da Casa de Detenção do Recife dos anos de 1914-1915. nº 4.8/54. Ms. APEJE

*Livro de Relatório da Casa de Detenção de 01 de jan a 31 de dez 1918. Fundo CDR. APEJE

*Entrevista realizada por Eliane Fernandes do CEHIBRA- FUNDAJ em 28/05/1982. FUNDAJ.

***Francisco das Chagas Batista**. Rio de Janeiro. Fundação Casa Rui Barbosa. 1977

* TEIXEIRA, Antonio Farias. **Almanak do mensageiro da fé para o ano de 1917**, editado pelos Franciscanos. Typ. De São Francisco, Bahia. P. 113-117.

FOLHETOS DE CORDEL

Leandro Gomes de Barros

- Como Antonio Silvino fez o diabo chocar
- Antonio Silvino o rei do cangaço

- Antonio Silvino no Júri (debate do seu advogado) - 1916
- O sonho de Antonio Silvino na cadeia em que lhe apareceram as almas de todos os que ele matou - 1918
- A visão e Antonio Silvino (s/d)
- O nascimento de Antonio Silvino (s/d)
- As lágrimas de Antonio Silvino por Tempestade – 1909
- Exclamações de Antonio Silvino na cadeia - 1914

Folhetos de Francisco das Chagas Batista

- A vida de Antonio Silvino - 1905
- A História de Antonio Silvino – 1907
- A História de Antonio Silvino – Setembro de 1907 a Junho de 1908 (contendo a xilogravura do cangaceiro)
- Os cálculos de Antonio Silvino - 1907
- A Política de Antonio Silvino / A morte de Cocada - 1908
- Novas Lutas – Antonio Silvino – 1909
- Novas empresas de Antonio Silvino – 1912
- As orações de Antonio Silvino (s/d)
- Antonio Silvino: vida, crimes e julgamento (s/d)

ANEXOS



Fonte: Antonio Silvino no dia em que foi indultado. Diário de Pernambuco. 04 de fev. 1937. p. 02. FUNDAJ



Fonte: Antonio Silvino no dia em que saiu da cadeia. Diário de Pernambuco, 20 de fev. de 1937. p.02.



Fonte: Casa da Prima Teodulina Cavalcanti, onde Antonio Silvino faleceu no ano de 1944 - localizada na Rua Arrojado Lisboa, Campina Grande – PE. Foto retirada do livro: BARBOSA, Severino. **Antonio Silvino: O Rifle de Ouro. Vidas, combates, prisão e morte o mais famoso cangaceiro do sertão.** 2ª edição. Recife. CEPE. 1979.



Fonte: Fotografia de Dona. Teodulina Cavalcanti, Prima de Antonio Silvino. Foto retirada do livro: BARBOSA, Severino. **Antonio Silvino: O Rifle de Ouro. Vidas, combates, prisão e morte o mais famoso cangaceiro do sertão.** 2ª edição. Recife. CEPE. 1979.